

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

ANNAIS

DO

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

VOL. V

1944



1955

101111
BIBLIOTECA
12 11992

Sumário-Índice



	Pág.
<i>Documentário da ação do Museu Histórico Nacional na defesa do Patrimônio Tradicional do Brasil</i>	5
<i>As igrejas de Minas e a Sé Velha da Bahia</i>	6
<i>A cidade sagrada</i>	10
<i>A casa de Marília</i>	14
<i>Relatório ao Presidente Antônio Carlos</i>	23
<i>Plano de restaurações em Ouro Preto — 1935</i>	33
<i>Resumo dos chafarizes e fontes existentes em Ouro Preto</i>	44
<i>Resumo das pontes existentes em Ouro Preto</i>	71
<i>Igrejas e capelas em Ouro Preto</i>	90
<i>Execução dos Serviços</i>	125
<i>Inspetoria de Monumentos Nacionais</i>	127
<i>Relatórios das restaurações</i>	129
<i>O que diz o Guia de Ouro Preto</i>	163
<i>Dragões da Independência — Escola Militar — Batalhão de Guardas</i>	169
<i>Colaboração com os Ministérios da Guerra e da Educação</i>	170
<i>Museu Imperial</i>	172
<i>Exposições no estrangeiro</i>	173
<i>Os símbolos nacionais</i>	173
<i>O tombamento de Diamantina</i>	175
<i>Ordem do Mérito Civil</i>	175
<i>Regulamento da Ordem Nacional do Mérito Civil</i>	178
<i>Regulamento do Museu da Cidade do Rio de Janeiro</i>	180
<i>Museu da Aeronáutica</i>	190
<i>O Curso de Museus</i>	191
<i>Regulamento do Curso de Museus</i>	201

DOCUMENTÁRIO DA AÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL NA DEFESA DO PATRIMÔNIO TRADICIONAL DO BRASIL

Já é tempo do Museu Histórico Nacional documentar, para conhecimento público e perpétua memória da verdade, sua constante e devotada atenção na defesa do patrimônio histórico e artístico do país e no culto de sua tradição. Da diretoria do Museu partiu a idéia de defender os nossos monumentos nacionais; por ela durante anos seguidos se bateu o seu diretor e, depois de ter criado o órgão encarregado dessa defesa, de 1934 a 1937 o *dirigiu gratuitamente, não recebendo dos cofres públicos nem sequer passagens para ir fiscalizar em Minas Gerais as obras a seu cargo*. Esse órgão, intitulado Inspetoria de Monumentos Nacionais, teve no decurso de sua trabalhosa existência a verba total de 200 mil cruzeiros, sendo num ano 100 mil e nos dois restantes 50 mil em cada um. Com essa relativamente módica importância, realizou as obras que se verão a seguir, isto é, a restauração de quase todos os templos, pontes e chafarizes tradicionais de Ouro Preto. Foi essa Inspetoria de Monumentos Nacionais que o Ministro Capanema transformou em Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ampliando seus quadros e atribuições.

A idéia nasceu da visita que, em agosto de 1926, o Diretor do Museu Histórico, Dr. Gustavo Barroso, de volta dos festejos da transferência da gloriosa bandeira do 17.º de Voluntários da Sé de Mariana para o Museu Arquiepiscopal da mesma cidade, fêz a Ouro Preto, cujo abandono era na verdade de lamentar. Impressionado com o estado de ruína da

velha metrópole das Minas, voltou à mesma em 1928 e procurou, com o mais vivo empenho, interessar na restauração da cidade o Governo do Estado. A situação era alarmante. Caíra o telhado da igreja do Rosário, que as chuvas arruinavam dia a dia. Viera abaixo o mirante e metade da cobertura da famosa Casa dos Contos. Terminava a administração municipal a criminosa demolição da Casa de Marília de Dirceu.

O Diretor do Museu Histórico conferenciou em Belo Horizonte com o então Presidente Antônio Carlos e d'ele obteve a verba de 200 mil cruzeiros para as obras urgentes de Ouro Preto, os quais foram entregues à Prefeitura local, pela qual correram todos os pagamentos, ficando aquêlê Diretor encarregado pelo Governo mineiro unicamente de inspecionar, como técnico, os trabalhos de restauro. Conversou ainda o referido Diretor, no Rio de Janeiro, com o então Ministro da Viação, Dr. Victor Konder, de quem dependia o prédio da Casa dos Contos como sede dos Correios, em Ouro Preto, e conseguiu daquele titular 50 mil cruzeiros a serem empregados diretamente pelo Ministério nas obras necessárias, encarregando-se o Diretor do Museu tão somente da fiscalização técnica da restauração.

Pari-passu, usando de sua profissão de jornalista, aquêlê Diretor chamou a atenção pública para o assunto com algumas notas na imprensa, sem assinatura, e os seguintes artigos por êle próprio assinados, como se verá.

O primeiro a 26 de julho de 1928, no "Correio da Manhã":

As igrejas de Minas e a Sé Velha da Bahia

"O Sr. Antônio Carlos pretende realizar na sua terra uma obra inteligente e digna de todos os louvores: a defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Tradicional de Minas, que é dos mais ricos do Brasil. Já o Sr. Melo Viana dera alguns passos, os primeiros, nesse sentido, procurando impedir a saída de antiguidades do Estado e auxiliando a conservação e restauração de monumentos como a igreja de S. Francisco de Assis, em Ouro Preto.

As obras executadas nesse maravilhoso templo alevantado pelo Aleijadinho, infelizmente, não foram confiadas a um conhecedor do assunto ou a um homem de gosto e saber. Assim, meteram no corpo da igreja um rodapé de ladrilhos brancos modernos. É sabido que as igrejas de Minas, com exceção do Carmo, de Ouro Preto, não têm azulejos. A cerâmica nos tempos coloniais raramente passou do litoral para o interior devido às dificuldades de transporte, todo êle em lombo de burro ou em carros de bois. Além do grande pêso, estava sujeita a quebrar-se fâcilmente. Apesar dos ladrilhos nesse rodapé defenderem bastante as partes inferiores das referidas paredes, seria melhor deixá-las como sempre foram. Que ao menos tivessem escolhido azulejos de estilo colonial — há tantos! — e não êsses de leiteria ou café suburbano.

As portas eram verdes, como de uso nas igrejas antigas. Pintaram-nas de castanho e fingindo madeira. A mesma coisa fizeram com tôdas as grades e balaustradas de jacarandá. Horrível! Por felicidade, em qualquer tempo, essa tinta poderá ser tirada com um pouco de soda cáustica, recebendo a madeira aquilo que merece: cêra.

Entretanto, a boa sorte preservou o templo franciscano do Aleijadinho de piores estragos, pois que nas pinturas se limitaram a uns toques de branco e amarelo nas molduras. Os quadros ficaram intactos, mas não os refrescaram, como era mister.

Malgrado tais senões, a restauração dessa linda igreja foi vantajosa. Protegeu-a. Limpou-a. Deu-lhe mais um século de vida. E é de louvar o bom gosto que presidiu a alguns consertos, sobretudo o lajeamento do pátio pela forma antiga.

O Sr. Antônio Carlos pretende realizar um grande plano de defesa dos monumentos históricos de Minas, tanto os de valor artístico como os de valor tradicional, quer leigos, quer religiosos. Para isso, procurará conservar as igrejas, chafarizes, pontes e outros vestígios do passado daquela terra nas suas principais cidades históricas: Ouro Preto, Mariana, Sabará, Cachoeira do Campo, S. João d'El Rei, Tiradentes, Diamantina, etc.; organizará um museu, mandará copiar em

fotografias e desenhos tóda a documentação arquitetural, de mobiliário e de usos que fôr possível; e fará de Ouro Preto uma verdadeira Nurembérgia do sertão.

Está dando arras de sua decidida inclinação nesse sentido, mandando restaurar, com todos os cuidados, a fim de evitar os erros cometidos em S. Francisco de Assis, a formosa igreja do Rosário de Ouro Preto, irmã gêmea em traço e estilo da de S. Pedro de Mariana, onde hoje está instalado o precioso Museu Arquiepiscopal dêsse notável e incansável episcopo, energia criadora e coração apaixonado do belo e do bom, D. Helvécio Gomes de Oliveira. Também ordenou a restauração de todos os magníficos chafarizes coloniais de Ouro Preto, glória ornamental da velha e querida cidade. E temos informações pessoais de que, dentro de breve lanço de tempo, outras providências serão tomadas.

Todos quantos amamos a tradição no nosso país devemos nos rejubilar com essa demonstração de inteligência e cultura, dada públicamente pelo Sr. Antônio Carlos, e apoiá-lo no seu desiderato com tódas as nossas fôrças.

Mais entrada em anos e mais rica de cabedais históricos do que Minas é a Bahia. Depois que a visitou, disse-me uma vez o Sr. Washington Luiz (que já conhecia Minas), é que pôde avaliar quanto era maior a sua riqueza em arte e história. Filha primogênita da colonização, a Bahia ostenta igrejas maravilhosas e conventos ainda mais maravilhosos, como êsse de S. Francisco de Assis, recentemente dado a conhecer ao Rio de Janeiro através duma conferência notável. Todavia, parece que ali há menos culto pelo passado do que em Minas, atualmente.

O caso recente da Sé Velha da cidade do Salvador permite êsse pensamento.

Essa igreja é talvez o mais antigo monumento religioso do Brasil, devendo ter sido construída por volta de 1580. É do século XVI, enquanto que os templos de Minas datam de fins do século XVII e comêços do XVIII, e mesmo alguns de seus belos chafarizes são da primeira década do XIX.

Dada a sua antiguidade e valor tradicional, a Sé Velha da Bahia, como as igrejas mineiras, deixou de ser coisa local

para pertencer de fato ao patrimônio do Brasil, Brasil-Raça, Brasil Nação, Brasil Humanidade. Todos os brasileiros têm o direito de velar por êle e daí o que me arrogo nestas colunas de jornal.

Obra antiga e batida pelos temporais das lutas na guerra holandesa, com a sua fachada que dá para o mar ainda incompleta, ela apresenta os característicos mais puros do barroco português do início, no seu meio revestimento. Pode dizer-se que é uma igreja da Renascença. Tôda a suntuosa floração do Renascimento se sente na porta lateral que dá para a atual rua Chile. Como trabalho de pedra de obragem bem lavrada nesse estilo, é êsse um dos raros exemplares existentes em tôda a América.

A municipalidade da Bahia encarece de oito ou dez anos a esta parte o alinhamento e o alargamento da rua Chile. Para isso é necessário demolir a Sé Velha. Ponhamo-la abaixo! gritam os que só enxergam nas coisas as aparências materiais. E os que nelas sentem uma alma protestam e procuram impedir a profanação, o crime.

Informa-me em carta um amigo que a Cúria da cidade do Salvador, contentando-se com a indenização de 300 contos, permite que se derrube e reduza a um montão de calça a igreja mais antiga do Brasil. É duro de acreditar, mas tudo é possível. Apela, entretanto, o Brasil inteiro, com sentimento e fé, para o Sr. Vital Soares, atual Governador da Bahia, aponta-lhe o belo exemplo que está dando o Sr. Antônio Carlos e espera que tudo se fará para que se não cometa êsse delito.

Faça-se no local uma praça, modifique-se o traçado da rua, porém, salve-se a Sé Velha.

Leia o Sr. Vital Soares êste conselho de Pierre Loti: "Guardemos a tradição de nossos pais que parece nos prolongar no passado e no futuro, tornando-nos dignos dos homens e dos tempos que hão-de vir." Leia e compreenderá as razões de patriotismo e amor à tradição que ditam as linhas dêste artigo."

(a) *Gustavo Barroso*

No dia 3 de novembro do mesmo ano, publicava o citado “Correio da Manhã” o seguinte:

A cidade sagrada

“Sou um velho amigo de Ouro Preto. Antes de pisar o solo sagrado daquela velha metrópole das Minas, sonhava com o prestígio de sua história e o mistério de sua lenda. E, quando, ao organizar o Museu Histórico, olhava o mostruário sob cuja tampa de cristal luziam as dobras e dobrões de ouro de lei do reinado do faustoso D. João V, meu espírito se perdia nas brumas dos tempos idos e diante dêle desfilavam as legiões de ásperos, destemidos bandeirantes, garimpeiros e faiscadores, que, rompendo os sertões ínvios, caçando o indígena, escravizando o negro, sequiosos de aventura e de riqueza, fundaram nas covoadas da serra do Itacolomi a celebrada Vila Rica de Albuquerque.

Pela primeira vez cheguei a essa cidade numa noite linda de agosto. Até hoje a impressão que me causou perdura viva na memória. A lua subia, curiosa, acima do espigão da serra. E, no alto dos morros escuros, as tôrres brancas das igrejas atalaiavam o silêncio. Parece-me que caminhei devagar, procurando não fazer ruído, como se tivesse receio de acordar em cada viela torcicolosa e deserta as sombras das gerações desaparecidas. A cada passo, a história de Minas dava-me uma lição. Torneei a matriz e dei com o largo esconso, hoje quase transformado em rua, onde os cavalos arrastaram a Filipe dos Santos, um dos primeiros sonhadores da Liberdade. Vi o caminho tortuoso que levava ao Alto das Cabeças, onde tantas bôcas de condenados e de inocentes, com o rictus da morte impresso definitivamente nos lábios, pareceram dizer ao viandante:

— Detem-te e apiada-te dos horrores que padecemos!

Vi o maravilhoso templo do Rosário, irmão gêmeo do de S. Pedro de Mariana, enegrecido pelo mugre dos centenários, ferido do raio, abandonado dos homens, solene e mudo sob a bênção do luar e o iunçe trêmulo das estrêlas. E ainda me sobrou tempo para rondar a Casa dos Contos, à espera de ver

com os olhos da minha imaginação superexcitada os vultos dos Inconfidentes, os juizes da Alçada, a gente dos quintos do ouro e, na sua casaca de veludo azul, de aba repuxada pelo fino quitó dourado, punhos e bofes de rendas, o rabicho amarrado por um laço de fita preta, austero e presunçoso, o próprio Visconde de Barbacena...

Dormi agitado e o dia seguinte foi de deslumbramento. Sem me cansar, ladeiras acima, ladeiras abaixo, visitei as igrejas, desde a capela do Padre Faria, singela e nobre, dominada pela cruz tripla dos patriarcas bizantinos e dos Papas, à de S. João, pobre e discreta, com os seus 229 anos de idade; desde o templo de Antônio Dias, com seus túmulos de lutadores e de artistas, até o de S. Francisco de Paula, com as suas imagens de cerâmica, cujos gestos brancos de bênçãos se perdem no azul do céu; das Mercês de Cima às Mercês de Baixo; da imponência do Carmo ao esplendor decorativo de S. Francisco de Assis e à lenda negra de Santa Efigênia, onde os cajúes de pedra dos púlpitos são um dos raros documentos da estilização de nossas coisas pelos nossos artistas de antanho.

Admirei os chafarizes com seu latim e seus motivos variados dentro do mesmo estilo vigoroso; as velhas pontes com seus bancos circulares para a cavaqueira dos vizinhos encontradiços nas tardes rôxas, tranqüilas e discretas, à sombra hospitaleira dos braços de pedra das altas cruces; e os cemitérios quadrados, pequeninos e tristes, com suas campas murais umas sôbre as outras, a que só falta o mármore esculpido ou a pintura afresco para serem iguais aos das antigas comunas italianas: Orvieto, Verona, Pisa. Contemplei as pinturas e esculturas, o cabiúna entalhado e a pedra-sabão enflorada de relevos, a cantaria torturada a cinzel e a prata repuxada e burilada.

Ouvi da arte, da história e da lenda: do Aleijadinho e dos poetas da Arcádia, de Pascoal de Moraes e do seu arraial incendiado pelo Conde de Assumar, dos fantasmas que aparecem nas congostas e das luzes que erram pelos ermos nas noites de negror e de susto. Contaram-me os seus segredos as casas de Marília, de Gonzaga e de Cláudio Manuel. E, ante o terreno baldio e salgado do lar do alferes Tiradentes, evoquei

tôda a luta entre a tirania e a liberdade que povoa a dura, sangrenta e enlameadora história dos homens.

À sombra esvoaçante dos balsões, entre o brilho coruscante de lanças e de espadas, o grande e bárbaro Frederico Barba-Ruiva mandou arrasar a cidade rebelde de Milão, quando venceu a Lombardia. Depois, erguendo no ar a mão enluvada em aço, ordenou ferozmente aos seus soldados:

— Passem o arado sôbre essa terra maldita e nos regos abertos semciem sal. A gleba salgada jamais produzirá coisa alguma!

Como se enganava o déspota tudesco! Milão renasceu do nada e a liberdade não morreu nesse dia. A sentença cruel de D. Maria I, Rainha destinada à loucura, salgando o chão daquele pedaço da cidade, nem matou Ouro Preto, nem matou a liberdade.

Mais do que Guimarães em Portugal, Ávila dos Cavaleiros na Espanha, Avinhão ou Carcassona na França, Bruges nas Flandres, Nurembérgia na Alemanha, Ravena ou Galera na Itália, cidades adormecidas ou mortas, Ouro Preto me atrai e me fascina, porque ali não é sômente o passado que sinto, palpo e respiro, porém, o passado de minha terra, o passado de minha raça e o passado de minha língua.

Na efervescência das idéias e lutas modernas, no corre-corre, na lufa-lufa, no vai-vem desta prodigiosa época de aviões e radiote'grafia, a palavra passado provoca quase sempre um risinho de mofa. Mas a pressa dos dias atuais, as necessidades decorrentes da existência moderna não matarão nunca o passado, porque êle é a essência das coisas humanas. É o saber acumulado, é a experiência ganha, é o caminho feito, é o que há-de verdadeiramente conquistado. O presente escapa à relatividade do nosso conhecimento. Ainda bem não é e já deixa de ser. E o futuro resulta dos materiais que nós e todos os que nos antecederam reuniram. O desprezo do passado seria mais do que ingratidão, porque seria inconsciência. Por êle é que, na premissa positivista, os mortos governam os vivos. E por isso um luminoso espírito francês aconselha guardar carinhosamente as tradições, porquanto elas, parece,

nos prolongam a nós mesmos, como que nos ligando mais intimamente, tanto aos homens que morreram como aos homens que ainda hão-de vir.

Esse amor de nossas coisas fez-me voltar várias vezes a Ouro Preto e *pregar sempre a necessidade de tornar aquela cidade uma como cidade sagrada do Brasil*, defendendo dos insultos do tempo e protegendo das tolices dos homens a soberba floração dos seus monumentos. Felizmente, o Governo de Minas Gerais já compreendeu a urgente necessidade de tornar efetiva essa proteção. O Sr. Melo Viana facilitou meios de ser salva da ruína a mais bela obra do Aleijadinho: S. Francisco de Assis. E o Sr. Antônio Carlos poderá ser chamado sem lisonja o primeiro protetor daquela velha cidade. Confrangido pelo estado de abandono de seus edifícios, que talvez há um século não recebessem um conserto, após uma de minhas visitas a Ouro Preto, procurei, como amigo particular, o Presidente de Minas e expus-lhe a mísera situação das igrejas e outros vestígios da nossa antiga arte de construir, de entalhar e de pintar. Apelei para a sua cultura e para o seu patriotismo. O Sr. Antônio Carlos ficou tão preocupado quanto eu e imediatamente providenciou para a salvação do Patrimônio Histórico, Artístico e Tradicional do seu grande Estado. Desta sorte, graças a S. Ex.^a, em Ouro Preto se fizeram restauros sob a carinhosa direção do então Prefeito, Dr. João Veloso, orientado por mim. Quase todos os seus maravilhosos chafarizes se curaram das feridas do abandono e do tempo, sem que a obra da restauração tivesse ofendido o seu estilo e as suas características essenciais. Os trabalhos se estenderam aos templos do Rosário, do Carmo e à matriz de Nossa Senhora do Pilar. Tudo isso resolvido no espaço de dois anos. Foi verdadeiramente confortador para os que amam as nossas coisas e não descrêem do nosso futuro.

Era, nesse tempo, intenção do Sr. Antônio Carlos restaurar outras igrejas de Ouro Preto e, depois, salvar da destruição templos e chafarizes de Mariana, bem como o paço antigo do Conde de Assumar. Posteriormente, tôdas as obras de arte antiga e tôdas as relíquias de Minas seriam devidamente inspecionadas e consertadas por meio duma repartição especial,

que se devia criar em breve para êsse efeito, estando já tudo devidamente autorizado por lei.

O belo e nobre exemplo do Sr. Antônio Carlos foi, afinal, seguido por outros governantes no nosso país. Na Bahia, o maravilhoso Convento de S. Francisco, a Sé Velha, em vésperas de ser posta crimosamente abaixo, e tantas outras obras mereceram a atenção do Estado. Olinda e Recife estão cheias de vestígios e relíquias que exigem cuidado e amor.

O próprio Govêrno Federal, a quem pertence a famosa Casa dos Contos de Ouro Preto, não pode ser indiferente ao exemplo do estadista mineiro. Nêsse edifício, está instalada a agência dos Correios e êle ameaça cair aos pedaços. É urgente salvá-lo e restaurá-lo, colocando nêle todos os serviços federais do lugar e economizando, portanto, os aluguéis. Essa economia cobrirá a despesa.

Ouro Preto é uma Cidade Sagrada pela história, pela arte, pela tradição e pela lenda. É um nobre patrimônio que se não pode perder. E demos graças a Deus que o Sr. Antônio Carlos tenha bem compreendido isso.”

(a) *Gustavo Barroso*

Enfim, a 15 de novembro de 1928, no referido jornal, se estampava êste artigo:

A casa de Marília

“Desde a minha primeira visita a Ouro Preto, sempre tive na conta de verdadeira Casa de Marília aquela vivenda que a tradição apontava como tal e ficava a cavaleiro do chamado largo de Dirceu, no fim da pequena rampa que sobe ao lado dum velho chafariz de carrancas, hoje restaurado. Quando essa antiga mansão ainda estava de pé, fui vê-la certa manhã, em companhia do meu amigo Augusto de Lima Filho. Ficamos penalizados do estado a que o tempo e o abandono a haviam reduzido. Vimos que sua destruição seria próxima e

tiramos de sua porta uma velha aldraba de bronze, que ora se vê numa das vitrinas do Museu Histórico.

Tôda a gente em Ouro Preto me dizia que era aquela, com efeito, a Casa de Marília e nunca ouvi se discutisse tal ponto. Gonzaga mesmo indicava a sua posição a quem entrasse na cidade e a percorresse, vindo do Alto das Cabeças:

*Entra nessa grande terra,
Passa a primeira ponte,
Passa a segunda e terceira:
Tem um palácio defronte.*

D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas habitava em verdade a espaçosa mansão do bairro de Antônio Dias. Da sua terceira janela, avistava o noivo, conforme descreve Diogo de Vasconcelos, o qual se postava na última sacada da Ouvidoria, onde morava. Mario de Lima, a propósito dêsse namôro à distância, escreveu: “Surpreenderemos Gonzaga à varanda do seu casarão, a bordar versos e a entretecer bordados para a veste nupcial de Marília bela ou escutaremos as *conversas da ponte*, cheias de maledicência.”

Todos os que escreveram sôbre a venerável cidade mineira sempre se referiram àquele edifício singelo e vasto, de biqueira, que se erguia acima da pequena esplanada dominadora, além da famosa ponte romana, como sendo a verdadeira residência da noiva de Tomás Antônio Gonzaga. A tradição local apontava-a como tal. E, depois que ela foi posta abaixo, um notável homem de letras mineiro enviou à Academia Brasileira a sua chave dentro dum estôjo, dando àquela instituição literária o direito de optar pela sua guarda ou pela sua entrega ao Museu Histórico. Apesar do objeto ficar melhor exposto nêste último estabelecimento e ser mesmo próprio dêle, por proposta do meu colega Luís Carlos, preferiu a Ilustre Companhia conservá-lo.

Nem Diogo de Vasconcelos, nem Joaquim Norberto, nem Lúcio dos Santos, nem tantos outros historiadores mineiros jamais me dissuadiram, nas suas obras e escritos, de que a

Casa de Marília não fôsse, em verdade, a casa de Marília. De maneira que, na minha última visita à ex-metrópole das Minas (1928), fiquei confrangido diante do desaparecimento do solar tão célebre na história da Arcádia e da Inconfidência.

Demoliram-no recentemente e já no seu lugar se erguem as paredes do futuro Grupo Escolar Marília de Dirceu.

Visitando, uma noite, em sua residência, o ilustre Professor Bacta Neves, Prefeito da Cidade, tive dolorosa surpresa. Estava eu em companhia do meu amigo Odorico Neves e ouvi do proecto mestre que a Casa de Marília não passava duma lenda. Talvez ela tivesse existido ali; mas aquela que tôda a gente considerava como tal era muito mais moderna e tinha sido erigida pelo Barão de Ouro Branco.

Comentando com outro amigo, no dia seguinte, em um dos cafés da rua Tiradentes, essa novidade sensacional para mim, tive o prazer de travar relações com um jovem engenheiro, o Dr. Jerson Dias, que fôra o encarregado da triste demolição. Disse-me êle que julgava não se tratar mesmo da Casa de Marília, pois encontrara nas ripas e madeiramentos das taipas pregos modernos, dêsses de maço, fabricados mecânicamente. Ora, se se tratasse de moradia construída nos tempos coloniais, os pregos deveriam ser de forja, pois eram os únicos usados naquela época.

Como a observação me parecesse preciosa e o argumento justo, pedi ao referido engenheiro me desse um laudo escrito sôbre o assunto, porquanto era uma questão histórica digna de ser ventilada. E êle m'ô prometeu.

No seu número de 4 do corrente, o jornal "Ouropretano" publica um local em sua primeira página alusivo ao caso, sob a epígrafe "Desfez-se o lôgro"? Entre outras coisas, diz o seguinte:

"Há muitos anos, muitas e muitas dezenas de anos, tôda Ouro Preto vem vivendo sob a influência de um terrível lôgro. Só agora, com a permanência de alguns dias entre nós do sr. Dr. Gustavo Barroso, é que, não sômente Ouro Preto, mas todo o Brasil, vai ficar ciente de que a Casa de Marília de

Dirceu não foi demolida como tôda a gente supõe. Não foi demolida, porque, em verdade, essa casa, que vivia na imaginação de todo brasileiro como sendo uma tradição ouropretana e cujo desaparecimento os jornais desta cidade lamentaram, não existia. A casa que todos supunham de Marília de Dirceu não era a autêntica...

O Dr. Gustavo Barroso afirmou-nos que ouvira alegações interessantes do sr. Jerson Dias, uma das proeminentes figuras da nossa engenharia, diplomado pela Escola de Minas, que em dados básicos vai tirar a dúvida terrível que pesa sôbre nós — de que a Casa de Marília não havia sido demolida!... Disse-nos ainda o Dr. Gustavo Barroso que o nosso conterrâneo prometera enviar-lhe notas elucidativas de seu abalisado parecer."

É verdade. Repeti ao jornalista o que, com espanto, ouvi em ocasião, aliás, em que me não achava desacompanhado. Estou, porém, metido nessa questão como Pilatos no Credo. Não tenho competência nem documentação para afirmar que a casa posta abaixo foi ou não foi a autêntica da noiva de Genzaga, esquecida e substituída no exílio por D. Julieta de Souza Mascarenhas. Mas não resisto ao desejo de lançar o assunto, que é interessantíssimo, ao clássico tapete da discussão. Embora me faleçam os meios de tomar parte na mesma, julgo que os historiadores, críticos e eruditos mineiros devem se ocupar com o caso, ventilá-lo e decidir de vez se a casa demolida era ou não a de Marília. Se não era, o crime cometido merece ser cancelado. Se era, profliguemo-lo.

A tristíssima verdade é que, como profetizou um jornal de Ouro Preto há três anos, ali sômente de Marília o nome resta..."

(a) *Gustavo Barroso*

Vê-se bem por êsses artigos que, num momento em que ninguém se lembrava de proteger a tradição monumental brasileira, isso era uma preocupação constante do Diretor do Museu Histórico Nacional.



Fachada lateral da Casa dos Contos, chaminé e vaso com carranca, restaurados sob a direção do Dr. Gustavo Barroso. Por cima do telhado o edifício moderno que se vê é o hotel construído pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Até julho de 1934, sòmente o Govêrno de Minas se interessou pelo assunto. Nesse ínterim, deixava o Sr. Antônio Carlos o poder e seus sucessores, assoberbados pelas complicações políticas decorrentes da Revolução, nada fizeram em favor de Ouro Preto. De 1930 a 1932, esteve o Dr. Gustavo Barroso afastado da direção do Museu. Reintegrado na mesma, voltou a trabalhar pela defesa do nosso patrimônio monumental e conseguiu do ilustre titular da pasta da Educação, Dr. Washington Pires, conjuntamente com a reforma do Museu Histórico, a criação da Inspetoria de Monumentos Nacionais, a seu cargo, gratuitamente. Auxiliou-o grandemente nesse desiderato o digno chefe de gabinete, Dr. Heitor de Farias. Do mesmo modo que insistira com o Presidente Antônio Carlos e com o Ministro Victor Konder para que o dinheiro das restaurações de Ouro Preto não lhe passasse pelas mãos, fêz o citado Diretor questão das suas novas atribuições não serem remuneradas, a fim de poder, em qualquer tempo, afirmar que sòmente o patriotismo o inspirava e nunca tivera em mira adquirir proventos, usufruir lucros ou arranjar emprêgo.

O Ministério da Viação entregara a direção material do consêrto da Casa dos Contos a um jovem e distinto Engenheiro da Repartição Geral dos Telégrafos, Epaminondas de Macedo, o qual colaborou fraternalmente com o Dr. Gustavo Barroso. Êste o escolheu em 1934, requisitando-o para a Inspetoria de Monumentos, a fim de se encarregar das obras que tinha em mente realizar. Isso levou tempo, devido aos entendimentos que se fizeram necessários e às demoras burocráticas da praxe. O decreto que reformou o Museu Histórico e criou a Inspetoria de Monumentos foi o de n.º 24.735, de 12 de julho de 1934, e o Sr. Epaminondas de Macedo sòmente pôde ser designado por portaria do Diretor do Museu, a 2 de dezembro de 1935. Começou, porém, a trabalhar dedicadamente antes disso.

Serviram de intermediários entre o Dr. Gustavo Barroso e o ilustre engenheiro seus bons amigos Dr. João Veloso, então Prefeito de Ouro Preto, Professor Angyone Costa, na ocasião digno secretário do Museu Histórico. A 13 de junho

de 1935, o Prefeito João Veloso escrevia a seguinte carta, de Ouro Preto:

“Prezado amigo Dr. Gustavo Barroso. Minhas atenciosas saudações. Esperei que o Dr. passasse por aqui antes de regressar para o Rio, pois me havia prometido vir brevemente a Ouro Preto para estudar as condições de conservação dos nossos monumentos artísticos; lamento profundamente que assim não tenha sido e estou certo de que motivos imperiosos o impediram de fazer. Fui procurado pelo Engenheiro Epaminondas Rodrigues de Macedo, que se mostra desejoso de ser encarregado da execução dos serviços reclamados para a conservação daqueles monumentos, e disse-me que irá ao Rio para entender-se com o Sr. sôbre êste assunto. Respondi-lhe que ao Dr. Gustavo Barroso compete qualquer solução sôbre êsse negócio. De viva voz, eu diria francamente ao Sr. o meu conceito, isto é, sôbre a conveniência de contratar-se profissional para executar os mencionados serviços; mas o Sr. resolverá como melhor entender; sômente o que todos nós desejamos é que o Sr. aproveite tôda a verba concedida. Agora não sei quando terei a ventura de vê-lo aqui entre os nossos monumentos artísticos e as nossas alterosas montanhas. Com a mais elevada estima subscrevo-me, seu am.^o at.^o *João Veloso.*”

Entre Epaminondas de Macedo e Angyone Costa trocou-se esta correspondência:

“Ouro Preto, 10 de julho de 1935. Meu caro Dr. Angyone. Abraços. Depois da nossa última conversa, estive no Departamento dos Correios e Telégrafos e lá soube das providências que eu devia tomar para ser processado com a urgência requerida o meu afastamento e conseqüente requisição do Diretor do Museu para dirigir as obras de conservação desta cidade; em vista disso, sábado já muito tarde deixei o Gabinete do Diretor Geral do Departamento e ainda nesse mesmo dia vim a Belo Horizonte. Segunda-feira, tomei as providências necessárias e lá estive até ontem à tarde, deixando tudo assentado para logo que o Dr. Gustavo Barroso

oficiar pedindo a minha requisição o Diretor Regional aqui processar o expediente imediatamente; será questão de horas. Voltei aqui, a fim de obter fotografias necessárias ao meu trabalho e orçar as obras para o Carmo e S. Francisco, supondo talvez serem de mais efeito os serviços nestas duas igrejas do que a recomposição de três chafarizes que se possam considerar desinteressantes; isso, entretanto, é assunto para ser resolvido pelo Dr. Gustavo Barroso. Hoje acabo de receber um telefonema do Dr. Luís Camilo, avisando-me que, devido ao excesso de papéis para despacho e tendo ainda sido iniciado o despacho bem tarde com o Presidente da República, não foi autorizado o serviço por administração; entretanto, eu tivesse a certeza de que na próxima segunda-feira tudo sem falta estaria liquidado. Espero até sábado estar com as obras orçadas do Carmo e S. Francisco e domingo seguirei para aí; segunda procurarei o amigo. Quanto à cópia do meu trabalho já está comigo e entregarei aí. Recomendações ao Dr. Barroso. Subscrevo com admiração, *Epaminondas de Macedo*. Em tempo: O Prefeito esteve comigo e disse-me que esperava o Dr. Barroso breve. Nada deixei transparecer.”

“Ouro Preto, 21 de julho de 1935. Caro Dr. Angyone Costa. Abraços. Vejo-me hoje obrigado a ainda aqui permanecer até quarta-feira pela razão única de um acidente no tornozelo direito, em consequência de uma pequena queda, quando estava em observação na igreja de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, para os estudos de orçamento, pois o Ministro da Irmandade me autorizou a fazer os estudos para sua conservação, comprometendo-se a concorrer com 50%. Hoje, quase bom, concluo o orçamento que levarei com o do Carmo e seis fotografias. Aqui estêve o arquiteto Raul Lino e família; tive satisfação de receber elogios pelo meu trabalho na Casa dos Contos. Disse-me o Dr. Luís Camilo por telefone que o Ministro já estêve com o Presidente e lhe falou sôbre os trabalhos aqui e que tudo já está resolvido; ante esta notícia sigo até quarta para aí. Recomendações ao Dr. Barroso e subscreve-se o am.^o agd.^o *Epaminondas de Macedo*.”

“Rio, 21 de julho de 1935. Meu caro Epaminondas. Abraços. Mando-lhe neste rápido bilhete o aviso do recebimento de suas cartas e das fotografias. Não me esqueci do compromisso assumido com você de empregar todos os meus fracos préstimos para a solução favorável do caso da reconstrução de Ouro Preto. Tenho feito tudo ao meu alcance e, desde muito, está o processo em poder do Presidente, que dêle teve impressão favorável. Ainda não foi, entretanto, despachado e, diàriamente, o Drummond tem telefonado à Secretaria da Presidência, solicitando a sua devolução. É coisa, portanto, para ser resolvida dum momento para outro. Mais do que se tem feito é impossível, pois tôdas as dificuldades burocráticas, que são montanhas, foram eliminadas. V. espere tranqüilo e confiante na minha promessa, no meu interêsse pelo excelente trabalho que V. vai executar, na sua situação pessoal que não perco de vista. Abraços afetuosos. *Luís Camilo.*”

“Ouro Preto, 24 de julho de 1935. Meu caro Dr. Angyone. Abraços. Ainda hoje não posso daqui sair; não concluí o orçamento de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Mando o de Nossa Senhora do Carmo com algumas fotografias que ilustram o trabalho. Poderá o amigo com o Dr. Barroso verem o estado exterior desta igreja. Internamente, foi ela conservada há pouco tempo (*sob a direção do Dr. Gustavo Barroso em 1928*), de modo que nada fiz no interior. Incluo com esta uma carta do amigo Dr. Luiz Camilo. Por ela o Sr. verá que o negócio está a sair a qualquer instante. O Presidente é quem está atrasando e eu aqui louco para iniciar; espero, entretanto, que ainda desta vez êle assinará; assim que receba aviso do Camilo, seguirei até aí. No Departamento está tudo providenciado; nestas condições, acho que, depois de assinado, iniciaremos os trabalhos com 15 dias de espaço. Recomendações ao Dr. Barroso. Amigo agradecido *Epaminondas de Macedo*. N. B. Peço guardar tudo para ser incluído na cópia do meu trabalho que lhe entregarei ao chegar aí.”

“Ouro Preto, 5 de agosto de 1935. Caro Dr. Angyone. Abraços. Procurando sempre pôr o prezado amigo aí ao par de minhas providências sôbre o assunto palpitante da conservação de Ouro Preto, ao qual tenho aqui tudo procurado fazer para apressar sua concretização, agindo junto de alguns amigos e já com o compromisso assumido por outros aí, comunico-lhe que sábado fui procurado pelo Dr. Luís Camilo que me avisou pelo telefone haver o Sr. Carlos Drummond já providenciado para que o Presidente, no despacho de hoje, assinasse a autorização para ser o serviço efetuado por administração pelo Museu, conforme lhe falei. O processo ainda sexta-feira estava na Secretaria da Presidência; mas hoje tudo seria resolvido com o despacho. O ambiente é de plena confiança e nada há a recear. Caso, entretanto, surja algum contratempo, eu, devendo estar aí quinta-feira, combinarei com êle outra providência, de acôrdo com o Dr. Barroso, para levantamento da verba. Peço recomendar-me ao Dr. Barroso. Subscrevo-me, amigo agradecido. *Epaminondas Macedo.*”

Como se vê por essa correspondência, foi com verdadeiro entusiasmo que o Engenheiro Epaminondas de Macedo atendeu ao convite do Dr. Gustavo Barroso para se encarregar da direção material dos serviços da Inspetoria de Monumentos, que batalhou para apressar sua requisição e para a entrega da verba de reparações por adiantamento, a fim de começar o mais cedo possível o seu trabalho. Esse entusiasmo não arrefeceu na sua alma durante o tempo em que trabalhou para o Museu Histórico e jamais nenhum incidente empanou as suas relações com o Diretor dêsse Instituto. Foi sempre um auxiliar competente, capaz, brioso, honesto e disciplinado.

Antes de estar oficialmente à disposição da Inspetoria, se entregara, como foi dito, ao trabalho com prazer e afinco, como o prova a seguinte carta: “Ouro Preto, 2 de junho de 1935. Caro Dr. Angyone. Saudações. Em cumprimento ao que me obriguei junto ao Dr. Gustavo Barroso e ao distinto amigo, aqui estou executando o trabalho com o qual me apresento para pôr em execução as obras de restauro e conserva-

ção das construções históricas e artísticas desta cidade. Como é do meu desejo apresentar uma exposição detalhada e documentada e que encerre o máximo de atividades, só poderei dar por concluído êste trabalho até o fim desta próxima semana, devendo aí me apresentar no dia 10 ou 11 próximo. Fico, pois, tranqüilo de que ao distinto amigo agradará minha tarefa e tomará as providências necessárias para o rápido encaminhamento da verba, atendendo também que dentro de dois meses se iniciará o período das águas, de grande intensidade nesta cidade. Para qualquer informação que o prezado amigo exigir de mim, pode escrever para aqui. Não são necessários rua e número, sendo suficiente — Epaminondas de Macedo, Ouro Preto; até o dia 10. Subcrevo-me, amigo agradecido, *Epaminondas Macedo.*”

O Diretor do Museu pudera avaliar a inclinação do Dr. Epaminondas Macedo para as obras dessa natureza, quando êste resolveu, de acôrdo com êle, admiravelmente, o problema da reconstrução da Casa dos Contos, mantendo intacta sua aparência tradicional, porém fortalecendo-a internamente com um vigamento de concreto, arcabouço que, sendo invisível, em nada lhe prejudicou o aspecto e conservou de modo definitivo a sua estrutura. A Casa dos Contos acha-se atualmente em estado de ruína por falta de conservação constante e adequada.

Outro colaborador gratuito e dedicado foi o distinto artista e profundo conhecedor de nossas coisas, Sr. J. Wahst Rodrigues que, a pedido do Dr. Gustavo Barroso, desenhou as grades destinadas ao pro-nãos ou galilé da igreja do Rosário, até então fechado com velhas cancelas de madeira, e os bancos que se mandaram fazer para a nave e ainda hoje lá se encontram. O saudoso Sr. Odorico Neves, da Irmandade do Rosário e zelador da igreja, apelara para o Diretor do Museu, a fim de salvar da ruína o majestoso templo e êsse teve a felicidade de poder atendê-lo e de dotar a igreja com todos os melhoramentos. O referido diretor também atuou junto ao então Diretor da Central do Brasil, Dr. Romero Zander, conseguindo de sua generosidade o fornecimento gratuito das grandes lajes com que foram calçados os passeios do Rosário e da

Matriz do Pilar As cartas existentes nos arquivos do Museu Histórico documentam êsses fatos:

“Ouro Preto, 20 de junho de 1928. Exmo. Amigo Dr. Gustavo Barroso. Tenho em mão sua carta de 16 do corrente. Muito agradeço o interesse tomado junto ao Presidente Antônio Carlos relativamente às obras da igreja do Rosário. Que Nossa Senhora do Rosário lhe dê vida, saúde e felicidade, juntamente com a Exma. família, são os meus votos. Se o Sr. ainda não escreveu a D. Helvécio sôbre os objetos que pertencem à igreja e interessam ao Museu, não precisa consultá-lo, pois resolvi com os outros mesários cedê-los, conforme sua proposta, visto não pertencerem ao culto (*). Aguardando suas ordens, subscrevo-me amigo grato *Odorico Neves.*”

“Ouro Preto, 18 de novembro de 1928. Exmo. Am.º Sr. Dr. Gustavo Barroso. Sinceras saudações. Junto remeto os *croquis* das portas e do lajeado da igreja de Nossa Senhora do Rosário, para o fim combinado. Relativamente às pedras (lajes) que lhe pedi obter do Dr. Zander, Diretor da Central, podem ser tiradas na pedreira do Taquaral, próxima da estação de Itacolumi, pois a referida pedreira produz pedras de superior qualidade, apropriadas para o fim a que se destinam. O Caxambu e a Maria Cambinda estão na estação, porque não quiseram despachar com frete a pagar, conforme me autorizou a fazer. O agente disse-me ser melhor o Sr. enviar uma requisição. Em todo o caso, consulto se quer que despache com frete pago. As novas obras do Rosário vão bem adiantadas. O *Dr. Antônio Carlos mandou sustar a destruição do assoalho do Carmo.* Foi tarde, porque já haviam serrado quase tudo. Tenho lido seus artigos no “Correio da Manhã”. Agradeço pela parte que me toca. Do amigo grato *Odorico Neves.*”

“Ouro Preto, 1 de dezembro de 1928. Exmo. Am.º Sr. Dr. Gustavo Barroso. Confirmo minha carta de 18 do pró-

(*) Trata-se dum caxambu e duma Maria Cambinda, tambor e boneca usados pelos negros nas suas festividades, aos quais outras cartas se referem e se acham incorporados às coleções do Museu Histórico.

ximo findo. Junto remeto o conhecimento do Caxambu e da Maria Cambinda. Como já expliquei, a Central não quis despachar com frete a pagar, porque o despacho não tinha valor; por êsse motivo resolvi despachar com frete pago. Estou providenciando para arranjar as rótulas das janelas antigas de que me falou; logo que as obtenha avisarei. Os chafarizes já estão quase prontos, o telhado do Rosário já está bem adiantado. Temos encontrado muita madeira estragada, motivo por que ainda não se fechou o telhado da nave. Com meus cumprimentos, aqui fica ao inteiro dispôr o amigo grato *Odorico Neves.*”

“Ouro Preto, 30 de dezembro de 1928. Prezado Amigo Sr. Dr. Gustavo Barroso. Desejo-lhe boas festas e feliz ano novo. Recebi sua carta de 20, acompanhada do desenho das grades da igreja do Rosário. Devido às chuvas foi interrompido o serviço do telhado, porém, estão se fazendo os andaimes da parte interna. Já tinha sido avisado pelo Engenheiro Residente relativamente às lajes, porém êle me disse que só as fornece como saírem da pedreira. Como neste estado nos acarrete muita despesa, porque grande parte se perde, e, como é ordem do Sr. Ministro, as lajes podiam vir prontas. Rogo por isso suas providências a respeito. Os chafarizes estão quase prontos, exceto o que se acha aterrado. Dr. João Veloso manda consultá-lo se deve ou não atacar o desatêrro do mesmo e pedir-lhe, no caso afirmativo, para arranjar com o Diretor da Central o desvio dum bueiro que o atravessa. O Padre João (*) pede para agradecer-lhe a receita de restaurar os dourados da matriz e para conseguir que, conjuntamente com as lajes do Rosário, venham outras para o passeio em roda da matriz do Pilar. Aproveitando a oportunidade de sua próxima conversa com o Presidente Antônio Carlos, rogo-lhe tratar do assunto sôbre que lhe falei aqui. Antecipando meus agradecimentos, aqui fico ao seu dispor, amigo grato *Odorico Neves.*”

(*) Vigário da Matriz do Pilar.

Outras cartas do mesmo arquivo, como por exemplo do Dr. Mário de Lima, ilustre escritor, na época Secretário do saudoso Presidente Antônio Carlos, e do Capitão Mariano Chaves, ilustre oficial do Exército, filho de Ouro Preto e servindo na sua guarnição militar, comprovam a aludida atuação pessoal do Diretor do Museu em favor da velha capital mineira:

“Ouro Preto, 9 de julho de 1928. Distinto Dr. Gustavo Barroso. Respeitoso saudar. Muito grato fiquei pela sua nímia gentileza em lembrar-se de me escrever, recordando um convívio rápido em Ouro Preto, do qual sempre me lembro, lastimando a pouca duração e a pequena soma de recursos para melhor torná-lo proveitoso. No entanto, se assim foi para mim, não o foi para minha cidade natal. Tomei parte na última viagem do Dr. Antônio Carlos pela Zona da Mata e por êle soube do seu gesto fidalgo de forasteiro ilustre em contraposição à criminosa desídia dos responsáveis por aquêlre relicário da história pátria. Já se está construindo o andaime para as obras a serem executadas na igreja do Rosário e já existe ordem para a restauração dos chafarizes. Quanto a êstes ainda não percebi o início das obras. E não foi só uma ligeira palestra que mantive com o Presidente. Ao chegarmos a Ouro Preto, viajamos sós na plataforma do carro e êle me interrogava com real interêsse, mostrando-se até contrariado, porque a disposição topográfica não lhe permitia contemplar do trem a igreja do Rosário. Cabe-lhe, Dr. Barroso, indiscutivelmente a glória da vitória neste combate contra a falta de gôsto artístico e esta glória será oportunamente celebrada e eternamente lembrada na ocasião do término das obras. Tê-lo-emos, então, aqui? É imprescindível. Já fui longo. Precisava desabafar. Desculpe. Por êstes 15 dias espero o prazer de abraçá-lo. Cr.º Obr.º e grato *Mariano Chaves.*”

“Belo Horizonte, 20 de março de 1929. Meu caro Gustavo. Respondo sua carta de 15 dêste, comunicando-lhe que estive com o Professor Norfini, que infelizmente não pôde falar ao Presidente, o qual se acha em Juiz de Fora, de onde só regressará em abril. Achei excelentes os trabalhos do Sr. Norfini,

havendo os mesmos ficado em meu poder para mostrar ao Presidente, quando êle regressar. Sôbre a Casa dos Contos, há em Ouro Preto prédios do Estado, que poderão ser trocados por ela. O Presidente já está providenciando a respeito. Sempre às ordens, o am.^o e ad.^{or} *Mário de Lima.*”

Era intenção do Sr. Antônio Carlos, como se vê do documento acima, conseguir para o Estado a Casa dos Contos e transformá-la num museu e sede dum serviço de defesa do patrimônio tradicional de Minas. Iniciou o Dr. Gustavo Barroso, por sua ordem, as gestões e entendimentos necessários com o Ministro Victor Konder e delineou os projetos de decretos e regulamentos necessários. É possível que ainda existam nos arquivos do Palácio da Liberdade. O Dr. Mário de Lima deve lembrar-se perfeitamente de que, por seu intermédio, chegavam às mãos daquele ilustre estadista. Os acontecimentos de 1930, porém, impediram a realização dêsses propósitos. Do Govêrno de Minas Gerais nunca recebeu o Dr. Gustavo Barroso a menor gratificação ou estipêndio por êsses serviços. Nem sequer um agradecimento.

Em fins de 1928, depois de inspecionar as obras que se faziam por conta do Estado de Minas em Ouro Preto, dirigiu o Dr. Gustavo Barroso ao Presidente Antônio Carlos o seguinte relatório:

“Rio de Janeiro, 1.^o de novembro de 1928.

Exmo. Sr. Presidente Antônio Carlos.

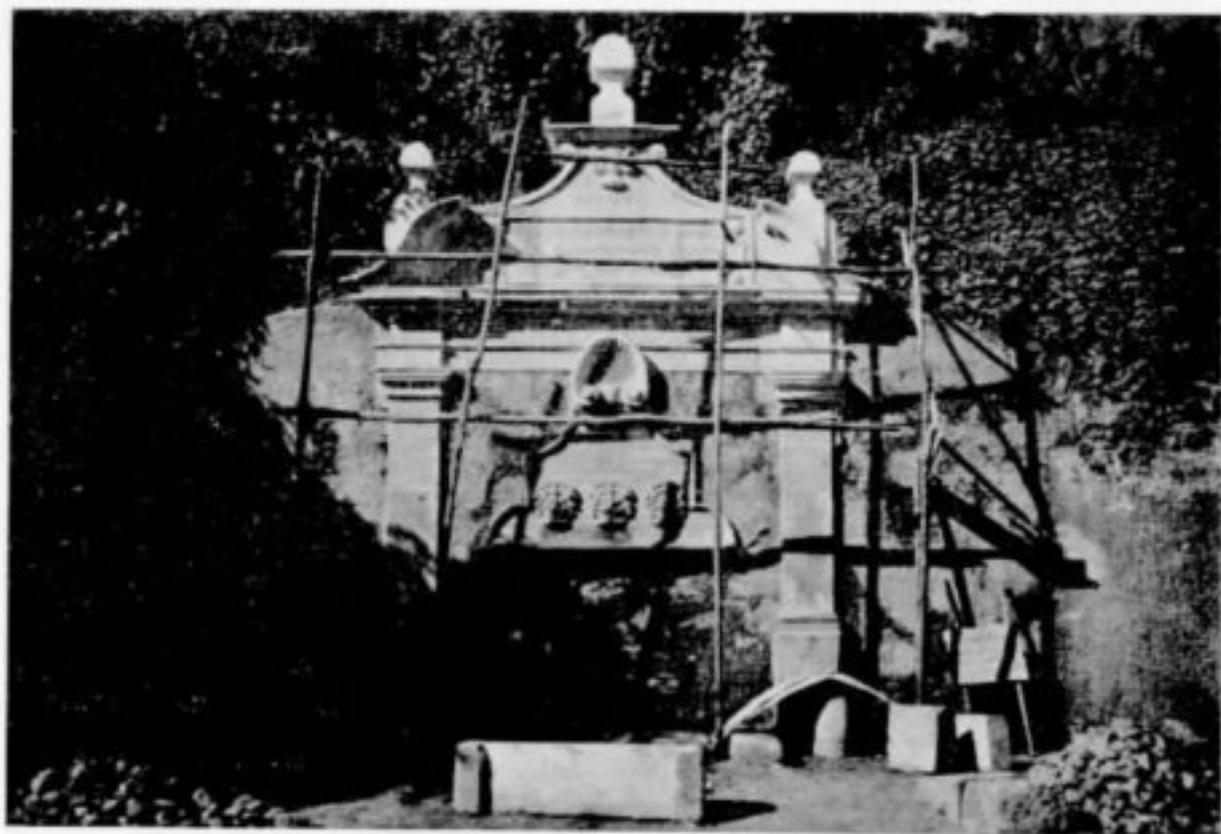
Regressando de Ouro Preto, cumpre-me relatar a V. Ex.^a, de acôrdo com a incumbência que me deu, minhas impressões sôbre os trabalhos de restauração e conservação que, por instâncias minhas, houve por bem o Govêrno de Minas ali realizar:

CHAFARIZES

O trabalho de restauro dos chafarizes foi feito com muito cuidado e merece elogios. Examinei-os um por um, minuciosamente: *Chafariz da Glória* — Estava estragadíssimo pelo



Chafariz da Glória, Ouro Preto, em obras de restauração.



Chafariz da Glória já quase devidamente restaurado pela Inspeção de Monumentos Nacionais.

tempo, pelo abandono e sobretudo pelas raízes do bambual que crescera por trás. O consêrto foi bem feito, refazendo-se em cimento a parte da ornamentação partida. Bom trabalho. Retirou-se quase todo o bambual. Encareci ao Dr. João Veloso a necessidade de extirpar todos os bambus do terreno traseiro duma vez, a fim de evitar se desenvolvam de novo. O chafariz acha-se protegido com um gradil. Como a legenda latina esteja gasta e quase ilegível será reaprofundada com cuidado. *Chafariz dos Contos* — É o mais belo da cidade. Ótimamente restaurado. Falta a bacia ou tanque que se perdeu com o tempo. Tive informações de se encontrar na vizinhança. Fui verificar e não era. *Chafariz do largo de Direu* — Foi consertado. Recomendei a conclusão do lajeado que lhe protege a base. *Chafariz de Cláudio Manuel* — Foi consertado. Está quase ilegível a legenda latina. Falei ao Padre Pena para reproduzi-la, a fim do Dr. Veloso a fazer renovar. *Chafariz do alto da Cruz* — Bem consertado. Recomendei a colocação duma laje sob as bicas, o que foi feito.

Falta consertar alguns chafarizes menos importantes: o do adro da igreja do Rosário, outro do alto da Cruz, o da rua do Barão, um pequeno e um maior no alto das Cabeças. Ao todo, cinco. Examinei-os um por um. Pode-se calcular a despesa de restauração em trezentos mil-réis cada, uns pelos outros. Falei ao Dr. João Veloso, que ficou de consertá-los.

IGREJAS

Igreja do Rosário — Serviços em comêço. Grande parte do telhado restaurada. Examinei as madeiras adquiridas. Boas. Examinei o templo todo com o Odorico Neves, que está instruído de tudo como deve ser feito, respeitando o estilo e as usanças da época, de maneira a não ser cometida asneira alguma. Tenho absoluta confiança na sua fiscalização. Acho que o serviço será moroso, porque o encarregado do mesmo, Sr. Tomé Veloso, tem sòmente dois operários consigo. Seria necessário determinar que êle empregasse mais gente, a fim de não levar seis meses naquilo que pode ser feito em três ou mesmo em dois. *Igreja de S. Francisco de Assis* — Apesar

de ter sido consertada no govêrno do Dr. Melo Viana, deixaram por descuido parte do telhado com ervas. Pedi ao Dr. Veloso fizesse retirar essa vegetação e êle me prometeu providenciar logo. Nessa igreja foram cometidos alguns erros, quando a restauraram. Êles gritam! Há um rodapé de azulejos brancos modernos que deve ser retirado quanto antes, restabelecendo a parede lisa de outrora ou fazendo-se continuar o lambris de madeira pintada da capela mór, de acôrdo com o desenho que lhe envio junto, cópia do projeto que organizei para êsse fim. As portas e balaustradas que deviam ser enceradas ou, quando muito, envernizadas, foram pintadas fingindo madeira. É um crime. Falece-me autoridade para intervir no caso; mas julgo que se devia sanar isso, restabelecendo-se a obra antiga como era de verdade. *Matriz do Pilar* — O Padre João Barbosa encarregou dos trabalhos na matriz o Engenheiro Residente da Central do Brasil. Tivemos os três longa conferência e examinamos juntos, durante horas, a velha igreja. Concordamos quanto às bases do plano de restauração, que, estou seguro será ôtimamente realizado. *Igreja do Carmo* — O que vi se fazendo no Carmo é um crime e mostra que se não deve confiar às irmandades o cuidado de restauração dos templos, sim entregá-lo a quem entenda do assunto. Todo o assoalho de rijas tábuas de baraúna era em forma de campas, em quadros, com os respectivos números das antigas sepulturas, o que caracterizava uma época. Como os barrotes que sustentavam êsse tabuado estivessem em alguns pontos apodrecidos, levantaram tôdas as campas e resolveram fazer um assoalho moderno, em tacos de duas côres. Houve protestos de algumas pessoas contra êsse horror. Então, resolveram serrar os tabuões das campas em tiras estreitas, modernizando a velha baraúna colonial!... Ora, o tabuado de campas é característico do tempo em que a igreja foi construída e representa o uso dos enterros no sagrado, como se dizia, isto é, dentro do templo. É um crime tocar nisso. Se os barrotes estão carunchados, basta levantar as tábuas e substituí-los por outros. Pode-se mesmo fazer um baldrame de concreto invisível sôbre o qual se coloquem de novo as campas, com seus números significativos. O aspecto



Grade de ferro da galilé da Igreja do Rosário de Ouro Preto, colocada pela
Inspetoria de Monumentos Nacionais.

continuará tradicional. Se a baraúna das campas está suja e feia, basta limpá-la e encerá-la. Mas tirar o caráter colonial do chão da igreja é que é inconcebível! Não vale a pena o Governo gastar dinheiro com restaurações que assim sejam executadas. Aliás, a igreja do Carmo tem urgente necessidade de outros consertos além do assoalho, embora seja a melhor conservada de Ouro Preto por ter alguma renda de apólices. Mas a irmandade gosta um pouco de luxo. Apelo para o esclarecido espírito do Sr. Presidente no sentido de impedir continuem sem direção e fiscalização efetiva as obras do Carmo, evitando se consume o atentado dessa substituição do assoalho, se ainda a intervenção chegar em tempo. *Capela de S. João* — A capela de S. João tem 229 anos de idade. É uma relíquia respeitável. Está estragadíssima. Calculo que com uns oito contos de réis possa ser devidamente restaurada. Caso o Governo resolva isso, aconselharia indicar ao Dr. João Veloso para realizar o trabalho o Sr. Juvenal Santos, que já provou bem sua capacidade no serviço dos chafarizes.

Sem mais, sempre ao dispor do Governo de Minas para inspecionar as obras de restauração que executar, apresento a V. Ex.^a meus protestos da mais alta estima e subida consideração, *Gustavo Barroso*, Diretor do Museu Histórico Nacional.”

Como se vê na parte grifada da carta do sr. Odorico Neves de 18 de novembro de 1928, o Presidente Antônio Carlos tomou em consideração o protesto dêste relatório quanto à destruição criminosa das campas da igreja do Carmo, embora sua ordem chegasse tarde.

PLANO DE RESTAURAÇÕES EM OURO PRETO (1935)

Em 1935 a Inspetoria de Monumentos Nacionais dirigida pelo Dr. Gustavo Barroso apresentou ao Ministro da Educação o seguinte minucioso plano dos serviços a serem executados em Ouro Preto por conta da verba que lhe fôra concedida pelo Congresso Nacional:

ASSUNTOS DE QUE TRATA A PRESENTE EXPOSIÇÃO

- (1) Exposição de motivos.
- (2) Resumo das fontes e chafarizes de Ouro Preto.
- (3) Orçamentos parciais para restauração dos chafarizes e fontes públicas.
- (4) Resumo das pontes de Ouro Preto.
- (5) Orçamentos parciais para restauração das pontes.
- (6) Resumo das capelas e igrejas de Ouro Preto.
- (7) Apreciação de como se deve proceder nos serviços de restauração das capelas e igrejas.

RESUMO DOS ORÇAMENTOS DAS OBRAS

Matriz de Nossa Senhora do Carmo e Casa do Carmo	14:635\$524
Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Antônio Dias ..	13:237\$793
Chafariz cilíndrico das Cabeças	1:000\$000
Chafariz do Alto das Cabeças	1:141\$000
Chafariz do Ginásio	966\$000
Chafariz da Rua das Cabeças	1:227\$600
Chafariz do Jardim Botânico	2:092\$500
Chafariz do Rosário	1:277\$960
Chafariz do Ouro Preto	1:578\$875
Chafariz ao pé da Ponte dos Contos	3:128\$550
Chafariz ao pé da Penitenciária	647\$700
Chafariz dos Cavalos	1:513\$200
Chafariz do Passo de Antônio Dias	2:430\$000
Chafariz ao pé da Ponte de Antônio Dias	3:147\$000
Chafariz da Rua Barão do Ouro Branco	2:012\$500
Chafariz do Alto do Padre Faria	1:959\$250
Chafariz da Rua Conselheiro Quintiliano	1:414\$200
Chafariz das Águas Férreas	1:951\$800
Ponte do Rosário	5:098\$500
Ponte de São José (Contos)	3:226\$000
Ponte do Ouro Preto	3:738\$855
Ponte da Barra	4:404\$500
Ponte do Padre Faria	3:790\$340
Pontes de Antônio Dias, Encardideira e Henrique Lopes ..	10:336\$750

Exmo. Sr. Ministro da Educação e Saúde

Tenho a imensa satisfação de apresentar a exposição dos trabalhos que, a meu juízo, poderão ser executados na cidade de Ouro Preto para conservação e essencial restauração das construções de arte que se espalham pela velha cidade, como testemunhas mudas de uma era de glória e de esplendor.

A par dêsses monumentos, os ambientes históricos, que tanto prestígio dão à cidade, precisam manter suas feições primitivas e se despojarem dos arranjos e concertos infelizes que chocam com a generalidade das coisas circunstantes.

Constando o presente trabalho das obras de restauração e conservação dos chafarizes e pontes, juntando-se também concertos e limpezas nas igrejas e capelas, êstes com a colaboração das respectivas irmandades, é mister que seja encarado sob dois aspectos que passam a constituir as linhas mestras dêste plano.

Em primeiro lugar, seria longa tarefa, mas integral, um trabalho lento aliado a execuções criteriosas, em que, ao lado do carinho, viva o interêsse principal em assemelhar as coisas velhas e gastas ao que eram originalmente; verdadeira obra de restauração, a primeira que se levaria a efeito no país, ligando-nos ao passado por laços imperecíveis.

Alterou-se a fisionomia da cidade com a implantação do calçamento a paralelepípedos, o que, entretanto, não constituiria crime, se aquêles que o executaram procurassem aproveitar a colaboração do que já existia. Assim não aconteceu: os níveis dos passeios das pontes foram violados sem uma razão de ordem técnica e muito menos utilitária, e, então, as primeiras fiadas de lajes que iam servir de base aos parapeitos das pontes, que pela sua função e recomendação nos "Contratos de Obras" não seriam aparelhadas, aparecem hoje como mostras de trabalhos imperfeitos; ao lado desta exibição, roubou-se a êstes elementos a função importante de conter os bueiros, alguns bem trabalhados, escoadouros das águas que corriam nos passeios, e hoje vemo-los uns quebrados, outros entupidos e mascarados de capim e ao seu lado, feios, imperfeitos e sem critério de colocação,

pedaços de canos de ferro longos, a desafiar àqueles na sua duração e utilidade.

Se atentarmos para o desfalque que têm sofrido estas pontes em suas peças de arte, chegaremos em breve a verdadeiras “pingueias de alvenaria”; três “belas” que ornavam a Ponte do Ouro Preto já lá não mais existem, lajes imensas e aparelhadas que encimavam os parapeitos; mas com sua ausência, pelo desnivelamento que mostram as construções, se mostra um aspecto de ruína, quando assim não acontece, perderam-se seus “gatos chumbados” e hoje elas balançam à passagem dos caminhões e automóveis; outras vêzes elas vão servir de calçada das casas próximas. Os “assentos”, que os “Contratos de Obras” exigiam fôsem de lajes do Itacolomi bem aparelhadas, são hoje destinados a afiador de facas e canivetes, deixando de ser os descansos daqueles que, ao entardecer, procuravam as pontes para os comentários das coisas do dia.

Contribuindo para a perda da perfeição dos trabalhos que se nota em tôdas estas velhas pontes, vamos encontrar remendos impróprios e mal confeccionados, sem a preocupação de confundí-los com as cantarias justapostas.

Os parapeitos reduziram-se de altura pelo desaparecimento das lajes que os compunham e agora se confundem com os assentos interiores, com ameaça àqueles que nêles se debruçam.

Se lançarmos as vistas para baixo dessas pontes, então nos convenceremos cedo que mal andaram aquêles que as construíram numa obediência cega às “Condições de Contratos de Obras”, parece que a preocupação atual é provar a inutilidade daquelas recomendações, que foram a razão exclusiva da permanência, até nossos dias, de tôdas as obras que nos fazem lembrar os dias opulentos de outrora.

Reduziram as pontes de dois vãos a um único, dirigido para uma só passagem as águas que em algumas delas correm com impetuosidade.

Os baixos das pontes do Rosário, Antônio Dias, Ouro Preto e Barra mostram-se em um estado triste de falta de carinho, com a agravante das deturpações. Na primeira, o estrado, pela

separação das juntas, dá passagem à água de infiltração, os passeios que ladeiam o córrego não têm seu aspecto primitivo, desnivelaram-se as lajes que os compõem, afeiando, assim, o canal que no meio corre em degraus de cantaria; construíram-se ao seu lado muros de tijolos coroados por uma fita deselegante de cimento. Em Antônio Dias foi rejeitado o arco primeiro de quem desce a ponte, o leito por onde corria o córrego exuberante, alimentado por todos os filetes de água que nascem na serra de Ouro Preto, passou a ser ocupado por um atêrro de carvão que se alteia dois metros acima da sapata e cresce dia a dia; a jusante, um muro de canga em esquadro com uma cêrca de pau procura barrar o córrego que, assim tolhido, vai fertilizar chácaras e quintais. Entretanto, assim rezam as “Condições de Contratos de Obras”: — “os assentos da ponte ficariam no meio do vão do córrego, que coincidiria no centro...”, mas o regime torrencial não mudou, as fontes são perenes e a natureza do solo é a mesma. Eliminam-se as bicas de derivação para os quintais, retifique-se o córrego e voltaremos a ver a bela ponte de Antônio Dias como era dantes. Os baixos da ponte da Barra têm sofrido impiedosamente em sua beleza e perfeição. São hoje depósito de um atêrro imenso. Como a ponte de Antônio Dias está privada de um arco, alterou-se o leito do Rio Funil com a agravante de uma ameaça à sapata do pegão final, que recebe, só, a fôrça de uma correnteza impetuosa que ali procura a sua concavidade, saindo do outro lado; tôda a espessura daquela está ameaçada; todavia, o leito era amplo: a montante, corre na largura de vinte e tantos metros, espraiando-se. Para bipartir a correnteza, reduzindo, pois, seu esfôrço sôbre o pegão central, foi construído à guisa de sapata um belo talha-mar que hoje se vê coberto de capim e enterrado em alguns centímetros. Sob a bela ponte do Ouro Preto, o entulho copioso e variado dificulta o córrego que, assim, procura os alicerces da grande cortina que se estende ao seu lado, a cantaria branca e trabalhada desaparece sob um lençol verde e denso de limo que consigo traz a desagregação da rocha. O mesmo aspecto de ruína apressada vamos encontrar na ponte de São José, hoje dos Contos, que, ladeada pela soberba casa de João Rodrigues de

Macedo, depois Casa da Fundição e pela pinturesca vivenda que foi de Luiz Amorim Costa, concorre para a formação de um dos mais encantadores ambientes de Ouro Preto.

As pontes do Padre Faria, Henrique Lopes e Encardideira vivem hoje numa contínua mutilação de seus elementos, aguardando talvez alguma enxurrada violenta que apresse seu desaparecimento.

Em São Francisco de Paula, a velha ponte metálica que transpõe a imensa garganta de onde se descortina um majestoso panorama da cidade, já hoje é uma ameaça àquele que se aventura a atravessá-la.

Ambiente de ruína e decadência apresentam os chafarizes e pontes. Seria lenta e comovedora dissertação mostrar, com impressionantes detalhes, a situação desses ornatos que tanto embelezam o quadro clássico da cidade.

Em todos êles, fecharam-se as bicas, secaram os tanques e da sua dupla função útil e decorativa restam apenas ricos maticos de construção que a inclemência do tempo se apressa em lançar por terra; em aliança com esta destruição, os serviços de calçamento e de abastecimento d'água da cidade reduziram alguns a um único paredão de frente e hoje vemo-los mal tratados ou reduzidos a recantos mal cheirosos.

Procurando, entretanto, mascarar êste aspecto, alguns se vêem caiados grosseiramente, quando por baixo uma cantaria homogênea e bem trabalhada se esconde sem razão justificadora; é a obra material e lucrativa, a ausência do sentido pelas coisas belas, a negligência pelo que é, verdadeiramente, nosso.

As carrancas soberbas e expressivas por onde corria outrora numa contínua enxurrada a água límpida e saborosa de Ouro Preto perderam o conjunto facial, confundem-se com o paredão de frente ou, então, desaparecem totalmente, levando as bicas e as pias que lhes ficam por baixo.



Escavação feita para o encontro das canalizações de água dos tempos coloniais em Ouro Preto.



Escavação feita para o encontro das canalizações de água dos tempos coloniais em Ouro Preto.

Com a apresentação dêste conjunto que é de uma realidade insofismável, não sugere a história, entretanto, medidas que a feição presente da cidade rejeitada naturalmente, de caráter drástico contraproducente e que nada significavam numa obra de restauração.

No concôrto das providências, se inclui o recabastecimento de água, a todos os chafarizes e fontes, construídos para o fornecimento da mesma à população, quando a cidade ainda não possuía um serviço de abastecimento canalizado.

Para realização do plano, seriam providos água, sem detrimento da população, os chafarizes ao pé da ponte de São José, hoje conhecido por Chafariz dos Contos, Chafariz do Ouro Preto, conhecido por Chafariz do Bonfim, Chafariz do Passo de Antônio Dias, Chafariz ao pé da ponte de Antônio Dias, chamado hoje Chafariz de Marília de Dirceu, Chafariz na frente da Penitenciária e Chafariz do Alto do Padre Faria; pois são os que mais se mostram ricos em construção e os que mais atraem pela sua posição dentro da área urbana.

Na execução dêsse trabalho aproveitar-se-iam, nos encanamentos gerais, as derivações ainda hoje existentes que levavam água aos chafarizes e fontes. Não seria, contudo, um aproveitamento integral, em todos. Procurar-se-ia nos Chafarizes dos Contos, do Passo de Antônio Dias, no ao pé da ponte de Antônio Dias e no em frente da Penitenciária o reaparecimento de tôdas as obras antigas, sem perturbação dos serviços atuais. Em alguns, quando essa orientação não fôsse possível, dirigir-se-iam os trabalhos na obtenção de um resultado puramente decorativo e parcialmente útil.

Ao findar esta explanação, resta dirigir a nossa atenção para as seculares igrejas e capelas que completam o admirável painel da velha cidade. Vivem umas em abandono pela pobreza das irmandades, outras parece que apoiadas tão sòmente na solidez majestosa de sua construção.

Algumas têm, entretanto, recebido confôrto merecido, como a de Nossa Senhora do Rosário, cuja administração procura re-

tribuir com desvêlo extremado a bondade d'Aquela que lhe evitou a ruína.

Outras soberbas e suntuárias de nascença apresentam hoje uma fisionomia indigente, com tendência para a ruína completa. Nossa Senhora do Carmo é a igreja que está a requerer imediatas providências que façam apagar de suas fachadas traços tão marcantes de um alheamento criminoso, caem aos pedaços os componentes do bellissimo ornamento que a enriquece, uma das dádivas primorosas de mestre Aleijadinho; breve será tarde para uma recomposição criteriosa. A escadaria imensa que lhe dá acesso impressiona mal pelo colorido negro de sua cantaria, o gradil que a contorna confunde-se com essa na formação de um ambiente triste. Aumenta êsse aspecto o jardim suspenso que abraça a igreja e poderia tornar-se moldura mais formosa para o velho templo.

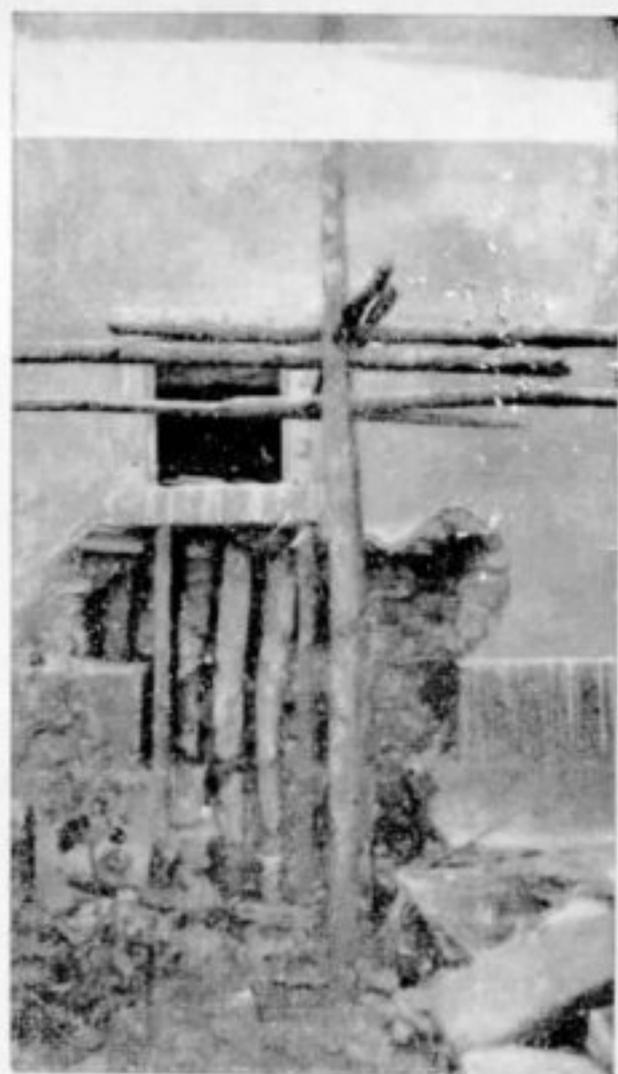
Seria um trabalho de pouco gasto, em que a ação do govêrno entraria em colaboração com a irmandade farta e rica de nobreza e tradição.

Ao fundo, o velho templo de São Francisco de Assis resiste va'entemente ao desgaste incessante do tempo. É o mesmo quadro impressionante de Nossa Senhora do Carmo. Mais funda, entretanto, a mágoa por encerrar êle o que de mais precioso e artístico confeccionou mestre Aleijadinho, mostrando-nos num medalhão rico e expressivo que coroa a porta principal a manifestação gentil do artista mineiro.

Mais em baixo, num rosário contínuo, vem Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias e Santa Efigênia, que se levanta orgulhosa, dominando o outeiro extremo da cidade; ao pé da outra vertente, a capela do padre Faria, comêço da ascensão gloriosa para o morro de Pascoal de Moraes, onde se erigiram os primeiros símbolos da fé católica. São João e Sant'Ana são hoje restos humildes dessa manifestação de muitos séculos, legada pelos primeiros bandeirantes.



Estado em que se encontrava um dos registros das canalizações de água de Ouro Preto nos tempos coloniais.



Trabalho de recomposição do mesmo registro pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.



O mesmo registro em plena recomposição.



O mesmo registro devidamente restaurado.

Tôdas estão a exigir consertos e principalmente limpeza em suas fachadas, uma vez que dentro menos se desenvolve a ação do tempo, e o carinho de velhos e dedicados zeladores as preserva de estragos ruinosos.

Marcando as cruzes, capelas e igrejas o início, desenvolvimento e fecho do ciclo áureo da então Vila Rica, constituindo elas, ao lado das fontes, chafarizes e pontes, o empolgante cenário dêsse recanto do velho Brasil, tão sàbiamente elevado a Monumento Nacional, não se poderia deixar de incluir neste plano as obras que lhes trouxessem vida mais longa. Uma restrição, todavia, se impõe, tratando-se das igrejas de reconhecidos recursos, nos quais os trabalhos seriam levados a efeito sob a fiscalização da Inspetoria de Monumentos, com a cooperação material das respectivas irmandades, socorrendo tôdas dentro de um critério perfeitamente equânime.

Dando por finda esta exposição, é conveniente frisar que semelhante plano encerra uma série de variantes, tôdas subordinadas aos recursos materiais de sua execução. Distribuídos por bairros os monumentos decorativos que são motivo dêste trabalho, as obras seriam atacadas em cada um dêles separadamente ou, então, procurar-se-iam aquelas de real esplendor artístico que são, pelo que foi possível observar minuciosamente, as que se irão tornar mais morosas.

Passemos agora à discriminação detalhada dos orçamentos parciais das obras que constam dêste trabalho e são sua razão dominante.

Gustavo Barroso

(Inspetor de Monumentos e Diretor do Museu
Histórico Nacional)

A discriminação minuciosa das obras foi feita pelo Engenheiro Epaminondas de Macedo e vem a seguir:

RESUMO DOS CHAFARIZES E FONTES EXISTENTES EM OURO PRETO

1935

Bairro "CABEÇAS":

Desde a ponte do Passa Dez, de concreto armado, até a ponte do Rosário.

a) Chafariz formado de uma coluna de dez (10) metros de altura e um (1) metro de diâmetro, de alvenaria de pedra: a alvenaria em tôda a periferia é refendida. Coluna constituída de base, fuste e capitel formado de arquitrave, friso e finalmente a cornija. O pedestal está protegido por lajes que serviam, quando o chafariz esteve em uso, para descanso dos barris, fazendo o papel de poiais. Hoje, apenas o buraco ocupado pela bica.

Necessita de consêrto geral e restabelecimento de sua fonte.

b) Chafariz constituído de um maciço de pedra argamassada apoiado por duas paredes de canga. A frente do chafariz pintada a cal. Extremam a frente duas pilastras de pedra, também caiadas. Superiormente uma verga e para coroamento uma cruz de pedra, assentada sôbre uma base retangular. No centro da parede de frente, um quadro de cantaria mostrando o lugar ocupado pela bica. Em frente, um arrimo em desmoronamento.

Parede de frente:

altura 2,20 m.

largura 1,30 m.

Requer uma limpeza da fachada para retirada da caiação; limpeza a picão da cantaria que houver; restabelecimento da bica; consêrto dos muros laterais e serviços de restabelecimento do encanamento; retirada do arrimo de frente, com colocação das lajes que constituíam o piso do antigo tanque.

c) Chafariz de pedra argamassada, ligado a um muro de frente de uma casa e um muro lateral. A caiação tôda estragada, e um verdadeiro quadro de alvenaria, coroado por uma

cruz de cantaria sôbre uma base também de cantaria. O centro é ocupado por uma carranca, já em adiantado estado de destruição e sem bica. O chão todo invadido por mato e capim. Necessita de limpeza com retirada da caiação; restauração da carranca; colocação da bica; limpeza da frente e dos muros de pedra laterais; limpeza a picão da cantaria da cruz.

altura: — 1,40 m.

largura: — 1,00 m.

d) Chafariz de pedra só com a parede de frente extremada por duas pilastras de pedra de cantaria, constituída de base, fuste e capitel que prossegue constituindo uma verga; como ornato, duas tocheiras de cantaria coroam as colunas; no centro, uma cruz de pedra apoiada sôbre um embasamento trabalhado. No centro da parede, duas figuras de cantaria cruzadas oferecem motivo para delas sair a água por duas bicas. Em baixo, um maciço de alvenaria de forma circular, possivelmente uma adulteração, recebe os poiais em número de dois, correspondentes às bicas. Com a retirada do arrimo do fundo, mostra-se desviado da vertical. Requer retirada da caiação, limpeza a picão de tôda a cantaria, consêrto do arrimo, encanamento das bicas, consêrto dos poiais, substituição da cruz de ferro por outra de cantaria.

altura: — 3,70 m.

largura: — 2,70 m.

Bairro "OURO PRETO":

Da ponte do Rosário até a Praça Tiradentes.

a) Chafariz do Rosário, formado de uma parede de frente e, em prosseguimento, um paredão de pedra argamassada, ladeado por duas pilastras de cantaria, constituídas de base, fuste e capitel que se prolonga em uma verga em linha reta até o outro.

Sôbre a verga, um ornato de cantaria coroado por uma cruz de cimento (substituição), ladeada por duas pirâmides de

cantaria assentadas em um soco, também de cantaria. A parede da frente está caiada e tem, ocupando posição conveniente, um quadro de cantaria de seção retangular com dois orifícios que eram os das duas bicas. O chão está calçado a lajes, desaparecendo o antigo tanque de cantaria, chamado tanque para cavalos e na parede estão os orifícios onde se encaixavam os ferros que serviam de poiais. Não se pode observar se o pé das pilastras era só um soco de pedra ou um pedestal, tal o estado de destruição, mas pelo que se observa nos outros chafarizes trata-se de um pedestal.

Os serviços de limpeza foram mencionados na parte orçamentária.

altura: — 3,70 m.

largura: — 2,70 m.

altura das pilastras: — 2,70 m.

esquadria: — 0,25 m x 0,25 m.

Seção do tanque a ser construído: 1,70 m x 0,80 m.

b) Chafariz do Ouro Preto, conhecido por chafariz do Bonfim, formado por um paredão de frente de 8,80 m de comprimento por 1,54 m de largura, lajeado por grandes lajes assentadas em argamassa de cal e areia, servindo êsse paredão de arrimo ao morro que lhe fica atrás; no centro dêste paredão, está a fonte tôda argamassada com cal e areia, limitada por duas pilastras de cantaria formadas por pedestal, fuste e capitel, ligadas as pilastras superiormente por uma cimalha também de cantaria em linha reta; culminam as pilastras duas pirâmides de cantaria que ladeiam um ornato coroado por pirâmide semelhante; em um quadro sôbre a cimalha, vê-se uma inscrição latina, em grande parte mutilada, e, onde existem consêrtos, êstes cobrem-na. A fonte prôpriamente dita é formada de uma moldura de cantaria contendo três carrancas de cantaria, já bem estragadas, de onde saem três bicas. Estas não mais existem. Sôbre as carrancas, um ornato e, por baixo, uma pia que recebe a água das três bicas; no chão, um tanque de cantaria, francamente adulterado, assentado sôbre uma sapata bem saliente; trata-se de um mau consêrto. A área fronteira a êste chafariz

é calçada com lajes. Um gradil, que nada tem de elegante, limita este espaço (!). A água para abastecimento deste chafariz viria da Rua de Cima por um encanamento semelhante ao que existe para outros. Os pormenores da construção levam à conclusão de que este chafariz é contemporâneo do Rosário. Para restauração, já mencionei as despesas, quando tratei da parte orçamenária.

altura: 4,20 m.

largura: 3,25 m.

altura das pilastras: 5,50 m. x 0,20 m.

c) Chafariz ao pé da ponte de São José, conhecido por chafariz dos Contos. Apresenta hoje um paredão de pedra caiado recebendo na parte central o chafariz propriamente dito, que está extremado por duas pilastras de cantaria de ordem completa. Emoldurando a fonte dois gigantescos ornatos de cantaria unem-se pela base que sustenta um cálice, o qual superiormente recebe uma palma de onde saem duas bicas. A cantaria, toda mutilada, está a exigir restauração e recomposição; superiormente os ornatos sustentam o coroamento da fonte formado por uma verga de contornos ondulados que se liga à arquitrave da pilastra; sobre a verga e no seu centro, um enfeite culminado por uma tocheira; no ápice das pilastras esferas lisas, todos estes detalhes de cantaria; atrás, na altura da verga, grandes lajes em balanço terminam o maciço que escora esta frente. Na base da construção, uma fita de cantaria de um metro de largura, com juntas tomadas a breu, contém os furos dos dois antigos poiais que serviam de descanso para barris com água, faltando o tanque onde se apoiavam as outras extremidades dos poiais. O chão está hoje privado das lajes que serviam ao tanque. Num fitão, célebre legenda latina. E', talvez, o chafariz mais adulterado que existe, pois as notícias sobre êle mencionam um paredão lateral também de pedra que formava o canto com o de frente, provido este paredão de uma pia com uma carranca, alguns descansos e um tanque, estando o serviço d'água em ligação com a fonte principal.

Para uma obra integral, faz-se necessária a pesquisa do local desta parede, que parece ser junto ao oitão da agência do Banco Comércio e Indústria. Já mencionei, quando tratei do orçamento, as obras necessárias.

d) Chafariz junto à escadaria da Penitenciária. E' de todos o mais moderno, parecendo tratar-se de uma substituição, pois o chafariz construído na Praça de Vila Rica devia ser guardado de quatro carrancas e o que lá está só apresenta duas; o coroamento do frontispício é em tudo semelhante ao do Passo de Antônio Dias e do Ouro Preto. Nota-se, entretanto, modificação no aspecto das pilastras. Para descanso dos barris, o primitivo chafariz possuía pilares, hoje êstes não existem e sim um maciço de cantaria trabalhado. Ainda mais: êste chafariz era provido de um só tanque para cavalos e hoje vemos dois colocados lateralmente. Uma pesquisa no serviço de encaçamento d'água iria dar por finda a dúvida. Em todo o perímetro da Praça de Vila Rica não existe lugar, além do em que está construído o atual chafariz, marcando a existência do outro.

e) Chafariz na Rua das Flores. Apoiado no arrimo de pedra, é formado de uma frente de pedra, tôda caiada, limitada por duas pilastras de cantaria, ligadas superiormente por uma verga também de cantaria em linha reta; duas volutas de cantaria partem do coroamento destas pilastras e vão no centro limitar uma base de cantaria que recebe uma cruz, hoje de cimento (!). E' bastante semelhante ao chafariz do Rosário. Na parte central dêste frontispício, está assentada uma carranca já disforme, no chão o mato e as lajes dispostas sem arrumação não deixam ver a existência do piso do tanque que devia existir.

f) Chafariz do Passo de Antônio Dias. Apresenta uma só frente de pedra caiada e limitada por duas pilastras de cantaria; em prosseguimento um paredão de pedra serve de arrimo às terras que lhe ficam por trás, as pilastras são de ordem completa, ligada por uma verga de cantaria em reta, coroada por ornatos que enquadram uma inscrição latina; por fim, uma plataforma recebendo um soco e por cima uma tocheira, tudo de cantaria; na parte central dêste e por cima uma tocheira de per-

fil irregular, em escada, três carrancas de bronze, sem forma, e, por baixo, correndo, uma pia em balanço; na base desta construção, um maciço de pedra argamassada com três descansos para barris, todos desfeitos e sem ligação com o encanamento de esgôto. Dá acesso a este chafariz uma escada de pedra com degraus já esbeijados.

Bairro de "SANTA EFIGÊNIA":

Da subida da ladeira do Virassaia até a capela do Padre Faria.

a) Chafariz da Rua Barão do Ouro Branco, constituído de um paredão de frente, todo de canga argamassada, estendendo-se este muro para os dois lados também de canga; o paredão central é limitado por duas pilastras de cantaria sem capitel, a base parece ser um pedestal, ligadas essas duas pilastras por uma verga de cantaria de contornos simples; sobre ela, duas "belas" sobre um soco de cantaria e, no centro, uma "bela" idêntica às duas; no centro do frontispício, duas carrancas, sem feição, providas de duas bicas, colocadas num quadro de cantaria encimado por uma pétala aberta; em baixo, um maciço de pedra, tendo por mesa uma laje espessa provida de dois descansos para barris e um poial. O perfil deste maciço é idêntico ao do chafariz junto ao Ginásio Arquidiocesano.

b) Chafariz do Alto da Cruz do Padre Faria. O frontispício e os paredões que se prolongam ao lado são de tapanhoacanga assentada com argamassa, o frontispício é extremado por duas pilastras de cantaria sem ordem, ligadas por uma verga em linha reta, da qual saem dois arcos. Do centro desta verga, que é o diâmetro, parte uma pilastra que recebe superiormente uma figura; todos estes detalhes são de cantaria. Em altura conveniente da fachada, está colocado um quadro de cantaria com três carrancas sem feição hoje e ligadas. Em baixo, um poial formado de três assentos para receber os barris; este poial é de pedra. Os muros de tapanhoacanga ainda mostram restos dos telhões que os cobriam, formando uma água.

c) Chafariz da Rua das Lajes (Cons.^o Quintiliano). E' hoje uma fonte, sem ornatos, tendo uma frente de cantaria caiada (!) com duas pilastras externas sem ordem, só com entablamento e coroadas por pirâmides sôbre um soco de cantaria. Limita esta fonte um pequeno paredão de pedra de ambos os lados; no centro do frontispício, um quadro de pedra para receber a bica, antes com uma carranca. Em baixo, um tanque de cantaria recebe a água que vem da bica, o chão todo calçado a pé de moleque ajuda a descida da água já servida.

Bairro "BARRA":

Do Largo de Frei Vicente Botelho até a subida para Gambá.

a) Chafariz do Largo de Frei Vicente Botelho. E' um quadro retangular de pedra, prolongando-se para os lados por muros de canga. Limitam êste quadro duas pilastras de cantaria, sem ordem, ligadas superiormente por uma verga reta, tendo no centro e superiormente um soco que recebe uma cruz, hoje de cimento. Todo o chafariz está caiado (!). No centro do quadro, um losango em depressão contém um fundo de cantaria que, furado no meio, é provido de uma bica. No chão muito mato e seixos sem disposição.

b) Ainda pode figurar como fazendo parte dos chafarizes do bairro das Cabeças o que se acha no Jardim Botânico em terrenos do Instituto Barão de Camargos.

E' um velho chafariz de pedra, sem paredões laterais que o arrimem. Estando tôda a fachada sem caiação, pode-se ver sua constituição íntima. Apresenta duas pilastras de pedra, sem ordem, ligadas por uma verga, também de pedra e guarnecida no meio de um soco de pedra que devia ter servido de base a uma cruz ou figura. No meio desta parede, existe um quadro de cantaria provido de duas bicas, sem carrancas. O tanque que recebia esta água está sem parede de frente e as do fundo e laterais não se firmam mais, ficando o recinto do tanque aberto. A cantaria dêste tanque está tôda estragada.

Os serviços necessários estão orçados na parte competente dêste trabalho.

Pela sua localização é ainda hoje utilizado pela população pobre de suas vizinhanças, estando constantemente a cair água.

Bairro "ÁGUAS FÉRREAS":

a) Chafariz da Água Férrea. É uma bela construção toda de cantaria. Contornam a fonte maciços de pedra argamassados que lhe dão acesso. A fonte é um maciço de pedra extremado por duas pilastras de cantaria, apresentando pedestal, fuste e capitel; êste se liga ao seu extremo por uma verga de cantaria em contornos suaves, num plano coincidindo com o da parede, tendo por cima outra verga em plano mais saliente. A parede do fundo é um arrimo bem resistente que se estende em grande largura para os dois lados. No centro do maciço principal e no alto, uma placa da cantaria leva uma inscrição. Em baixo uma bica limitada por uma moldura de cantaria despeja água em uma pia à maneira de cálice bem resistente, que se levanta de um sólido embasamento bem trabalhado. A água que cai da bica é dirigida para um encanamento que, passando sob o leito da estrada de rodagem, vai desaguar em um boqueirão em baixo. Dá acesso ao chafariz um passeio de pedra, hoje todo mutilado. As paredes laterais que o enquadram são de pedra, todas caiadas. Tem sido grandemente alterado no seu conjunto primitivo.

b) Faz-se necessária uma notícia sobre o conhecido chafariz da Mãe Chica que outrora existiu no fim da grande cortina de lajes que corre em esquadro com o pegão extremo da ponte da Barra, o qual se perdeu com os serviços da estrada.

PARTE ORÇAMENTÁRIA

Chafariz em coluna no Alto das Cabeças:

Características:

Coluna cilíndrica:

Pedestal: 0,70 m altura

Fuste: 8,30 m altura

Capitel: 1,10 m altura

Diâmetro médio: 0,90 m.

Todo fuste refundido. O pedestal sem forma; fuste e capitel todos mutilados. Em altura conveniente, o orifício em que esteve a bica.

Serviços necessários:

Retirada da caiação, limpeza a picão e recomposição do fuste	195\$000
Recomposição dos pormenores do capitel	93\$000
Confecção de novo pedestal dentro da ordem	75\$000
Recomposição da bica com colocação do encanamento d'água e limpeza da área que cerca a coluna	225\$000
Construção e colocação de um descanso para barris ou qualquer vasilha, de acôrdo com os que ainda existem em outros chafarizes ..	412\$000

GERAL: Rs. 1:000\$000

Chafariz n.º 1 na Ladeira da Rua das Cabeças:

Características:

Parede de frente: 2,20 m. x 1,30 m.

Pilastras laterais: 1,70 m. x 0,22 m.

Verga de cantaria, bem como as pilastras

Soco de cantaria recebendo uma cruz também de cantaria.

Quadro de cantaria no meio do paredão de frente, sem bica.

Chão todo entulhado, enfeiando o chafariz, enterradas as lajes do tanque.

Paredões laterais que recebiam o encanamento d'água incompletos e disformes.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de tôda a frente com recomposição de tôda cantaria, consêrto do quadro e colocação de uma bica	169\$000
Limpeza e recomposição da cruz de cantaria e seu soco de pedra	125\$000

Consêrto dos muros laterais com colocação dos telhões	425\$000
Consêrto do chão e trabalhos para restabelecer novo tanque ou poial para barris	422\$000

GERAL: Rs. 1:141\$000

Chafariz n.º 2 na Ladeira da Rua das Cabeças:

Características:

Parede de frente: 1,40 m. x 1,00 m.

Carranca de pedra, tôda estragada, sem bica

Cruz de cantaria apoiada sôbre uma pilastra também de cantaria.

Chão todo encoberto, revestido de lajes irregulares e com atêrro frouxo.

Paredes laterais de pedra, tôdas caiadas e mutiladas.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de tôdas as frentes com rejuntamento de tôda a cantaria	375\$500
Limpeza a picão de uma cruz de cantaria e recomposição de seu pedestal	145\$000
Restauração de uma carranca com colocação de uma bica	72\$000
Consêrto do chão com colocação de um maciço de alvenaria de pedra, servindo de poial para receber barris, e limpeza de todo perímetro	374\$000

GERAL: Rs. 966\$500

Chafariz n.º 3 junto ao muro do Ginásio Arquidiocesano:

Características:

Parede de frente: 3,70 m. x 2,70 m.

Pilastras laterais de cantaria: 3,70 m. x 0,25 m.

Verga de cantaria ligando as pilastras

Tocheiras de cantaria sôbre capitel e apoiadas em base de cantaria.

Cruz central (cimento) sôbre uma base de cantaria bem trabalhada.

Duas figuras de cantaria, cruzadas com orifícios sem bicas.

Maciço de pedra de perfil circular provido de dois descansos para barris.

Chão completamente estragado.

Hoje está dentro da área de propriedade do Ginásio Arquidiocesano.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de tôda a cantaria da frente com recomposição (3,70 m. x 2,70 m.)	275\$000
Proteção da parede de frente pela colocação de um paredão lateral de pedra argamassada na altura da parede de frente	443\$000
Recomposição das figuras, colocação das bicas	112\$000
Consêrto do poial com ligação ao encanamento do esgôto da água servida	222\$600
Confecção duma cruz de cantaria e sua colocação, usando-se para isso ganchos de ferro	175\$000

GERAL: Rs. 1:227\$600

Chafariz do Jardim Botânico:

Características:

Paredão de frente: 2,20 m. x 2,15 m.

Pilastras extremas, com o paredão, de canga: 0,25 m. x 2,15 m.

Verga de cantaria ligando o coroamento das pilastras.

Pilastras terminadas por duas bases de pedra sem ornatos.

No centro da verga, uma base sem ornato.

No centro do paredão, um quadro de pedra com duas bicas, em funcionamento, sem carrancas.

Em baixo, um tanque todo desfeito com seção: 1,40 m. x 0,85 m.

Paredões laterais destruídos.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 5,25 m ² de canga da parede de frente, com rejuntamento das pedras e recobrimento rústico	275\$200
Recomposição da cantaria da verga, das bases e reconstrução e colocação com fixação e ganchos de três tocheiras	840\$000
Recomposição de um quadro de cantaria de 0,80 m x. 0,20 m. para bicas, com confecção e colocação de duas carrancas	525\$300
Construção de um tanque de cantaria com 1,40 m. x 0,85 m. x 0,90 m.	290\$000
Consêrto dos muros laterais	162\$000

GERAL: Rs. 2:092\$500

Chafariz do Rosário:

Características:

- Paredão de frente de pedra: 5 m x 3m.
- Pilastras extremas de cantaria: 5 m x 0,25 m.
- Coroamento simples
- Quadro de cantaria outrora ocupado pelas carrancas.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 3,75 m ² com rejuntamento a breu e recomposição dos pedestais	162\$000
Confecção e colocação de um tanque de cantaria para cavalos	128\$960
Confecção e colocação de quatro descansos seguros na parede do chafariz e na frente do tanque, correspondentes às bicas	30\$000
Confecção e colocação de uma cruz de cantaria como era antes	120\$000
Limpeza de 15 m ² de parede de frente que está caída	18\$000
Serviços de procura do encamento d'água que descia antes da Rua do Hospício e canalização para as bicas do chafariz	420\$000

Confecção e colocação de duas pequenas carrancas
de bronze 400\$000

GERAL: Rs. 1:242\$960

Juntando-se a êste orçamento a limpeza a picão de
uma cruz de cantaria ao lado dêste chafariz .. 35\$000

FINAL: Rs. 1:277\$960

Chafariz do Ouro Preto

(Chafariz do Bonfim)

1753

Características:

Paredão de frente de pedra: 8,80 m. x 5,50 m.

Pilastras laterais: 5,50 m. x 0,20 m.

Coroamento: 4,00 m. x 2,00 m.

Ornato com pias: 2,20 m. x 1,00 m.

Pias: 2,00 m. x 0,25 m.

Tanque: 2,20 m. x 0,75 m.

Tôdas estas peças são de pedra de cantaria do Itacolomi.

Cortina de pedra servindo de arrimo com quarenta metros e escorando a da casa vizinha.

Área calçada a lajes com 6,60 m. x 8,80 m.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 16,45 m² de cantaria do Itacolomi 57\$575

Consêrto dos paredões laterais com rejuntamento
das pedras em vista da sua situação 84\$500

Recomposição de três carrancas de bronze com co-
locação das bicas correspondentes 545\$000

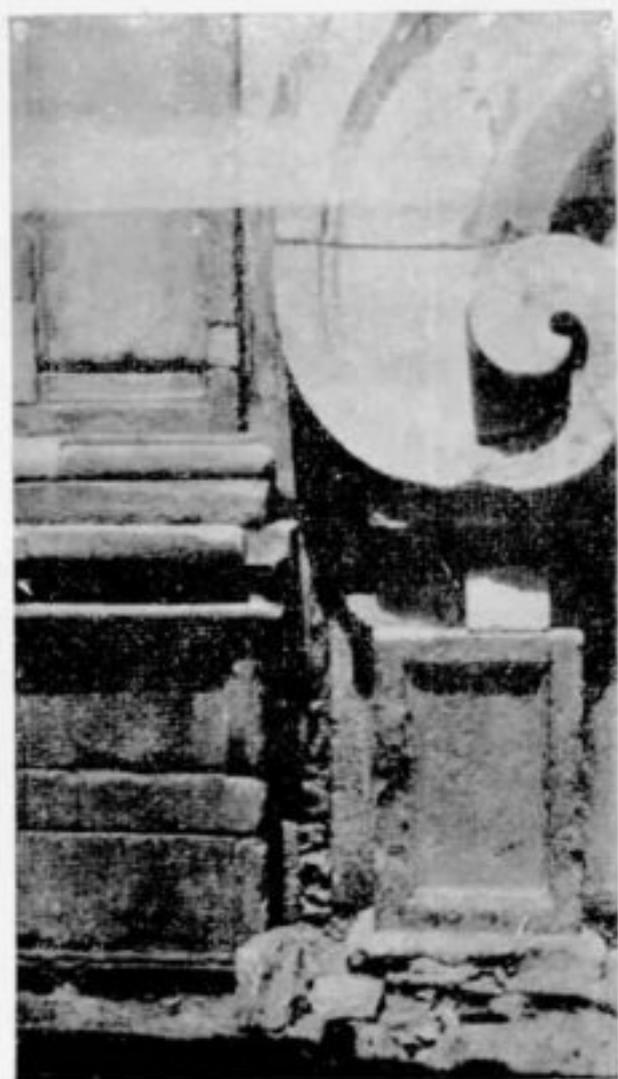
Limpeza da caiação da parede de frente com a
área de 12 m² 24\$000

Limpeza da área calçada a lajes 42\$000

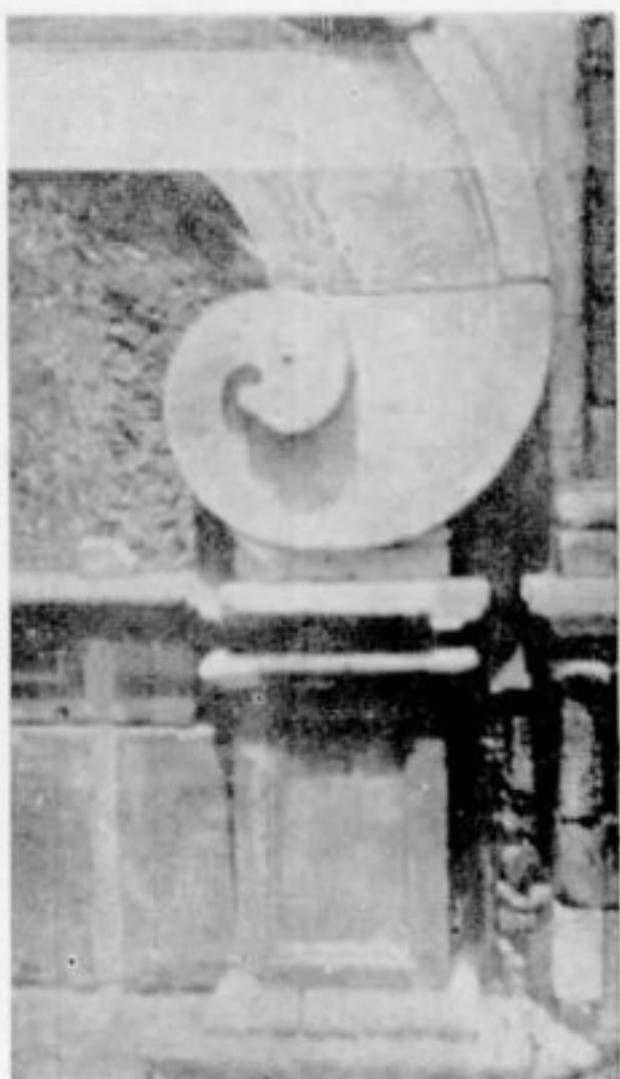
Recomposição do tanque que servia para receber
os poiais e consêrtos dêstes 125\$000



Chafariz dos Contos.
Estado de ruína da
base do lado direito.



Chafariz dos Contos. Recomposição da base
e voluta do lado direito.



Chafariz dos Contos. Recomposição da base
e voluta do lado esquerdo.

Retirada do gradil que cerca o chafariz com serviços para reaparecimento do encanamento d'água que vinha da Rua de Cima e do que servia à água já servida	700\$000
---	----------

GERAL: Rs. 1:578\$075

Chafariz ao pé da Ponte de São José
(Chafariz dos Contos)

Características:

Paredão de frente de cantaria: 7 m x 6 m
Pilastras extremas de cantaria: 6 m x 0,22 m
Ornato simbólico de cantaria emoldurando as bicas.
Bicas em belíssimo trabalho de cantaria.
Coroamento de cantaria todo trabalhado.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 31,30 m ²	109\$550
Retirada de 20 m ² de caição na parede de frente ..	25\$000
Recomposição da cantaria do ornato e coroamento com rejuntamento a breu	262\$000
Confecção de um tanque de cantaria do Itacolomi com as dimensões 3 x 1 x 0,22 e ligação nos cantos com gatos de ferro chumbados	340\$000
Confecção e colocação de quatro descansos de ferro para barris	30\$000
Serviços de reaparecimento do encanamento d'água que vinha da Rua Nova e descia pela Rua das Flores até chegar à pia de distribuição para as bicas	412\$000

GERAL: Rs. 1.178\$550

A restauração integral dêste Chafariz implica na construção de um paredão de pedra do lado direito com colocação de um assento de cantaria, tanque em ligação com o da frente, pia e bica com uma carranca.

Paredão lateral de cantaria	1:088\$000
Assentos (três) de cantaria	322\$000
Tanque de cantaria com ligação de gatos de ferro chumbados	250\$000
Pia de cantaria com uma carranca de bronze e bica	225\$000
Ligação dos encanamentos d'água dos dois tanques sob o solo	65\$000

ADICIONAL: Rs. 1:950\$000

ORÇAMENTO FINAL: Rs. 3:128\$550

Chafariz junto à escada da Penitenciária

Características:

Parede de frente: 3,30 m. x 2,80 m. de cantaria.

Pilastras laterais de cantaria: 3,30 m. x 0,25 m.

Verga de cantaria em linha reta.

Coroamento consistindo de dois ornatos partindo da base que sustenta duas tocheiras de cantaria e servindo de apoio a um pedestal de cantaria que recebe superiormente outra tocheira.

Na parte superior do paredão de frente, uma moldura elítica traz uma notícia sobre a inauguração deste chafariz (reformado); em baixo, uma moldura de cantaria toda trabalhada enfeixa duas carrancas de cantaria com bicas.

Para receber a água destas bicas, um maciço de pedra e cantaria bem trabalhado recebe superiormente, dois assentos para barris, tendo no centro um orifício, hoje entupido, que se liga ao encanamento para saída d'água.

As pilastras são de ordem completa com ornatos no pedestal descabidos.

Lateralmente, dois tanques de pedra em perfeito estado são os tanques para cavalos.

O serviço de abastecimento d'água deste chafariz vem de uma mina em ponto mais alto da Rua Nova, com



Chafariz dos Contos antes da restauração feita pela Insp. Nac. de Mon. Históricos.



Chafariz dos Contos, Ouro Preto. Estado em que se achava a parte central.



Chafariz dos Contos. Começo do restauro da parte central.



Chafariz dos Contos. A parte central restaurada pela Inspeção de Monumentos Nacionais.

encanamento todo de telhões argamassados e tendo na pia de registro um anel d'água para a Casa da Moeda.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de nove metros quadrados de cantaria	31\$500
Consêrto do poial com ligação do cano d'água para o encanamento geral	125\$200
Recomposição de cantaria das carrancas	75\$000
Retirada da caiação da parede de frente com reajustamento de tôda cantaria a breu	228\$000
Restauração da cantaria dos dois tanques laterais	188\$000

GERAL: Rs. 647\$700

Chafariz da Rua das Flores:

Características:

Paredão de frente de pedra argamassada: 5,00 m. x 2,00 m.

Pilastras extremas de cantaria: 5,00 m. x 0,22 m.

Verga de cantaria ligando as pilastras em linha reta.

Volutas de cantaria partindo do ápice das pilastras.

Base de cantaria: 0,25 m. x 0,25 m.

Cruz de cantaria (hoje de cimento)

Carranca de cantaria tôda deformada com orifício para bica.

Chão todo coberto de mato, com sinais de existência de um tanque primitivo.

Arrimos laterais de pedra argamassada.

E', caracteristicamente, uma deturpação do chafariz do Rosário.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 12,50m ² com rejuntamento de tôdas as pedras	172\$200
Recomposição de 1 m ² x 2 m ² de cantaria das pilastras com renovação da ordem	258\$000
Recomposição da verga e volutas com rejuntamento	143\$000



Chafariz dos Contos, devidamente restaurado.



Chafariz dos Contos, restaurado com o seu tanque de pedra.

Construção e colocação de uma cruz de cantaria com ligação semelhante à primitiva	85\$000
Restauração da carranca com colocação da bica ..	215\$000
Consertos dos paredões laterais	360\$000
Confecção e colocação de um tanque de cantaria em tudo semelhante ao do chafariz do Rosário com ligações e gatos de ferro chumbados e descansos	280\$000

GERAL: Rs. 1:513\$200

Situado na Rua das Flores, bem no centro da cidade e em um ponto movimentado, impressiona mal o estado dêste chafariz, sendo reclamado por todos que visitam a cidade consertos que lhe dêem melhor aspecto.

Chafariz do Passo de Antônio Dias:

1752

Características:

- Paredão de frente de cantaria: 3 m. x 6 m.
- Cortina de pedra que serve de arrimo: 20 m. x 6 m.
- Pilastras extremas de cantaria: 5 m. x 0,22 m.
- Coroamento trabalhado de cantaria: 5 m. x 2 m.
- Quadro de cantaria trabalhado com três carrancas de bronze em estado adiantado de decomposição.
- Maciço de pedra com três poiais para receber os barris.
- Pia de cantaria para receber a água das bicas.
- Embasamento em escada.

Obs.: — Êste maciço é, evidentemente, uma deturpação da construção pela sua forma trapezoidal. Êste chafariz precisa ser urgentemente reparado, pois desapareceu o esforço da cortina ao lado que contrariava o empuxo das terras ao seu fundo e hoje se mostra desviado da vertical.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 36 m ²	126\$000
Recomposição de três carrancas de bronze, da pia e do quadro que as recebe	412\$000

Confecção de novo maciço de pedra com os poiais para barris de forma retangular, igual ao chafariz do Alto do Padre Faria	152\$000
Consêrto do muro de arrimo ao lado com aparelhamento de sua frente	1:120\$000
Serviço de reabastecimento dágua com confecção de pia de cantaria para regularização da água para as bicas	620\$000

GERAL: Rs. 2:430\$000

Em entendimento com um morador ao lado do chafariz, homem de recursos, ficou estabelecido que êle entraria com alguma parte nos referidos trabalhos, uma vez que a reforma do chafariz virá embelezar a sua casa.

Chafariz ao pé da Ponte de Antônio Dias

(Chafariz de Marília de Dirceu)

Características:

Paredão de frente: 5 m. x 6 m.

Pilastras laterais: 1 m. x 5 m. (média)

Bica ornamentada e guarnecida de quatro carrancas de bronze com quatro ramais.

Ornato de cantaria guarnecendo as carrancas.

Concha de cantaria com quatro poiais para barris.

Paredão direito de pedra em alvenaria aparelhada de 20 m. x 7 m.

Paredão esquerdo com as mesmas características.

Fundo com lugar reservado para colocação da pia de cantaria que servia às quatro bicas.

Chão de pé de moleque com inclinação necessária.

Aqueduto de cantaria servindo a um encanamento de telhões.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 33 metros quadrados de cantaria do Itacolomi	181\$500
---	----------



Chafariz dos Contos — Ouro Preto — Como ficou logo após a restauração da
Inspetoria de Monumentos Nacionais.

Recomposição de 16 metros quadrados de cantaria com rejuntamento a breu	530\$000.
Retirada de 25 metros quadrados de caiação da parede de frente	12\$500.
Limpeza a picão da concha com restauração dos poiais e desentupimento do encanamento d'água	180\$000.
Recomposição do chão a pé de moleque em concordância com o calçamento	145\$000.
Consêrto dos dois paredões laterais	225\$000.
Recomposição de quatro carrancas de bronze iguais às atuais	870\$000.
Construção de uma pia para distribuição de água às bicas	188\$000.
Serviço para reaparecimento do encanamento d'água, incluindo recomposição do aqueduto que levava os telhões para o chafariz por onde corria a água	815\$000.

GERAL: Rs. 3:147\$000

Chafariz da Rua Barão do Ouro Branco

1761

Características:

Paredão de frente de tapanhoacanga argamassada com cal e areia: 3,00 m. x 4,10 m.

Pilastras de cantaria sem ordem, ou com ela destruídas: 3,20 m. x 0,24 m.

Verga ligando as pilastras, de cantaria e de contornos suaves.

Tocheiras de cantaria assentadas sôbre soco de cantaria.

Tocheira maior de cantaria do mesmo modo disposta. Poial de tapanhoacanga argamassado e provido de uma mesa de cantaria com dois assentos para barris.

Muros laterais de tapanhoacanga de menor altura.

Carrancas de cantaria tôdas deformadas com orifícios para bicas e coroadas por uma palma de cantaria.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 12 metros quadrados de pedra com rejuntamento dos paredões que seguem o frontispício até as casas juntas	358\$200
Recomposição de tôda cantaria das pilastras, verga, tocheiras, etc.	415\$000
Recomposição das duas carrancas, do quadro que as contém e da palma que lhe fica superior, com colocação das bicas	620\$000
Reconstrução do poial com colocação de nova laje com os assentos	246\$300
Reaparecimento do aqueduto até as lajes que formam o que levava o encanamento superior ao de Marília de Dirceu	413\$000

GERAL: Rs. 2:052\$500

Chafariz do alto do Padre Faria:

Características:

Paredão de frente de tapanhoacanga: 4,00 m. x 5,50 m.

Pilastras laterais de cantaria: 4,00 m. x 0,25 m.

Coroamento em arco de cantaria: 4,00 m. x 1,50 m.

Figura de cantaria.

Quadro de cantaria recebendo as carrancas com três bicas.

Poial de pedra de Ensilharia lajeada com lajes do Itacolomi com três descansos para barris.

Serviço de canalização d'água em adiantado estado de destruição.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 15,50 m ² de cantaria do Itacolomi	54\$250
Limpeza da parede de frente com raspagem da pedra e rejuntamento a breu	55\$000
Consêrto do poial com trabalho de encanamento para água	125\$000

Confecção e colocação de um tanque de cantaria do Itacolomi, para cavalos, com ligação do encanamento para a rua e ligação das partes com gatos de ferro chumbados	380\$000
Confecção e colocação de três carrancas de bronze, consêrto no quadro de cantaria e três bicas	720\$000
Consêrto do paredão lateral de tapanhoacanga com recobertura de cimalha a telha	75\$000
Serviços de reabastecimento d'água com construção da pia que distribuía água para as bicas	550\$000

GERAL: Rs. 1:959\$250

Chafariz da Rua Conselheiro Quintiliano

(Rua das Lajes)

Características:

Paredão de frente constituído de uma parte central com 3,00 x 2,20 de pedra argamassada, extremada por duas pilastras de cantaria com ordem completa, ligadas superiormente por uma verga também de cantaria em linha reta; sôbre o capitel destas pilastras assentam num soco as pirâmides de cantaria que ladeiam uma cruz, hoje de cimento. Lateralmente, os paredões se prolongam; o do lado direito escora uma casa e o do lado esquerdo termina num mato espêss.

Em ângulo reto com êstes paredões, dois pequenos muros de pedra com um metro de altura e 0,25 de espessura. Dentro dêsse recinto, aloja-se o tanque de cantaria incompleto que recebe a água de uma bica encravada num pequeno quadro de pedra, desprovida de carranca. O chão, todo lajeado, apresenta fendas de infiltração da água.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 21 m ² com rejuntamento e recomposição, incluindo a parede de fundos e os paredões laterais	134\$200
---	----------

Recomposição de 3,50 m ² de cantaria dos ornatos, pilastras e verga	340\$000
Confecção e colocação de novo quadro de pedra para bica e uma carranca	270\$000
Serviço de consêrto do tanque de cantaria com aproveitamento em parte do atual e novo calçamento do recinto a lajes com tomadas de juntas	620\$000

GERAL: 1:414\$200

Chafariz da Água Férrea:

Características:

Paredão de fundo servindo de arrimo, de pedra tóda argamassada, tendo 5,20 m. de comprimento e 2,50 m. de altura, ladeado por duas paredes com as mesmas dimensões. Fonte com dois metros de largura e 2,85 de altura, constituída de duas pilastras de cantaria em linhas suaves; sob a verga uma inscrição num quadro elíptico de pedra e mais em baixo a pia de cantaria, em forma de cálice com sólido pé. A bica sem carranca é ladeada por dois adornos de cantaria, o pé do cálice levanta-se de uma sapata também de cantaria e trabalhada, fazendo o papel de pedestal. Ao pé do cálice e em todo comprimento do chafariz, estende-se uma plataforma de pedra argamassada, tóda caia-da (!), que serve de guarda-mão para uma pequena escada de pedra de acesso à fonte.

O chão lajeado de quartzito, com as juntas abertas, dá passagem à água que transborda do cálice.

Está êste chafariz situado ao lado da estrada de automóveis que segue o caminho para Mariana.

A água que cai vem de uma fonte distante.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 40,79 m ² de pedra das paredes do fundo e laterais com retirada da caiação e rejuntamento das emendas a pedra	572\$600
---	----------

Recomposição da cantaria das pilastras da fonte, verga, bica e pia com pedestal	415\$000
Serviço de consêrto no calçamento com substituição de 12 m ² de lajes e rejuntamento para evitar a infiltração d'água que virá desagregar a plata- forma de frente, canalização da água servida para os bueiros	864\$200

GERAL: Rs. 1:951\$800

RESUMO DE PONTES EXISTENTES EM OURO PRETO 1935

Bairro "CABEÇAS"

Desde a ponte do Passa Dez até a ponte do Rosário sôbre o córrego do Caquende.

Bairro "ROSÁRIO" (Ouro Preto)

Desde a ponte do Rosário até a Praça Tiradentes.

a) Ponte do Rosário. Belíssima ponte de alvenaria de pedra tôda argamassada, de um vão central em arco com 8,80 m. de diâmetro, extradorso constituído de aduelas de itacolomito, tôdas rejuntadas a breu, enchimento de itacolomito, intradorso formado de lajes de itacolomito também rejuntadas, mostrando hoje, devido ao estado de decomposição, fendas e infiltração d'água. Acima do enchimento, foram colocadas, em horizontal, fiadas de lajes, sendo que a primeira está em balanço, apoiadas em cachorros de cantaria postos nos extremos. Estas lajes possuem nesses pontos bueiros nelas cavados, hoje sem utilidade e alguns destruídos, pelo serviço de calçamento, substituídos por canos de ferro (!!!). Sôbre esta fiada de lajes levantam-se mais duas, que, pelo lado de dentro, são assentos que correm entre pilares de cantaria terminados superiormente em pirâmides. A ligação das lajes que vão constituir os parapeitos é feita por gatos de ferro chumbados, dos quais poucos existem atualmente. Tôdas as juntas da

calçada foram tomadas a argamassa de cal e areia. Sobre o parapeito, do lado direito de quem vai para a cidade e no seu centro está fixado um pedestal de cantaria e a êle ligada superiormente uma esfera de cantaria, tendo em cima uma cruz também de cantaria prêsa à esfera por um espigão de ferro. A entrada da ponte apresenta de cada lado e do lado do Rosário beco para dar saída à água que de lá vinha. A existência dêstes becos só desta parte da ponte explica-se por existirem, pegadas a êste pegão, casas, o que não acontece do lado das Cabeças, em que as primeiras casas ligadas à cortina de pedra se acham a uma distância de vinte (20) e tantos metros do pegão, nascimento do arco. Quando construída, a ponte tinha a calçada de lajes colocadas a tição; essa calçada está em concordância perfeita com as ruas das duas partes da ponte e tanto assim que os bueiros de pedra cavados nas lajes davam vazão à água. Hoje, o calçamento de paralelepípedos matou essa concordância e os bueiros de nada servem; pelo contrário, estão afeiando a ponte. Sob a ponte corre o Caquende em um leito em degraus de cantaria, passando a jusante sob uma ponte singela de madeira. O córrego está francamente alterado, necessitando serviço de melhoramento para se obter um aspecto bem semelhante ao que era primitivamente.

É um dos recantos de Ouro Preto de onde se obtém melhor ponto de vista; daí ser escolhido constantemente pelos pintores. Ladeiam a ponte, a jusante, dois muros, um de tijolo e outro de pedra. Os serviços de restauração virão trazer a êsses aparelhos uma uniformidade de conjunto. As duas casas solarengas no caminho para o bairro das Cabeças concorrem à formação de um ambiente pinturesco e bem histórico da cidade.

b) Ponte Sêca. Duas grandes cortinas de pedra, dispostas em posição horizontal e argamassadas com cal e areia, formam o imenso parapeito desta ponte num desenvolvimento de 75 metros. O vão é inteiramente irregular, havendo pontos em que o filete d'água passa numa seção de 2 metros quadrados; adiante levanta-se um atêrro para depois nova passagem. No local mais alto, a distância entre o leito e cortina vai a dez (10) metros. Poucos são os gatos de ferro chumbados que ainda se



A Ponte dos Contos antes de restaurada pela Inspeção de Monumentos Históricos.

vêm ligando as lajes que capeiam o parapeito. Ao pé dos parapeitos, se estende um passeio de lajes e a calçada da ponte é de pé de moleque, talvez o primitivo calçamento. É desprovida de bueiros, pois na entrada do lado do Rosário existe um beco que dirige tôdas as águas que vão a ela, o mesmo acontecendo do lado do fundo de Ouro Preto.

Bairro do "OURO PRETO"

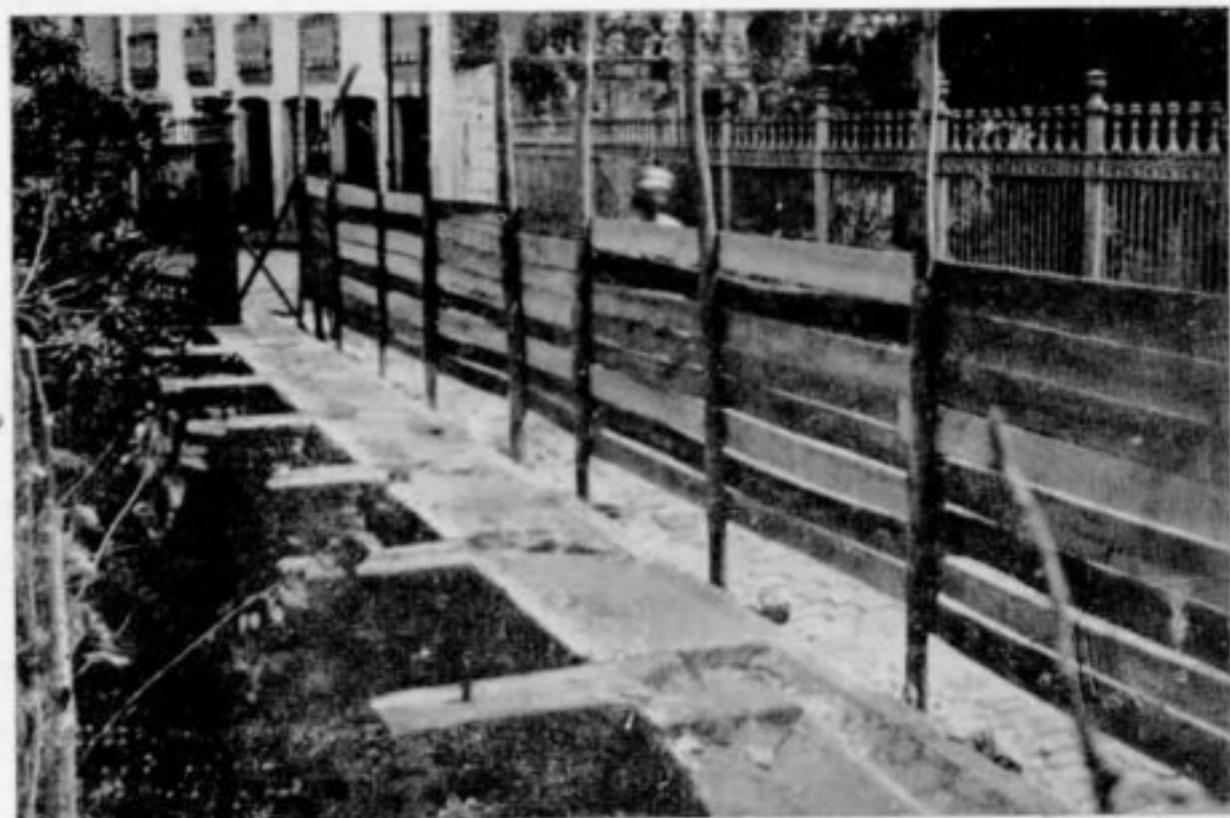
Desde a ponte do Rosário até a Praça Tiradentes.

a) Ponte de São José, hoje conhecida por ponte dos Contos, de alvenaria de pedra argamassada, de um arco central de quatro (4) metros de vão, extradorso constituído de aduelas de itacolomito rejuntadas, intradorso de lajes também de itacolomito ligadas intimamente, o enchimento de pedras tôdas argamassadas, os nascimentos do arco apoiavam-se em uma fiada de cantaria. O enchimento, ao alcançar o nível da rua, cessa, vindo então uma fiada de lajes de cantaria que pelo lado de fora da ponte vai servir de soleira ao parapeito que existia. Hoje vamos encontrar cachorros de pedra servindo de apôio aos varões de um gradil. Dois espigões de pedra argamassados servem de escora ao pegão de entrada. Quando construída, a ponte era servida por parapeitos de pedra em tôda sua extensão e com assentos em comprimento que não pudemos precisar, mas pelo que mostram as pontes que os possuem, êstes deviam se estender de três (3) metros para cada lado da cruz central posta no parapeito. O serviço de calçamento pouco alterou o leito da ponte, é o que vamos constatar ao observar que os bueiros cavados na fiada de lajes servindo de soleira ao parapeito estão em plena função.

Com a restauração completa desta ponte e da casa ao lado, privada em seu jardim de um belo tanque de cantaria, contemporâneo da construção da ponte e da Casa dos Contos, iríamos ter um dos mais agradáveis conjuntos de Ouro Preto; faz-se, pois, necessária a reposição aí do tanque e de alguns jarros que ornavam a varanda da referida casa, hoje também dali retira--



Ponte dos Contos, Ouro Preto, vista de baixo, com a grade moderna que foi retirada.



Ponte dos Contos. Retirada da grade moderna. Descoberta dos cachorros de pedra do antigo passeio e muralha, que foram restaurados com os cantos do Itacolomi.

dos. Conseguir-se-ia com êstes trabalhos e com a restauração do chafariz dos Contos, que é emoldurado por construções tôdas primitivas, a recomposição integral dêste pedaço da cidade.

b) Ponte do Ouro Preto. É de pedra argamassada com cal e areia de um arco central em volta do cordel, as aduelas do extradorso de lajes de itacolomito rejuntadas a cal e areia, o mesmo para o intradorso. O enchimento de pedra até a fiada primeira de onde se elevariam, na altura do calçamento, quatro outras que vão constituir os assentos e sôbre êstes uma fiada em pé formando o parapeito, ligadas por gatos de ferro chumbados. Extremam êstes parapeitos pilastras de cantaria. O centro do parapeito é provido de uma cruz de cantaria tôda refundida, apoiada por ganchos de ferro num pedestal, que é adornado na sua frente por uma cabeceira. O calçamento da ponte é a pé de moleque e apresenta franca discordância com as calçadas laterais; vê-se, então, a primeira fiada de lajes que servem de base às do assento, quando pela construção deviam estar ocultas; nestas condições, os assentos tornaram-se mais altos e quem neles se senta fica com as pernas suspensas (!). A concordância se obterá com o levantamento da calçada da ponte e o abaulamento competente. Os baixos desta ponte estão totalmente entulhados, forçando o córrego a buscar a base da cortina que se estende ao seu lado. É outro ponto de vista belíssimo da cidade.

Bairro “ANTÔNIO DIAS”

Da Praça Tiradentes até a subida da ladeira do Virasaia.

a) Ponte de Antônio Dias. É de pedra argamassada com cal, provida de dois arcos de cantaria, com 4,99 m. de vão e 7,40 m. de altura desde o leito até o fecho, extradorso de aduelas de cantaria argamassada e intradorso de lajes também rejuntadas, cada um dêstes arcos tem para pés direitos os pegões e o pegão central em semi-círculo. O enchimento todo de pedra. Acima dêle, levanta-se a primeira fiada de lajes guarnecida de bueiros nela cavados e colocados nos extremos

dos semi-círculos; sôbre esta primeira fiada levantam-se três cutras, duas extremas em posição vertical e a central horizontal. Estas fiadas, pelo lado de dentro, vão formar os assentos e o parapeito que se prolonga pelas cortinas. Extremam êstes semi-círculos quatro pilastras de cantaria coroadas por pirâmides, que vão ornar a ponte nos extremos e de ambos os lados de um boqueirão que dirigia as águas, com os bueiros cavados na fiada de lajes por baixo do parapeito; tinha-se assim conseguido o escoamento completo de tôdas as águas que desciam da matriz de Antônio Dias e da ladeira do Virassaia. Hoje, desapareceram os boqueirões e substituíram os bueiros de pedra por canos de ferro (!!!) Sob a ponte passa um córrego que, atualmente, só banha um arco, pois o de entrada da ponte está entulhado e, a jusante, fizeram um serviço de barragem. Sob ela vão passar as águas que descem dos morros São Sebastião e Pascoal da Silva, passando antes por baixo da ponte de Henrique Lopes e da Encardideira.

Além desta ponte, o bairro de Antônio Dias é servido por mais três pontes de alvenaria de pedra; destas três a que mais se destaca é a de Henrique Lopes, ao pé do Palácio Velho, hoje uma antiga construção tôda mutilada, sem conservação, guardando, entretanto, em suas linhas a imponência das residências senhoriais. Servia a êste Palácio um chafariz que não foi possível encontrar, nem mesmo uma fonte, restos de alguma construção grandiosa. Mais adiante, vem a ponte da Encardideira que dá passagem às águas que descem da vertente da serra de Ouro Preto; é uma pequena ponte que, com os serviços projetados, se tornará em condições de dar passagem a estas águas do imenso boqueirão a montante. Por fim vem uma ponte singela abaixo da de Antônio Dias, que está em boas condições de conservação.

Bairro "BARRA"

Do Largo de Frei Vicente Botelho até a ladeira do Gambá.

a) Ponte da Barra. É de pedra, tôda argamassada com dois arcos de cantaria, tendo para pés direitos os pegões extre-

mos e um pegão central que se levanta de um belo talha-mar de pedra assentado em sólido alicerce. Acima do enchimento, vêm fiadas de lajes que vão constituir o alicerce dos assentos e do parapeito; êste corre em linha reta, depois encurva-se, prossegue em reta até novo semi-círculo. Os assentos estão dispostos somente nos semi-círculos. No centro levanta-se uma cruz de cantaria sobre um pedestal. Nota-se no nascimento dos semi-círculos a ausência de pilastras que ornavam a ponte e eram fixadas por varões de ferro. O leito da ponte calçado a pé de moleque é também uma alteração violenta na construção. Os bueiros cavados na fiada de lajes que constituía o alicerce dos parapeitos estão sem utilidade e alguns arrebitados. O leito do Rio Funil, profundamente alterado, implica mutilação completa para a ponte. Ao lado uma grande cortina de pedra escorada por um atêrro que progride dia a dia. É um dos belos pontos de vista da cidade.

Bairro “PADRE FARIA”

Da ladeira do Virasaia até a ponte que tem o seu nome.

a) Ponte do Padre Faria, de pedra argamassada, de um só arco central, capeada com itacolomito, e as lajes fixadas e ligadas por gatos de ferro chumbados. Sobre o enchimento, levanta-se o parapeito de lajes e rebocado por dentro e por fora. Os pés direitos do arco firmam-se em lajes do Itacolomi. Na base dos parapeitos notam-se bueiros cavados na laje. A calçada da ponte apresenta um abaulamento, partindo do seu meio para dirigir as águas para os lados, canalizando-as nos bueiros.

É talvez a ponte mais antiga de tôda a Ouro Preto, datando sua construção de 1730 e tem a vantagem de não ter sofrido até hoje nenhuma alteração. Só a ação do tempo tem contribuído para a sua destruição; dada, porém, a perfeição da obra e o pouco trânsito, os consertos que está a requerer terão o efeito de restaurá-la integralmente, concordando com a capela do Padre Faria e os restos de construção que a rodeiam para completar o ambiente de Ouro Preto.



Ponte do Rosário, Ouro Preto. Trabalhos de restauro do lado direito.



Ponte do Rosário. Restauração do lado direito.



Ponte do Rosário. Montagem da cruz, do lado direito.

PONTE DO ROSÁRIO:

1753

Características:

Ponte de alvenaria de pedra argamassada com cal e areia com um arco de cantaria, em que as aduelas foram rejuntadas a breu; acima do arco levanta-se o enchimento de itacolomito rejuntado e acima as lajes que vão servir de base aos assentos e por fim uma fiada de lajes em vertical, mantidas fixas por meio de gatos de ferro chumbados. Extremam a ponte nos assentos e nos parapeitos pilastras de cantaria terminadas em pirâmides. No centro do parapeito, do lado esquerdo de quem vem da cidade, levanta-se uma base de cantaria de secção rectangular, encimada por uma esfera também de cantaria e por fim uma cruz. Os parapeitos, de cada lado da ponte, seguem a cortina de pedra que ladeia os pegões extremos. Passeios de lajes acompanhando os assentos. Lajes servindo de base aos assentos providos de bueiros cavados nelas. O córrego do Caquende corre para baixo em degraus de cantaria. Segue o córrego sob a ponte e mais dez (10) metros a montante e a jusante um passeio de lajes sobrepostas; entre êste e os nascimentos dos arcos, um caminho para passagem de animais.

Altura do leito do córrego até o parapeito: 6,20 m.

Comprimento entre assentos: 20 metros

Largura entre passeios: 5,35 m.

Vão do arco: 4,50 m.

Comprimento das cortinas: 15 metros.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 350 metros quadrados de cantaria, incluindo arco, cortina, paramento, parapeito com rejuntamento a breu 1:225\$000

312\$000

1:537\$000

Limpeza a picão de 40 metros quadrados de assentos com substituição de alguma cantaria com fixação das peças por gatos de ferro chumbados

416\$500



Ponte do Rosário. Lado esquerdo. Restauração do bueiro.



Ponte do Rosário. Lado esquerdo quase restaurado.



Ponte do Rosário.
Restauração completa do lado esquerdo.

Recomposição de cantaria da esfera e da cruz . . .		75\$000	
Serviço de calçamento para concordância do leito com as ruas de cima e de baixo com utiliza- ção dos bueiros de pedra cavados nas lajes:			
calçamento	1:100\$000		
serviço nas lajes do assento	620\$000	1:720\$000	
<hr/>			
Serviços no córrego do Caquende a jusante e a montante, com restabelecimento dos passeios de lajes na extensão de 15 metros para cada lado:			
passeio	1:020\$000		
serviço no córrego	330\$000	1.350\$000	
<hr/>			

GERAL: Rs. 5:098\$500

PONTE DE SÃO JOSÉ

(Contos)

Características:

Ponte em arco, de alvenaria de pedra argamassada com cal e areia. Vão central em arco de círculo, constituído de aduelas de pedra de cantaria do Itacolomi. Extremam a ponte dois grandes paredões de pedra grossa servindo de pegões, da altura de dez (10) metros. O cheio acima do arco é constituído de cantaria em nível e daí até o nível da rua, de pedra. Pelo lado de fora, ainda foi assentada uma fiada de cantaria servindo de soleira ao parapeito que existiu na época da construção. Dois espigões de pedra argamassada de altura de dez (10) metros e seção 0,50 x 0,30 escoram os pegões de entrada da ponte. Doze (12) cachorros de pedra ao lado direito e dezesseis (16) do lado esquerdo são os apoios das lajes que serviam de base ao parapeito, hoje substituído por um gradil. Dois bueiros de pedra de seção 0,44 x 0,25 servem de escoadouro das águas. Apresenta um comprimento de pegão a pegão de 23 metros e largura de passeio a passeio de 4,85 metros.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 275 metros quadrados de cantaria e 105 metros quadrados em andaimes	822\$000
Limpeza do córrego e proteção dos pegões com retificação do leito	125\$000
Limpeza e pintura do gradil	144\$000

GERAL: Rs. 1:091\$000

Os serviços completos nesta ponte compreenderiam a retirada do gradil e substituição do antigo parapeito de pedra com assentos, dez (10) metros para cada lado, e colocação de uma cruz de pedra no meio do vão como era antes, em 1744, quando foi construída. O gradil é modificação recente.

Construção do parapeito com 1,50 de altura por 23 m. de comprimento e 0,30 m. de espessura de pedra de cantaria do Itacolomi, com ligação tomada a gatos de ferro chumbados e pedras tôdas aparelhadas	1:644\$000
Assento de pedra de cantaria do Itacolomi tendo dez (10) metros de comprimento, 0,50 de largura e 0,40 de altura	370\$000
Cruz de cantaria de pedra do Itacolomi no meio do vão	121\$000

ADICIONAL: Rs. 2:135\$000

ORÇAMENTO DE TÔDAS AS OBRAS: Rs. 3:226\$000

PONTE DE OURO PRETO

1756

Características:

Ponte de alvenaria de pedra argamassada de um só arco de volta de cordel (elíptico) de cantaria. Intradorso e extradorso de lajes com juntas tomadas a breu, pés direitos de lajes,

parapeitos de lajes vindo estas desde o fecho do arco em fiadas horizontais até a altura do antigo calçamento, sendo a primeira no mesmo plano do calçamento. As lajes dos parapeitos ligadas por gatos de ferro chumbados. Extremam os parapeitos pirâmides de cantaria tendo superiormente tocheiras também de cantaria nos quatro cantos. No centro do parapeito, do lado esquerdo de quem desce a ponte, uma cruz de cantaria sôbre um plinto escarpelado e sôbre êste um pedestal que recebe por fim a cruz refendida; guarnece o plinto uma cabeceira. As margens do córrego são protegidas por uma longa cortina de pedra tôda argamassada. Passeios laterais de lajes do Itacolomi. O leito da rua calçado a pé de moleque sem concordância com os calçamentos da rua de cima, nem do largo. Assento de lajes em todo comprimento da ponte formado de fiadas de lajes em posição horizontal que hoje não têm utilidade pela sua posição, forçando àqueles que os procuram a ficarem com as pernas suspensas (!).

Altura do leito à primeira fiada horizontal: 3,20 m.

Largura entre as cortinas: 4,30 m.

Altura da primeira fiada até o parapeito: 2,00 m.

Comprimento da ponte: 6,30 m.

Largura de passeio a passeio: 4,45 m.

Vão do arco: 1,40 m. no fecho.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 103,130 metros quadrados de cantaria, incluindo parapeitos, arcos e assentos, com rejuntamento e recomposição de 12 metros quadrados de cantaria	720\$955
Recomposição das cortinas que correm ao lado ..	260\$000
Confecção e colocação de três “belas” nos extremos das pilastras com fixação de ganchos e recomposição da cantaria das pirâmides	640\$200
Confecção e colocação de nova cabeceira, consêrto do plinto, restauração dos pertences da cabeceira e limpeza da cruz	542\$300

Substituição e colocação de seis lajes de itacolomito para assentos, com fixação	435\$000
Serviços no passeio para concordância absoluta com as ruas que vêm à ponte e estabelecimento de novos bueiros em posição de concordância com os serviços de calçamento	675\$200
Limpeza do córrego em comprimento de cem metros a montante e a jusante, levando-o a se afastar das cortinas, com pedras de proteção	465\$200

GERAL: Rs. 3:738\$855

PONTE DA BARRA

Características:

Ponte de alvenaria de pedra argamassada com cal e areia. Formada de dois arcos com vinte e cinco (25) palmos de vão cada um, tendo para pés direitos o pegão central e os pegões extremos, intradorso dos arcos de pedra de cantaria aparelhada e juntas tomadas a breu, e bem assim o teto dêesses arcos. O pegão central levanta-se de um talha-mar de pedra de perfil triangular isósceles, assentado sôbre uma sapata; acima do talha-mar, uma altura fora d'água de 4,50 m. Acima dos arcos, levanta-se uma cortina de pedra argamassada, com quatro palmos de alto e dois e meio de grosso, providas algumas de bicos espaçados de vinte palmos que servem de bueiros para saída das águas. Tôda a ponte em seu comprimento é calçada com seixos de praia, hoje bem falhos. Em todo o comprimento e de ambos os lados, corre um parapeito de pedra rebocado com cal e areia; a distância igual da cruz central e de ambos os lados, os parapeitos curvam-se em semi-círculos. Contornando os semi-círculos, dispostos assentos de pedra; nos nascimentos dêstes semi-círculos existem assentos de pedra; nos nascimentos dêstes semi-círculos existem pedestais de pedra de cantaria terminados em pirâmides. Nota-se a ausência de um.

Altura da ponte: 20 palmos (4,40 m).

Comprimento da ponte desde a terra firme até a subida para a cidade: 40 palmos (8,80 m.)

Largura da ponte, livre das cortinas: 25 palmos (5,50 m).

Tão graves os construtores reputavam os efeitos do Rio Funil sôbre os pegões da ponte que encareciam a necessidade de alicerces maciçados e assentados sôbre grandes lajes largas e compridas e, depois, alvenaria grossa, para sôbre tudo isso virem as sapatas.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 357 metros quadrados de cantaria, compreendendo pegões central e finais, arcos e cortinas	1:249\$500
Recomposição de 120 metros quadrados de para-peitos, 19,20 metros quadrados de assentos com rejuntamento e ligação das lajes que os compõem a gatos de ferro chumbados	920\$000
Limpeza e consertos do embasamento de uma cruz de cantaria	70\$000
Rebaixamento no calçamento para aproveitar os bueiros e sua concordância com as ruas de entrada e saída da ponte	625\$000
Confecção e colocação de um pedestal de cantaria, ligação feita com espigões de ferro	95\$000
Serviços de retificação do leito do Rio Funil com seu alargamento, proteção de cinquenta metros (50 metros) de cortina de pedra, substituição de um muro de tijolo à direita da ponte de quem vai para a cidade e proteção do quintal a jusante do rio	1:125\$000
Consêrto com substituição de 27 metros quadrados de lajes para os passeios da ponte ...	320\$000

GERAL: Rs. 4:404\$500

PONTE DO PADRE FARIA

1750

Características:

Ponte de alvenaria de pedra argamassada com cal, sendo que o capeamento é todo de itacolomito e nas juntas fixadas

com gatos de ferro chumbados. A parte da ponte virada para a Capela do Padre Faria e a do lado do córrego são protegidas por cortinas de pedra capeada com lajes de itacolomito. O arco central apresenta o extradorso formado de aduelas de itacolomito abauladas e assentadas em cal e areia. Acima do fecho do arco, formando pois o enchimento, vêm fiadas de lajes; a última delas, que serve de base aos parapeitos, é provida de bueiros em número de dois, cavados na pedra e em cada lado do parapeito. O leito da ponte apresenta um abaulamento que nasce do meio, favorecendo, assim, a distribuição das águas para os bueiros. Em vista da natureza do solo e do regime torrencial, nota-se o cuidado no assentamento dos alicerces e em suas grandes proporções.

Vão da ponte entre parapeitos: 3,30 m.

Espessura dos parapeitos: 0,55 m.

Comprimento da ponte: 12 metros

Altura da ponte do nascimento do arco: 5,25 m.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 220,24 metros quadrados de pedra, incluindo cortina, parapeito, arcos com rejuntamento	1:603\$840
Recomposição do parapeito com substituição de 12 metros quadrados de lajes e ligação destas feita com gatos de ferro chumbados	605\$000
Consêrto do leito da ponte do paredão fronteiro à capela e da escada de acesso	726\$000

GERAL: Rs. 2:934\$840

Como obra de perfeita restauração, deveriam também ser consertados os paredões de canga, restos de construção que aparecem aos fundos da capela do lado direito de quem, descendo do alto da Cruz, a procura.

Talvez com os serviços de melhoramentos dêsses restos de casa alguém se anime a completá-los e passarão, então, a servir de moradas, melhorando o aspecto geral. Incluindo êstes

trabalhos no orçamento de restauração desta ponte, importam êles em:

Rs.: 855\$500

ORÇAMENTO FINAL: Rs: 3:790\$340

PONTE DE ANTÔNIO DIAS

1755

Características:

Ponte de alvenaria de pedra argamassada com cal e areia. Formada de dois arcos de cantaria com 20 palmos (4,40 m) de vão cada um. O intradorso e extradorso dos arcos de itacolomito lavrado a picão e as juntas tomadas com mistura de breu, para evitar infiltração; os pés direitos dêstes arcos são os pegões da ponte e o pegão central. Sôbre as aduelas do extradorso, levanta-se uma fiada de lajes de itacolomito, isto para os lados dos pegões; para o pegão central à fiada vêm outras até constituir por dentro o assento que corre em semi-círculo e, por fim, o parapeito em lajes verticais e fixadas por gatos de ferro chumbados. Extremam os parapeitos quatro pilares coroados por pirâmides de cantaria. A segunda fiada de lajes é provida de bueiros cavados nelas e bem trabalhados. O pegão é hemisférico, de pedra argamassada, levantando-se de uma sapata de lajes. As cortinas que se dirigem para os extremos da ponte são de pedra, e vão cheios de cascalho do córrego, as paredes emboçadas com cal e areia, em forma de rústico, medindo 25 metros de comprimento e 8 metros de largura que se vai reduzindo até uma concordância com as casas extremas. No meio do semi-círculo do lado direito de quem desce a ponte, está uma cruz de pedra de cantaria, apoiada sôbre uma esfera de cantaria fixa a um embasamento formado de fuste e capitel. As cortinas terminam em pilares coroados por pirâmides. Correm ao longo da ponte passeios de lajes e o leito da rua é hoje de paralelepípedos.

Altura da ponte: 6,50 m.

Comprimento da ponte com o desenvolvimento do semi-círculo: 22,30 m.

Largura da ponte entre meios-fios: 6,20 m.

Serviços necessários:

Limpeza a picão de 422,90 metros quadrados de cantaria, incluindo cortinas, parapeitos, assentos, pilastras, arcos (intradorso e extradorso) e cruz com rejuntamento	1:480\$150
Serviço de ligação das lajes dos parapeitos por gatos de ferro chumbados, com substituição de 25 metros quadrados de lajes	540\$500
Desatêrro de 45 metros cúbicos de entulho (no vão), com remoção desse material	125\$600
Serviços de limpeza e retificação do córrego em comprimento de 255 metros, com retirada das bicas dos quintais em todo o comprimento dos fundos das casas de Antônio Dias	
Consêrto do boqueirão da Encardideira por onde corre a maior vazão, com melhoramento no braço que, passando sob a ponte da Encardideira, vem sair na ponte de Antônio Dias incluindo nesses trabalhos a conservação dos lajeados para lavadeiras	2:645\$000

GERAL: Rs. 4:791\$250

Para complemento dos trabalhos finais dêste orçamento, restam serviços urgentes de consertos que estão a exigir as pontes de Henrique Lopes e Encardideira por onde passam os dois braços do córrego que, na distância de 20 metros, se unem para passar sob a ponte de Antônio Dias; a êstes trabalhos unem-se os de destruição dos muros de canga a jusante do córrego e a construção de um passeio lateral de lajes até a soleira do boqueirão onde se despeja, passando sob uma ponte de pedra de 10 metros de vão simples, indo finalmente juntar-se ao Funil sob a ponte da Barra.

Ponte da Encardideira

Limpeza de 60 metros quadrados com rejuntamento	310\$000
Confecção e colocação do parapeito com ligação das pedras com gatos de ferros chumbados	377\$000
Confecção e colocação de uma cruz de cantaria	112\$000
Serviço de concordância dos calçamentos da entrada e saída da ponte de Henrique Lopes ..	1:736\$000

GERAL: Rs. 2:535\$000

Ponte de Henrique Lopes

Limpeza a picão de 85 metros quadrados de pedra com rejuntamento	392\$500
Consêrto do parapeito com as dimensões 5,00x x1,00x0,50 e ligação com gatos de ferro chumbados	397\$000
Consêrto e colocação de 5 metros quadrados de lajes para assentos	772\$000
Consêrto e colocação de 45 metros quadrados de seixos rolados em concordância com a calçada que vem de Antônio Dias e com o leito da ponte da Encardideira	501\$000

GERAL: Rs. 1:498\$500

Construção de 20 metros de passeios de lajes ladeando o córrego sob a ponte de Antônio Dias até o boqueirão, com limpeza do leito e destruição de um muro de canga	1:712\$000
--	------------

ORÇAMENTO FINAL: Rs. 10:336\$750

IGREJAS E CAPELAS EM OURO PRETO

1935

Bairro "CABEÇAS"

a) Igreja de Bom Jesus de Matosinhos. Recebeu há pouco tempo consêrto e limpeza, estando, pois, bem conservada.

Bairro "ROSÁRIO"

a) Igreja de Nossa Senhora do Rosário. E' um dos monumentos mais imponentes da cidade, que nos deixaram antigos escravos em sua manifestação mais fervorosa de fé católica. Belíssima obra de arquitetura. Foi construída em 1731 com a demolição da antiga Capela-Mor. Conjunto quase integral, de arcos de círculos, excetuando a sacristia que é de seção trapezoidal, tôdas as demais partes dessas igrejas apresentam forma circular. Hoje inteiramente restaurada pelo Govêrno de Minas e muito bem cuidada.

b) Capela de Nosso Senhor do Bonfim. Está a exigir consêrtos e limpeza, pelo menos exteriormente.

Bairro do "OURO PRETO"

a) Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. Nesta igreja não presidiu a preocupação dos padres em embelezar, dar mesmo magnificência ao aspecto exterior, com pobreza de ornamentação interior. Ao se ingressar no recinto majestoso do templo, observa-se uma decoração transbordante de esculturas na manifestação de um esplendoroso barroco jesuítico; são freqüentes os labores de talha dourada em comunhão com vistosas colunas torcidas, adornos expressivos e uma freqüência de aves e anjos, enriquecendo êste aspecto uma rotunda elíptica de beleza primorosa. Os dois púlpitos são valores os mais brilhantes de talha. Destacam-se como remanescente da primitiva capela dois altares. Exteriormente, extremam o pórtico duas lindas e arrogantes colunas jônicas, assentadas em pedestais, com volutas, abrindo-se num vão de 2,50 m. cingidas por umbrais canelados. Duas imensas paredes laterais limitam o corpo da igreja, rasgadas por dezenove grades curvas dando para as fachadas dos altares, portas, tribunas e côro. Dentro, estende-se uma área de 408 metros quadrados. Possui a matriz grande cópia de ornamentações, de alfaias e móveis de um deslumbrante esplendor artístico.

O aspecto exterior está em boa conservação.

b) Igreja de São José, ao pé de São Francisco de Paula. Levanta-se num outeiro dentro da cidade. Poética igreja com seu frontispício coroado por uma só torre com um terraço cercado de balaústres de cantaria azulada. Dentro, numa simplicidade carinhosa, alinham-se altares de tábuas lisas, enquanto dois laterais mostram, com seus riquíssimos labores de talha, uma procedência estranha.

Ocupa a igreja uma área de 33,80 m. x 11 m., possuindo atrás um cemitério em harmonia com o resto da edificação. O exterior é bem agradável em sua conservação, tendo merecido há tempo serviço de limpeza geral; dentro, nada se nota que impressione mal, a pobreza é clara, mas limpa.

c) São Francismo de Paula. Da velha capela da Piedade levantou-se, numa construção que durou cem anos, a atual igreja de São Francisco de Paula, situada numa colina majestosa dominando a cidade. É uma obra imensa que mostra uma área de 58,80 m. x 14,57 m. É um dos traços mais impressionantes da antiga opulência, pois, sendo uma construção moderna, não ficou privada de ornamentos dourados, como se vêem em seus altares. Dá acesso à igreja uma escadaria que se abre num espaçoso adro lajeado e embelezado por duas grandes figuras de frente. Ao lado, o cemitério da Irmandade recebe os restos dos irmãos. Necessita um tratamento, que, não se tornando muito dispendioso, irá por muito tempo conservar a igreja, que está a expor, numa insistência do pedinte, sua fisionomia triste e decadente.

d) Igreja de Nossa Senhora das Mercês de Ouro Preto. Alteração profunda do barroco jesuítico. Como adorno mais rico, vê-se, coroando o pórtico, expressivo painel de pedrasabão, em que a Virgem, de braços abertos, lança o manto da proteção sobre os escravos. Mais uma manifestação grandiosa de mestre Aleijadinho. Tanto exterior como interiormente, a igreja mostra aspecto de pronunciado zêlo; foi pintada e restaurada há pouco tempo; é nesta igreja que vão fazer seus atos de devoção as órfãs do Asilo que fica aos fundos, rece-



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Estado em que se achava a torre do lado esquerdo.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Estado em que se achava a torre do lado esquerdo.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Trabalhos de restauração da torre do lado esquerdo.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. A mesma torre quase restaurada.

bendo, talvez, por isso os cuidados de zeladores. Ao seu lado, um cemitério bem cuidado completa o ambiente de conservação.

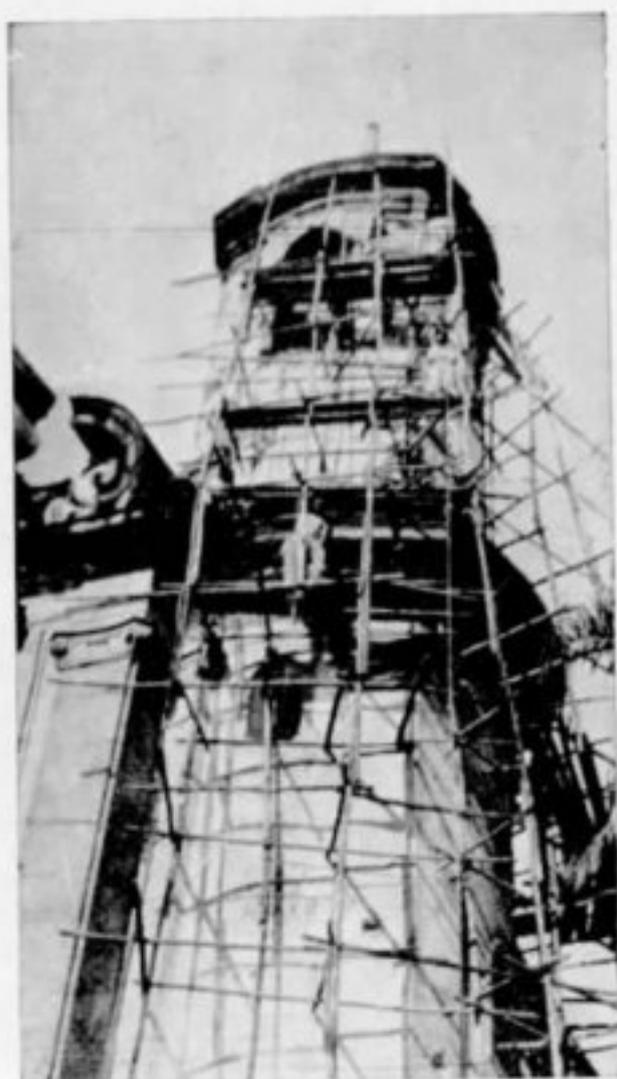
e) Nossa Senhora do Carmo. Confirmação expressiva da ordem do Monte Carmelo, levanta-se no antigo morro de Santa Quitéria a majestosa igreja de Nossa Senhora do Carmo, nascida da Capela que, ainda em 1720, era abrigo de conspirações. Como construção do século XVIII, em que o barroco jesuítico presidia o gosto e simbolizava a solidez, o Carmo numa manifestação comum é também um conjunto de esplendor. Numa compensação grandiosa, enquanto São Francisco de Assis extasia pela profusão de ornatos de sua fachada, o Carmo empolga pelo aspecto imponente de seu frontispício, enriquecido por uma escadaria imensa com 43 degraus. Aos lados, numa extensão de 56,50 m., levantam-se grandes paredes rasgadas por seis janelas e quatro clarabóias, que, abraçadas pelas da fachada, derramam no recinto majestoso torrentes de luz, que, numa comunhão com o branco das paredes, com a magnificência das abóbadas e com o esplendor das talhas douradas, empolgam a vista. Protegendo essas paredes, levantam-se pilastras coroadas por capitéis jônicos. Encimando o pórtico, admirável trabalho de mestre Aleijadinho, um painel de pedrasabão revela o escudo da Ordem carregado por dois anjos que ladeiam uma coroa de rainha. Uma grande porta de fôlhas almofadadas é uma ampliação de tôdas as que cobrem os vãos interiores. Dentro, alinham-se de cada lado seis esbeltos altares terminados superiormente por uma frisa de ordem coríntia, denticulada. Ao fundo, a Capela-Mor é um conjunto riquíssimo, encerrando num trabalho de talha de ordem composta o altar-mor e levando no fecho da abóbada do teto o medalhão da Ordem protegido por anjos. Seguindo os altares, corredores imensos em que o ladrilho do piso, de um asseio esmerado, assentado ao lado das tábuas imensas de jacarandá e canela dos soalhos, completa a imponência do recinto. E', entretanto, merecedor de mágoa o aspecto exterior desta igreja e, como dissemos no início, há imperiosa necessidade de uma restauração completa no lado de fora. Não podem desaparecer os detalhes de suas peças, nem cair os elementos de



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Estado da tórre e fachada de lado direito antes da restauração.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Fachada lateral direita restaurada. A tórre em recomposição.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Fachada principal restaurada. A tórre do lado direito em recomposição.

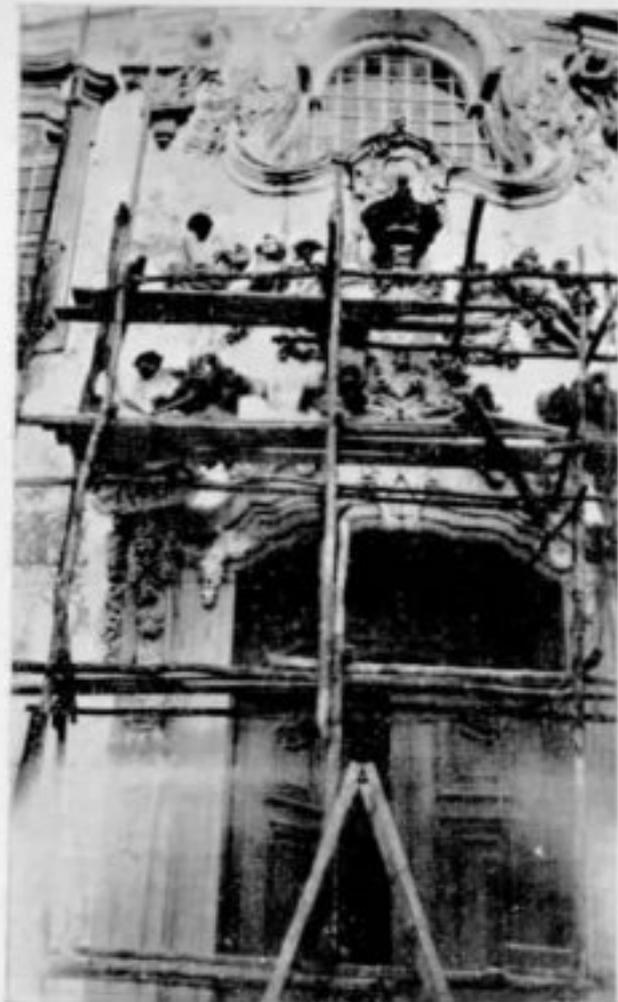
seus ornatos. O jardim que contorna a igreja necessita serviços que o tornem digno do ambiente.

f) São Francisco de Assis é o fecho das construções de estilo barroco coroado com duas tôrres laterais numa fachada que é a realização de um conjunto feliz e harmonioso. Empolgam os ornatos do pórtico. Causou a Diogo de Vasconcelos tão funda impressão, que citamos algumas de suas observações dos pormenores internos e externos:

“As colunas jônicas, fustes de palmeira, dando-lhes com efeito os tons de pureza helênica, harmonizam-se com o frontão da Renascença, ao passo que do conjunto ressumbra o barroco italiano,..... Para coroar as colunas, pôs êle (Aleijadinho) duas grandes volutas frente a frente; as quais parecendo impostas de um arco lançado a passar por cima do frontão, pelo contrário, encolhem-se a fim de abrirem a vista sôbre a opulência decorativa dêste.

O pórtico de ombreiros geminados e riscados de caneluras simétricas tem a verga recortada com um querubim de cada lado, e festões pendentes. Sôbre êste está um coroamento, denticulado que desponta; mas logo se oculta na ornamentação de flores, sôbre as quais vemos anjos de corpo inteiro apresentando símbolos da Ordem. Dois medalhões ovais, um com as cinco chagas avivadas de carmim, outro com cinco dados (*) enchem o espaço principal do painel, e êste tem sôbre si outro maior em forma de circunferência que traz cercada de anjos a imagem a meio corpo da Senhora da Conceição, padroeira dos franciscanos. Uma coroa de rainha encima finalmente tôda esta maravilhosa decoração. No alto da fachada, em um grande painel circular, guarnecido de molduras e ornatos, aparece então o Santo de joelhos recebendo as chagas no Monte

(*) Não são dados. Errou o grande historiador ignorante da heráldica e, no “Guia de Ouro Preto”, errou Manoel Bandeira, o poeta, que lhe seguiu os passos. Trata-se simplesmente das quinas de Portugal, os escudetes com cinco besantes...



Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto. Restauração da porta principal.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto. Retirada da tinta da porta principal.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Re-composição do frontispício.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. A porta principal e o frontispício restaurados.

Alverne Está claro que minha pena tão sòmente por leve pode descrever estas peças incomparáveis de pedra azul esculpida em altos relêvos.

A primeira coisa que em seguida arrebatada no interior é incontestavelmente a pintura do teto. Ocupa toda a extensão da abóbada e nasce do entablamento, que lhe serve de caixilho.

Entretanto, a obra-prima está na Sacristia, e é a fonte do lavatório. Começa por uma cruz e os braços de Cristo e do Santo, surgindo de uma coroa de espinhos. Ao lado dois anjos, trazendo um a ampulheta e outro uma caveira, a vida e a morte. Uma concavidade estriada de listéis e caneleiras, formando uma abóbada montante, entre faixas ornamentadas, está também entre pilastras, em cujo entablamento cada uma sustenta um grupo de formosos querubins assentados, deixando o terceiro dêles sair do encontro de suas asas um festão, que desce pela voluta abaixo até o meio onde encontram os grutescos conchóides outra voluta nascida da base. Da chaga do meio, num escudo oval, parte um raio de luz sôbre um arcanjo inclinado que vòta de asas abertas, trazendo no medalhão circular o busto de São Francisco. O braço direito dêsse arcanjo, com a mão direita espalmada, pousa sôbre a cabeça da Fé como quem a dirige por inspiração, e esta bela figura desdobra da mão um pano, onde se lê: — *Haec est ad coelum quae via ducit*”.

As portas da Sacristia, como as internas de todo o templo, ostentam sôbre as padieiras ornatos de cortinas e bolas; e, sôbre as outras principais, volutas enormes dão-lhes um aspecto severo e grandioso.”

Interiormente, ainda a igreja conserva um aspecto asseado e uns restos de concertos que ali foram realizados por determinação do Dr. Fernando Melo Viana, quando Presidente do Estado. Não tendo sido feitos sob um critério rigoroso de

Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Janela da Sacristia sendo restaurada.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. A mesma janela restaurada.



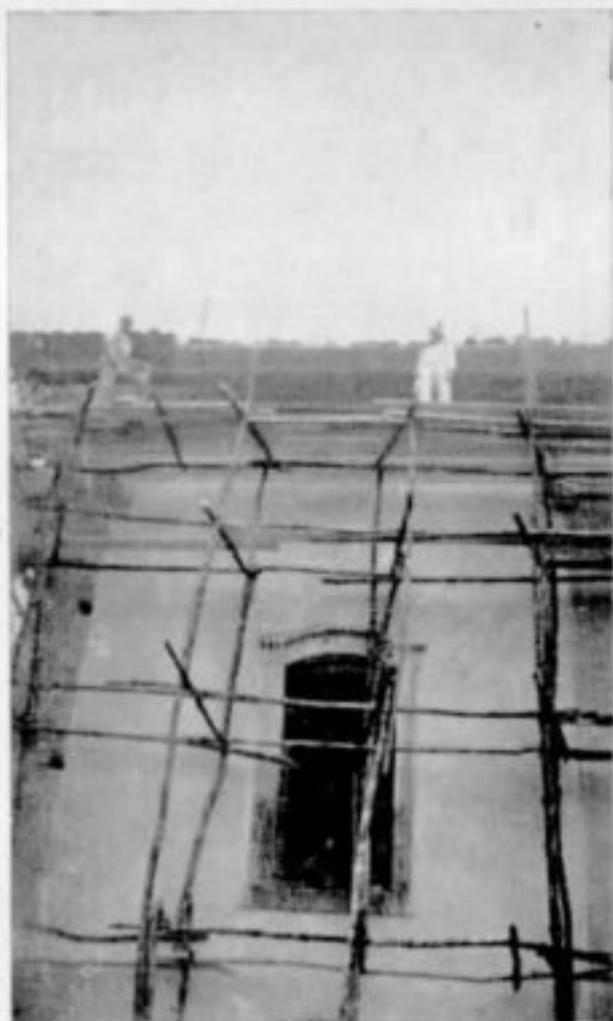
restauração deram origem a reconstituições adulteradas. E' o que vamos encontrar no lavatório da Sacristia com a completa mutilação dos bustos de cervos que saem de trás do escudo em posição de beber. Impõe-se hoje uma restauração criteriosa. Pelo lado de fora, o estado de destruição da igreja está bem adiantado, menos violenta nos elementos de cantaria; o resto, porém, tem sofrido impiedosamente. Os muros laterais necessitam de recomposição, a fim de, principalmente, impedir a entrada, altas horas da noite, de pessoas, no adro da igreja.

g) Capela dos Perdões. E' uma das mais modernas, pois a conclusão levou muito tempo a ser feita. Foi construída pelos irmãos que faziam parte da Ordem de Nossa Senhora das Mercês e por dissidência a abandonaram. E' provida de altares de talha dourada, com duas tôrres. Está também maltratada, mostrando as paredes do lado de fora bem estragadas.

h) Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Nascida de uma antiga capela de pau a pique, transformou-se numa construção de alvenaria de pedra e barro, e, por fim, alvenaria de pedra argamassada. Hoje, vemo-la imponente, sendo de tôdas as da cidade a de maior área exterior. Internamente apresenta 36,18 m. x 12,50 m. E' guarnecida em cada lado de dez janelas com sacadas no andar de cima. No de baixo, oito com peitoril e duas portas. Sob a cimalha, em cima quatro óculos. Esta abraça todo o edifício, compondo na frente o lado interior do frontão que recebe a clarabóia envidraçada que dá luz ao côro. Ladeada pela rua de Antônio Dias e pela Rua do Aleijadinho, a fachada vai formar com elas um triângulo embelezado por um jardim de grande efeito. Interiormente, levanta-se no fundo o altar-mor, em que se vê, corcada, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, de tamanho natural. Os serviços de conservação importam em trabalhos internamente e externamente. Entre os exteriores, são exigidos a restauração do belo jardim fronteiro à fachada, escada de acesso e reconstrução de um chafariz que está no fundo da parede do lado da rua de Antônio Dias. Internamente, existe outro chafariz em correspondência com o do lado de fora.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto. Recomposição dos beirais.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Recomposição dos beirais.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Recomposição dos beirais.

i) Santa Efigênia ou antiga Capela do Alto da Cruz do Padre Faria, era a capela do Rosário dos brancos. Os pardos que aí também faziam suas devoções coagiram os brancos a abandonarem, indo êstes para a capela do Padre Faria, com mais pompa e pormenores de construção, por êles custeadas, transferindo para ali a imagem de Nossa Senhora do Parto. A atual igreja de Santa Efigênia parece que nunca recebeu concertos nem limpeza. Acha-se bastante estragada, principalmente no exterior e na escadaria que lhe dá acesso, enegrecida, com degraus decompostos e o gradil lateral bem mutilado. Internamente, o aspecto de pobreza é, entretanto, mantido com certo carinho.

j) Capela do Padre Faria. De tôdas as capelas é a que está mais bem conservada, recebeu há pouco tempo uma série de concertos, com pintura e restauração em suas peças de cantaria. Graças ao cuidado que alguém tomou em guardar os diversos elementos que caíam aos pedaços, fácil foi, pois, a restauração. É uma igreja de detalhes ornamentais impressionantes.

k) Capela de São João Batista. É de tôdas a mais antiga em Ouro Preto, construída entre 1698 e 1699 pelos primeiros bandeirantes que chegaram à Serra do Ouro Fino. É uma construção de alvenaria de pedra sêca; a frente de uma simplicidade que marcou época em tôdas as construções religiosas; ladeiam-na interiormente e exteriormente dois portais de madeira lisos. Internamente, nada de imponente em arte; guardada na Sacristia uma imagem simples, mas expressiva, do Santo. O estado da capela exige concertos, com reparação de muitas peças de madeira que pouco tempo ainda resistirão, e pintura geral, obedecendo rigorosamente às tintas que lá existem.

l) Capela de Sant'Ana. É também uma das mais antigas, tendo, entretanto, sofrido alterações, como se vê nos portais exteriores, onde há substituição clara de madeira, embora em certa harmonia com o resto da fachada. No interior, um altar único de tábuas simples, sem ornatos, tendo, porém, o retábulo provido de duas pequenas colunas toscas. Entre esta capela e a de São João vai uma diferença marcada por adornos



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Pano da fachada lateral direita como se encontrava.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Pano da fachada lateral direita como se encontrava.



Igreja Nossa Senhora do Carmo. Pano da fachada lateral direita restaurado pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Pano da fachada lateral direita restaurado pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

internos. Com a capela de São João e a do Padre Faria forma um ambiente agradável e cheio de reminiscências da antiga Vila Rica. Precisa de restauros, aliás, não tão custosos como as igrejas, apesar de sua situação fora da cidade.

m) Capela do Taquaral, já mais alterada que a precedente com portais exteriores e o arco cruzeiro de cantaria. Essa modificação é, ao que parece, a primeira que lá se fêz, pois nota-se também embelezamento dos altares laterais, enquanto a Capela-Mor se mantém com seu altar-mor simples de madeira.

De um modo geral tôdas as capelas têm o mesmo aspecto e ocupam a mesma área útil, parecendo que os núcleos de população a que serviam se desenvolviam com a mesma densidade.

Igreja de Nossa Senhora do Carmo

Características:

Apresenta quatro fachadas, com 20 metros de comprimento por 16 de largura até a cimalha abaixo das tôrres, dividida em duas partes: o pórtico e as alas que fazem corpo com as tôrres. Este pórtico é constituído por uma porta principal tendo 2,50 m. x 12,80 m. de madeira de jacarandá, tôda almofadada, tendo dois marcos de itacolomito de ordem jônica coroados por ornato de cantaria e ligados por uma verga de cantaria; sôbre esta verga vem o ornato simbólico em pedra sabão e de beleza surpreendente, encimado por uma coroa também de cantaria. Sôbre esta coroa vem então uma luz de moldura de cantaria e no centro uma vidraça. Ladeiam a porta principal e em altura da luz duas janelas avarandadas e contornadas por pilastras de cantaria, ligadas por uma verga também de cantaria. Extremam o pórtico duas colunas de ordem jônica de perfil representado ao lado. Acima da cimalha, levanta-se o frontão de 6,00 m. x 10,00 m. extremado por duas lindas pilastras de cantaria terminadas em volutas. Sustentam essas pilastras uma fita de cantaria em tôda a periferia do frontão, encimada pelo acrotério que recebe uma cruz de cantaria ladeada por duas agulhas também de cantaria. As alas extremas compreendidas por pilastras de cantaria de ordem jônica,



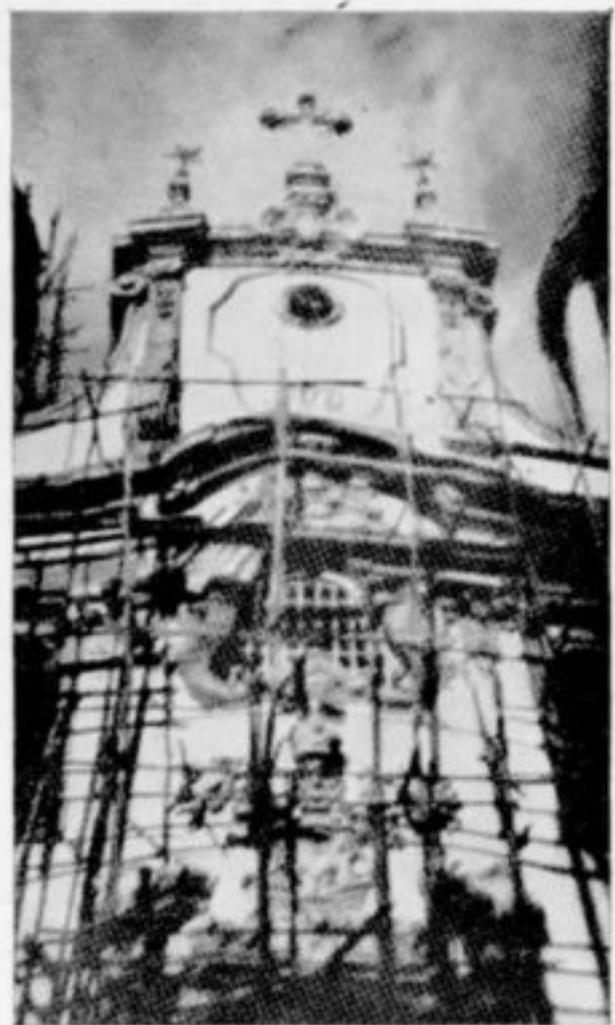
Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Fachada principal em vias de restauração.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Restauração da fachada principal.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Fachada principal quase recomposta. A torre do lado esquerdo restaurada.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Fachada principal restaurada pela Inspeção de Monumentos Nacionais.

semelhantes às demais, são guarnecidas abaixo das cimalthas de duas luzes de perfil trapezoidal com quadro de cantaria. Acima da cimalha, levanta-se a torre de perfil trapezoidal, guarnecida nos cantos de colunas de cantaria, ligadas por uma verga também de cantaria, sobre a qual se levanta em abóbada a cúpola da torre que possui no centro uma agulha de cantaria. Apresenta essa torre quatro janelas que têm para esquadria peças de cantaria. No interior, sino pesado e bellissimo. A fachada lateral direita com 50 x 16 é guarnecida de cinco pilastras de cantaria de ordem jônica semelhante às demais, quatro clarabóias de perfil cônico guarnecidas de cantaria e providas de vidraça, seis janelas com varandas de ferro bem trabalhadas, fechadas por duas portas envidraçadas, guarnecidas as varandas de marcos e verga de cantaria, quatro janelas com parapeitos, emolduradas de cantaria e providas de uma grade de ferro, duas portas com 6, 80 m² tôdas trabalhadas. Essa fachada é dividida em dois corpos por pilastras de cantaria, um com 20 metros de comprimento e outro com 30 metros. A fachada lateral esquerda é em tudo semelhante à direita. A fachada de trás, com 15 metros por 16 metros, é provida de duas janelas com varandas e duas janelas com grades. Ao lado esquerdo e aos fundos da igreja, está o cemitério da Irmandade com belos monumentos funerários. Em continuação ao cemitério, levanta-se a Casa do Carmo, morada do sacristão, em adiantado estado de ruína. Possui valor histórico, pois liga-se intimamente à história da Inconfidência e requer consertos imediatos que evitem destruição muito breve. A igreja de Nossa Senhora do Carmo está tôda contornada por um jardim elevado que a embeleza, dando-lhe ares de imponência, que se levanta sobre um paredão de pedra argamassada.

Serviços necessários:

Pórtico:

Coluna jônica

Pedestal: Área de cantaria a ser limpa e rejunta 5 m²

Fuste: idem, idem 10 m²

Capitel: idem, idem 5,50



Coroamento da porta principal da igreja de N. S. do Carmo de Ouro Preto restaurado pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

Área: $20,50 \text{ m}^2 \times 4 = 82$ metros quadrados

Preço: $4\$000 \times 82 = 328\000 — A

Porta principal:

Fôlhas: Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura nova (verde) a duas demãos: $7,2 \text{ m}^2$. Acc 10% sôbre almofadas $0,60$

Área: 8 metros quadrados

Preço: b $3\$780 \times 8 = 30\240

b $6\$336 \times 8 = 50\688

80\\$928 — B

Pilastras de cantaria:

Área de cantaria a ser limpa e rejuntada com restauração dos ornatos dos marcos e verga: $3,69 \text{ m}^2$

Acc 10% 4 m^2

Á: $4,00 \times 2 = 8$ metros quadrados

Preço: $15\$000 \times 8,00 = 120\000 — C

Ornatos expressivos com coroa:

Limpeza e restauração das partes de pedra-sabão mutiladas. $300\$000$ — D

Luz sôbre o coroamento:

Limpeza e picão com restauração das partes mutiladas: $150\$000$ — E

Janelas com varandas:

Área de cantaria dos marcos e verga e ornatos: $1,10 \text{ m}^2$

Acc 30%

Área $1,44 \times 2 = 2,88 \text{ m}^2$

Preço: $4\$000 \times 2,88 = 91\200 — F



Interior da igreja de N. S. do Carmo de Ouro Preto, depois de restaurada pela
Inspetoria de Monumentos Nacionais.

Guarnecimentos:

Área da voluta sôbre a cimalha, a ser limpa com picão e lavada com escôva: 5 metros quadrados.

Área: $5,00 \times 2 = 10$ metros quadrados

Preço: $6\$000 \times 10 = 60\000 — G

Frontão:

Área a ser lavada com escôva e picada, com recomposição de 3 metros quadrados de ornatos: $1,50 \text{ m}^2$

Acc 50% Add $3,00 \text{ m}^2$ $5,20 \text{ m}^2$

Área $5,20 \times 4 = 20,80 \text{ m}^2$

Área do capeamento do frontão: 8 m^2

Área da Cruz e agulhas: $3,60 \text{ m}^2$

Área: $32,40 \text{ m}^2$

Preço: $6\$000 \times 32,40 = 194\400 — H

Tôrres:

Área de cantaria a ser limpa e restauração das pilastras extremas: 8 m^2

Área do coroamento com verga de cantaria: 12 m^2

Área do bico: 2 m^2

Área da moldura das janelas do sino: $5,20 \text{ m}^2$

Área: $27,20 \text{ m}^2 \times 2 = 54,40 \text{ m}^2$

Preço: $4\$000 \times 54,40 = 217\600 — I

Clarabóias:

Área de cantaria a ser limpa: $0,29 \text{ m}^2$

Área: $0,90 \times 2 = 1,80 \text{ m}^2$

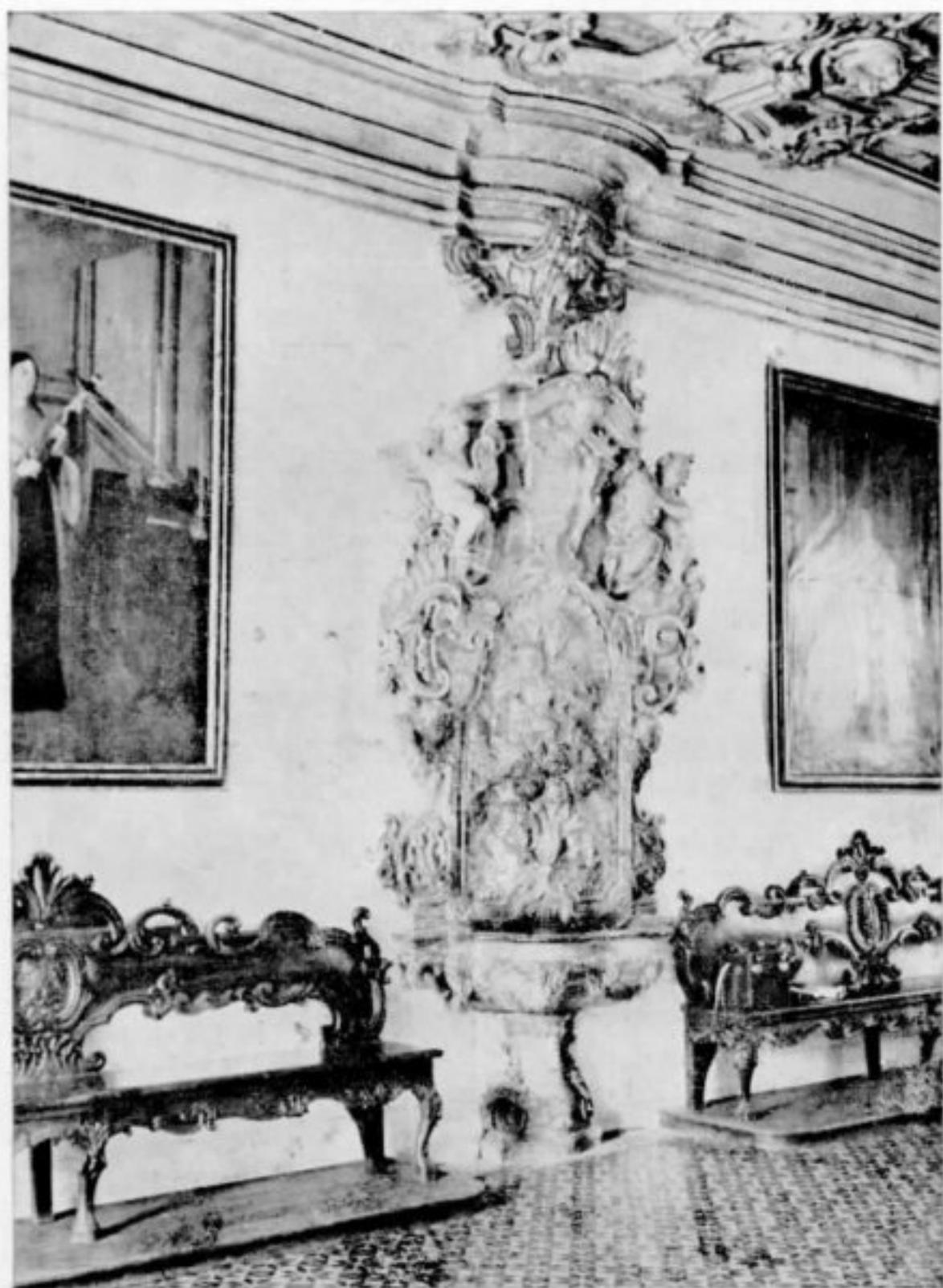
Preço: $4\$000 \times 1,80 = 7\200 — J

Lado direito:

Pilastras jônicas:

Limpeza a escôva de aço com recomposição de cantaria de $102,50 \text{ m}^2$ das cinco (5) pilastras

Preço $102,50 \times 4\$000 = 410\000 — K



Lavabo da Sacristia da Igreja de N. S. do Carmo de Ouro Preto, depois de restaurado pela Inspeção de Monumentos Nacionais.

Clarabóias ogivais:

Limpeza a escôva de aço de 15 m² de cantaria de 4 clarabóias.

Preço: 4\$000 x 15 = 60\$000 — L

Janelas com varandas:

Limpeza a escôva de aço de 133,92 m² de cantaria das seis (6) janelas.

Preço: 4\$000 x 133,92 = 535\$680 — M

Janelas com parapeitos:

Limpeza a escôva de aço de 89,28 m² de cantaria das quatro (4) janelas.

Preço: 4\$000 x 89,28 = 357\$120 — N

Portas:

Limpeza a escôva de aço de 30 metros quadrados de cantaria de duas (2) portas, marcos e verga.

Preço: 4\$000 x 2 x 30 = 240\$000 — O

Lado esquerdo:

Constituído, como é, dos mesmos elementos de construção, nas mesmas dimensões e com os mesmos pormenores arquitetônicos, as parcelas orçamentárias são do mesmo valor que para o lado direito; então teremos:

Orçamento geral: Rs. 1:602\$800

Fundos:

Janelas com varandas:

Limpeza a escôva de aço de 44,64 m² de cantaria das duas (2) janelas.

Preço: 4\$000 x 44,64 = 178\$560 — Q

Janelas com parapeitos:

Limpeza a escôva de aço de 44,64 m² de cantaria de duas (2) janelas.

Igreja de N. S. do Carmo.
Restaurada pela Insp. N. de Monumentos
Historicos.



Igreja de N. S. do Carmo. Restaurada pela Insp. N. de Monumentos Históricos.

Preço: $4\$000 \times 44,64 = 178\560 — R

Barra de cantaria em todo o perímetro da Igreja:

Limpeza a escôva de aço com recomposição de 132 metros quadrados desta cantaria.

Preço: $4\$000 \times 132 = 528\000 — S

Frente:

Janelas com varanda:

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura nova verde a duas demãos: 15 metros quadrados.

Preço: b $3\$780 \times 15 = 56\$700 \times 2 = 113\$400$

b₁ $6\$336 \times 15 = 95\$040 \times 2 = 190\$080$

303\$480 A

Sinos:

Área de madeira e ferro com pintura a ser retirada a fogo e pintura a duas demãos: 6,25 m².

Preço: b $3.780 \times 6,25 = 24.252 \times 2 = 48\450

b₁ $6.336 \times 6,25 = 26.600 \times 2 = 67\200

115\$650 B

Lado direito:

Portas:

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura nova verde a duas demãos: 6,21 m².

Acc 10% sôbre almofadas: 6,80 m².

Preço: b $3.780 \times 6,80 = 25.704 \times 2 = 51\408

b₁ $6.336 \times 6,80 = 43.084 \times 2 = 86\168

137\$576 C

Janelas com varandas:

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura nova verde a duas demãos: 6,21 m².

Preço: b $25.704 \times 6 = 154\$224$

b₁ $43.084 \times 6 = 258\$504$

412\$728 D

Janelas com parapeitos e grades:

Mesmo orçamento

Preço: b	25.704 x 4 =	102\$816
b ₁	43.084 x 4 =	172\$336

275\$152 E

Lado esquerdo:

Possuindo portas e janelas com as mesmas dimensões e mesmos detalhes, os orçamentos para estas partes são idênticos, tendo-se, pois, para orçamento geral desta fachada

Orçamento Geral: Rs. 825\$456.

Fundos:

Janelas com varandas:

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura nova verde a duas demãos: 6,21 m².

Preço: b	25.704 x 2 =	51\$408
b ₁	43.084 x 2 =	86\$168

137\$576 G

Janelas com parapeitos e grades:

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura nova verde a duas demãos: 6,21 m².

Preço: b	25.704 x 2 =	51\$408
b ₁	43.084 x 2 =	86\$168

137\$576 H

Observação:

Êstes orçamentos parciais são para pintura de uma só vista das portas e janelas; para pintura das duas vistas, interna e externa, serão duplicados. Teremos, então, para orçamento completo da pintura: Rs. 4:690\$388

Inclua-se no orçamento de pintura a da porta principal que está no de cantaria e teremos para duas vistas Rs. 161\$856

4:852\$244

Frente:

Área a ser caiada a duas demãos com raspagens e rebôco das partes alteradas: 116,12 m²

Preço: \$600 x 116,12 = 69\$672 — A

Lado direito:

Área a ser caiada a duas demãos com raspagem e rebôco das partes alteradas: 429,30 m²

Preço: \$600 x 429,30 = 257\$580 — B

Lado esquerdo:

Orçamento idêntico por ser a mesma área e no mesmo estado — 257\$580 — C

Fundos:

Área a ser caiada a duas demãos com raspagem e rebôco das partes alteradas: 135,72 m²

Preço: \$600 x 135,72 = 81\$432 — D

Serviço de recomposição e consêrto da cimalha das quatro fachadas num volume de 16 metros cúbicos de argamassa de cal e areia.

Preço: 24\$900 x 16 = 398\$400 — E

Serviço de rejuntamento do aparelho de pedra argamassada que corre em todo o perímetro do Jardim da Igreja num volume de 102 metros cúbicos, incluindo consêrto das pilstras do jardim em número de dez (10).

Preço: 10\$000 x 102 = 1:020\$000 — F

Sinos:

Área de ferro com pintura a ser retirada e pintura nova da côr de bronze a duas demãos: 3,40 m²

Preço: b 7.200 x 3,40 x 2 = 48\$960

 b 10.320 x 3,40 x 2 = 70\$176

119\$136—G

Jardim

Melhoramento no plantio da grama com plantação de novas árvores e melhor ajardinamento.

Êstes serviços não orçados não se elevarão, entretanto, a dois contos de réis (2:000\$000). No máximo serão feitos por um conto de réis (1:000\$000).

Ao lado da igreja de Nossa Senhora do Carmo existe uma casa de moradia do sacristão, contemporânea da igreja e ligada à história política de Ouro Preto. O estado de estragos desta casa é bem chocante. Sendo realizados os serviços na igreja, naturalmente a casa terá que sofrer melhoramentos que a ponham em situação de figurar limpamente ao lado da igreja. Os serviços de reparos não foram também orçados; mas, depois de um exame cuidadoso no seu interior e exterior, verifica-se que as obras poderão ser efetuadas com a importância de Rs. 3:000\$000.

RESUMO DOS ORÇAMENTOS:

CANTARIA	4:578\$120
PINTURA NAS DUAS VISTAS ..	4:852\$604
CAIAÇÃO	666\$264
CIMALHA (ALVENARIA)	398\$400
MURO DE ARRIMO	1:020\$000
SINOS	119\$136
	<hr/>
	11:635\$524

Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias

Características:

Apresenta quatro fachadas, a de frente com 15 metros de comprimento por 42 metros de largura para o lado da Rua Antônio Dias e 32 metros para o da Rua do Aleijadinho; estende-se na frente numa área de 35 x 22 metros um jardim todo avarandado e provido no seu centro de um bellissimo chariz de cantaria. Uma escada de pedra do lado da Rua do Aleijadinho dá acesso a êste jardim, com 25 degraus de 9

metros de comprimento por 0,25 de piso. A fachada apresenta duas tôrres com 16 metros, de seção prismática, coroadas por cimalthas e encimadas por agulhas, cada uma dessas tôrres provida de uma janela emoldurada de cantaria. Entre as tôrres ergue-se o frontão retangular extremado por duas volutas de cantaria, terminado pelo acrotério rematado por uma cruz. Ladeando o frontão, duas agulhas semelhantes às que se acham sôbre as cúpulas das duas tôrres. Correndo por tôdas as fachadas da igreja, uma cimaltha de cantaria com todos os pormenores úteis e arquitetônicos forma na fachada o lado inferior do frontão, mas arqueado no centro para encaixilhar a clarabóia envidraçada, que ilumina o côro. A cruz sôbre o acrotério levanta-se do centro de uma meia-lua, símbolo da Conceição. A fachada dessa igreja é do tipo comum empregado em tôdas as concluídas em meados do século passado. Lateralmente, é provida de 10 (dez) janelas de sacada, quatro (4) óculos no andar de cima e oito (8) janelas de peitoril no de baixo e mais duas (2) portas. O fundo da igreja é provido de quatro (4) janelas de sacada e quatro (4) de peitoril. A frente, de uma ampla porta com pés direitos e vergas de cantaria tôda trabalhada, as fôlhas são de madeira de jacarandá, tôdas almofadadas. Perpendiculares aos umbrais do largo pórtico e começando das cimalthas, duas pilastras listadas de triglifos dividem o triângulo do frontão; e por cima das molduras do pórtico vê-se em relêvo o escudo imperial. Ladeiam o escudo duas janelas de varanda, emolduradas por ombreiras e vergas de cantaria. Extremam o pórtico duas pilastras de cantaria da ordem dórica. Os cunhais da fachada são também de cantaria em pilares da mesma ordem. Entre êsses pilares, quatro janelas com molduras de cantaria e providas de grades de ferro, servindo para iluminação e arejamento da Matriz. Corre em seguimento e pela frente da Matriz uma grade sôbre um maciço de pedra; em intervalos iguais levantam-se duas colunas de cantaria terminadas por vasos de pedra; lateralmente, uma grade de ferro dá entrada à Matriz por intermédio de uma escada de pedra.

Serviços necessários:

Pórtico

Porta principal

Área de cantaria a ser limpa com picão e rejuntada:
8,20 m²

Acc 10% 9 m²

Área: 9,00 x 2 = 18 metros quadrados.

Preço: 8\$000 x 18,00 = 144\$000 — A

Pilastras de cantaria

Área de cantaria a ser limpa com picão e rejuntada: 40 m²

Área: 4 (20 x 0,50) = 40 m².

Preço: 8\$000 x 40,00 = 320\$000 — B

Cunhais de cantaria

Área de cantaria a ser limpa com picão e rejuntada:

4 (20 x 0,50) = 40 m².

Acc 10% 44 metros quadrados

Preço: 8\$000 x 44 = 352\$000 — C

Janelas de varanda

Área de cantaria a ser limpa com picão: 2,40 m².

Preço: 8\$000 x 2,40 = 19\$200 — D

Clarabóias

Área de cantaria a ser limpa com picão: 4 (1,80) =
7,20 m².

Preço: 8\$000 x 7,20 = 57\$600 — E

Ornatos do acrotério

Área de cantaria a ser limpa com picão: 4,25 m².

Acc 5% 4,46 m².

Preço: 8\$000 x 4,46 = 35\$680 — F

Pilastras das tôrres

Área de cantaria a ser limpa com picão: $8 (10 \times 0,20) = 16 \text{ m}^2$.

Preço: $8\$000 \times 16,00 = 128\000 — G

Janelas de sacada (lado esquerdo)

Área de cantaria a ser limpa com picão: $2 (1,50 \times 0,20) = 0,60 \text{ m}^2$.

Acc 10% $0,66 \text{ m}^2$.

Área final: $10 \times 0,66 = 6,60 \text{ m}^2$.

Preço: $8\$000 \times 6,60 = 52\800 — H

Janelas de peitoril

Área de cantaria a ser limpa com picão: $2 (1,50 \times 0,20) = 0,60 \text{ m}^2$.

Acc 10% $0,66 \text{ m}^2$.

Área final: $8 \times 0,66 = 5,28 \text{ m}^2$.

Preço: $8\$000 \times 5,28 = 42\240 — I

Óculos com grades

Área de cantaria a ser limpa com picão: $2 (1,00 \times 0,20) = 0,40 \text{ m}^2$.

Acc 10% $0,44 \text{ m}^2$.

Área final: $4 \times 0,44 = 1,76 \text{ m}^2$.

Preço: $8\$000 \times 1,76 = 14\080 — J

Possuindo o lado direito os mesmos elementos, nas mesmas dimensões e nas mesmas condições de conservação, os orçamentos parciais serão iguais e teremos, então, para orçamento total dêste lado da cantaria:

109\$120 — K

Nos fundos vamos ter os mesmos elementos em número inferior ou sejam quatro (4) janelas de sacada e quatro (4) de peitoril, e os orçamentos serão:

Janelas de sacada 21\$120 — L

Janelas de peitoril 21\$120 — M

Janelas com varandas (frente)

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura verde a duas demãos: 12 metros quadrados.

Preços: b 3.780 x 12,00	45.360 x 2 =	90\$720
b ₁ 6.336 x 12,00	76.032 x 2 =	152\$064
		<hr/>
		242\$784

Parte principal

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura verde a duas demãos: 6,45 m².

Acc 10% de almofadas: 7,09 m².

Preço: b 3.780 x 7,09	26.800 x 2 =	53\$600
b ₁ 6.336 x 7,09	44.922 x 2 =	89\$844
		<hr/>
		143\$444

Janelas de sacadas

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura verde a duas demãos: 4,75 m².

Preço: b 3.780 x 4,75	17.955 x 10 =	179\$550
b ₁ 6.336 x 4,75	30.096 x 10 =	300\$960
		<hr/>
		480\$510

Janelas de peitoril

Área de madeira com pintura a ser retirada a fogo e pintura verde a duas demãos: 4,75 m².

17.955 x 8 =	143\$640
30.096 x 8 =	240\$768
	<hr/>
	384\$408

Para o lado direito os orçamentos para pintura são os mesmos pelas razões apresentadas quando tratamos dos orça-

mentos de cantaria. Teremos, então, para as janelas de sacadas e para as janelas de peitoril:

A 480\$510
B 384\$408

Para os fundos, os orçamentos serão reduzidos, uma vez que ali só existem quatro janelas de sacadas e quatro de peitoril. Teremos, então:

<i>Janelas de sacadas</i>	192\$204
<i>Janelas de peitoril</i>	192\$204
	<hr/>
	384\$408

Êstes orçamentos de pintura se referem a uma só vista das portas e janelas; teremos, então, para orçamento final de pintura externa de tôdas as portas e janelas e para duas vistas com as mesmas exigências que para uma só, um acréscimo de 50% e para:

ORÇAMENTO FINAL DE PINTURA: 3:750\$708

Caiação de 1.123,55 metros quadrados de todos os lados, ou sejam, 1.350 metros quadrados, menos 226,45 metros quadrados dos vãos das portas e janelas de sacadas e peitoril, clarabóias e luzes.

Preço: $1.123,55 \times 600 = 674\130

Argamassa da cimalha num volume de 4,250 m³ com restauração de 25 metros de comprimento.

Preço: $4,250 \times 12.500 = 53\125

Pintura e raspagem de 245 metros de ferragens das portas, janelas e sacadas, incluindo tôdas as grades das janelas e portas com pintura a duas demãos de côr de bronze.

Preço: $245 \times 1200 = 294\$000$

Jardim fronteiro à Matriz:

Recomposição de 52 metros lineares de parapeito de pedra com juntas tomadas a argamassa e fixação de 25 (vinte e cinco) lajes de itacolomito com gatos de ferro chumbados:

425\$000

Restauração de um chafariz de cantaria fronteiro à Matriz e seu abastecimento de água com reforma de aspecto, dando-lhe o que tinha primitivamente:

123\$000

Consêrto integral de doze (12) colunas de pedra sustentando doze (12) jarros de pedra-sabão e ornamentação dêstes:

74\$000

ORÇAMENTO DAS OBRAS DE RESTAURAÇÃO DO
INTERIOR DA MATRIZ

Altars

Obras de restauração de quatro altares de talha dourada com 4,50 x 2,34, incluindo raspagem dos ornatos que se mostram totalmente mutilados.

Sendo obra de talha dourada e ricamente trabalhada, os serviços aí serão orçados por um mestre no assunto. Dividiremos, então, o orçamento:

Pessoal: 20\$000 x 40 dias 800\$000

Material: 60% do pessoal 480\$000

Pilastras

Serviços de recomposição de doze (12) pilastras de cantaria que ladeiam os altares e recomposição de 156 metros de cordão final denticulado e sua pintura dourada. Ainda o critério será o mesmo que para o orçamento acima:

Pessoal: 20\$00 x 20 dias 400\$000

Material: 60% do pessoal 240\$000

Pintura da nave

Pintura de 345 metros quadrados a óleo a duas demãos com raspagem da existente:

Preço: b 620 réis x 345	213\$900
b. 6.336 x 345	2:185\$920
	<hr/>
	2:399\$820

Côro e varandas

Substituição com aproveitamento máximo de 125,45 metros quadrados do soalho de jacarandá.

Pessoal : 15\$000 x 125,45	1:881\$750
Material: 13\$000 x 25	325\$000
	<hr/>
	2:206\$750

As obras de que necessitam as igrejas são, tôdas elas, de orçamento bem superior aos que requerem os chafarizes e pontes. Tôdas encerram volumes parciais de serviço bem dispendiosos; os pormenores de construção são frequentes, as recomposições de alto valor pela perfeição do trabalho executado, e a todo instante e essencialmente, pela grande proporção de estrago que os ornatos têm sofrido, sem receberem o mais leve restauro; diante disto, aproveitando mesmo a barateza da mão de obra local, irão agravar muito os orçamentos os serviços de restauração nas igrejas.

De tôdas as igrejas que lá se erguem, duas são as que exigem mais reparos interior e exteriormente e são também as construções religiosas mais imponentes da cidade, ligadas intimamente a tôda história de Vila Rica.

Em uma dominam a riqueza, a perfeição e imponentia do aspecto; em outra, reside, como depósito sagrado, grande cópia de trabalhos capaz de aureolar qualquer artista. Em Nossa Senhora do Carmo, ao lado da opulência, a Arte; em São Francisco de Assis, a Arte vive num ambiente cheio de sobriedade.

Em qualquer uma delas, as despesas para conservação e restauração seriam superiores a 10:000\$000 (dez contos de réis), importando as obras para os chafarizes e pontes em 58:085\$330 (cinquenta e oito contos oitenta e cinco mil trezentos e trinta réis); a verba dotada fica reduzida a 41:914\$670 (quarenta e um contos novecentos e quatorze mil seiscentos e setenta réis).

Julgando que, ao lado da ação oficial, devia cooperar na medida de suas possibilidades o auxílio particular, sugeriu-se a alguns elementos locais de recursos sua contribuição material nos consertos das igrejas; com isso será menos difícil realizar o máximo de trabalho com o mínimo de despesa e, ainda mais, lançar o elemento local ao lado do Govêrno numa comunhão de benefícios à velha cidade. Sòmente ela lucraria.

Das duas igrejas acima referidas, São Francisco de Assis é dirigida por uma irmandade de pobreza simbólica, não havendo possibilidade de sua cooperação material. Entretanto, a irmandade de Nossa Senhora do Carmo poderá contribuir com uma fração do orçamento para sua conservação. Supondo que o orçamento se eleve a 20:000\$000 (vinte contos de réis), o que não é exagêro, se a irmandade contribuir com 50%, ou sejam, 10:000\$000 (dez contos de réis), poder-se-á com as sobras de verba custear os serviços na igreja de São Francisco de Assis e nalgumas das capelas.

Atua-se, pois, no sentido dum entendimento com os elementos da cidade que possam ajudar o Govêrno nessa obra sadia e patriótica.

EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS

Na sua quase totalidade, os serviços assim miudamente discriminados se realizaram e, quando a Inspetoria de Monumentos Nacionais foi extinta em 1937, último ano em que trabalhou, entregou ao órgão que lhe sucedeu, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a cidade de Ouro Preto inteiramente restaurada nas suas igrejas, capelas, pontes e chafarizes, todos êles jorrando novamente água como

nos tempos coloniais. Essa água, depois, desapareceu da maioria dêles, misteriosamente, bem como as placas que assinalavam a autoria das recomposições efetuadas, como, por exemplo, a da ponte dos Contos ou de S. José e a do chafariz do Passo de Antônio Dias.

Infelizmente, não pôde a Inspetoria de Monumentos terminar as obras de reparo da Matriz do Pilar, embora já as houvesse planejado, adquirido grande parte do material necessário e as iniciado. Eram essas obras preocupação de sua diretoria desde o início de suas atividades e, a seu pedido, já o digno Vigário Monsenhor João Barbosa mandara estudá-las, como prova a seguinte carta:

“Ouro Preto, 31 de agosto de 1935. — Exmo. e Revmo. Monsenhor João Castilho Barbosa. — *Jesus laudetur!* De acôrdo com o seu pedido, examinei detidamente a estrutura do telhado e fôrro da Matriz de N. S. do Pilar de Ouro Preto. A estrutura do telhado acha-se em condições satisfatórias; a de suporte do fôrro, porém, necessita de imediata atenção para se prover a uma completa reforma que mantenha a segurança do mesmo e o faça voltar à sua exata posição de que se vem afastando por deficiência das vigas e escoras. A obra não oferece imediato perigo, mas deve ser atendida dentro de um ano. Ao lado da segurança material do fôrro, sobressai o dever de proteger e conservar a obra de arte, notável tétó bastante conhecido.

Em um rápido estudo, estimo o orçamento dessas obras em perto do Rs. 50:000\$000. É o que tenho o prazer de lhe informar, esperando ter satisfeito os seus desejos. Com a mais respeitosa estima e consideração, cordialmente me subscrevo seu adm.^{or} e am.^o — (a) *Simão Woods de Lacerda*.

Não era possível à Inspetoria com três verbas módicas, uma de cem contos e duas de cinquenta cada uma, executar obra de tão vultoso orçamento, senão depois de concluídas outras mais urgente, e em exercícios seguidos. Aliás, o parecer exarado na carta ao Vigário pelo ilustre engenheiro Woods de Lacerda permitia esperar algum tempo.

Terminados os serviços em Ouro Preto e, conforme os recursos que lhe fôsem ministrados, iria a Inspetoria restaurar as obras de arte de outras cidades. Em três anos e com seus exíguos recursos não lhe foi possível realizar mais do que aquilo em que se empenhou com boa vontade, sinceridade, honestidade, economia e fé. Com economia sobretudo.

Da designação do engenheiro Epaminondas Macedo para dirigir essas obras, deu o jornal "Voz de Ouro Preto", a 29 de dezembro de 1935, a seguinte notícia, acompanhada do singelo regulamento da Inspetoria adstrita ao Museu Histórico Nacional:

"Ouro Preto, 29 de dezembro de 1935.

INSPETORIA DE MONUMENTOS NACIONAIS

Dando cumprimento ao Decreto n.º 24.735, de 12 de julho de 1934, que regulamenta a Inspetoria de Monumentos Nacionais, o Diretor Geral do Museu Histórico Nacional, Dr. Gustavo Barroso, por portaria de 2 do corrente, designou o engenheiro Epaminondas de Macedo representante desta Inspetoria nesta cidade.

Para conhecimento de todos, êste jornal transcreve os artigos concernentes à Inspeção dos Monumentos Nacionais.

INSPEÇÃO DE MONUMENTOS NACIONAIS

CAP. VIII

Art. 72 — Os imóveis classificados como monumentos nacionais não poderão ser demolidos, reformados ou transformados sem a permissão e fiscalização do Museu Histórico Nacional.

§ único — Independem de licença e fiscalização os trabalhos de conservação e consertos urgentes que não impliquem modificação essencial do prédio.

Art. 73 — O Museu Histórico Nacional organizará também um catálogo, tanto quanto possível completo, dos objetos

histórico-artísticos de notável valor existentes no país, no qual os particulares poderão requerer a inclusão dos de sua propriedade, o que será deferido após exame, identificação e notificação.

Art. 74 — A exportação de objetos dessa natureza só será permitida mediante autorização do diretor geral do Museu Histórico Nacional, ou de seus representantes, depois de paga, na repartição, a taxa especial de 300\$000 sôbre o valor dado pela avaliação feita no Museu.

Art. 75 — Essa autorização não poderá ser dada aos objetos de notável importância histórica e àqueles cuja conservação no país seja reputada conveniente.

Art. 76 — Os objetos apreendidos por infração dêstes dispositivos passarão a fazer parte do patrimônio nacional, no Museu Histórico Nacional.

Art. 77 — O diretor geral do Museu Histórico Nacional poderá entabular acordos com quaisquer pessoas naturais ou jurídicas, autoridades eclesiásticas, instituições científicas, literárias ou históricas, administrações estaduais ou municipais, etc., no sentido de ser melhor conhecido, estudado e protegido o patrimônio tradicional do Brasil.

Art. 78 — Para o efeito da inspeção de monumentos históricos, o diretor do Museu Histórico Nacional designará representantes seus onde fôr conveniente, considerando-se serviço relevante o que os mesmos prestarem.

Art. 79 — O diretor geral do Museu Histórico Nacional poderá impor multas de 50\$000 a 1:000\$000 aos infratores das determinações dêste regulamento.

Art. 80 — As pessoas e corporações que possuírem objetos e relíquias artísticas ou históricas são obrigadas a fornecer a relação dos mesmos ao Museu Histórico Nacional e não poderão negociá-los sem prévia consulta a êste, que terá preferência.

Art. 81 — Os negociantes de antiguidades e obras de arte de qualquer natureza ficam obrigados a um registro especial no Museu Histórico Nacional ou nas repartições esta-

duais que o representem, não podendo vender objetos não devidamente autenticados.

Art. 82 — O Museu Histórico Nacional autenticará os objetos artísticos históricos que lhe forem apresentados mediante requerimento das partes interessadas e de acôrdo com a tabela de peritagem anexa.

Art. 83 — Revogam-se as disposições em contrário.”

Os trabalhos do engenheiro Epaminondas de Macedo foram acompanhados continuamente com carinho e empenho pelo Diretor do Museu, ao qual aquêle funcionário dava conta pormenorizada de tudo quanto fazia. Sua correspondência sôbre o assunto é preciosa para se poder seguir a marcha das restaurações, seu método e cuidado, suas datas e dificuldades, bem como para servir de documentação à história dessas mesmas restaurações, em qualquer tempo em que se deseje obter informes minuciosos a respeito.

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 12 de novembro de 1935.

Tenho o prazer de vos cientificar o início hoje das obras de restauração dos monumentos históricos e artísticos desta cidade de Ouro Preto.

Comecei pela fachada da igreja de N. S. do Carmo. Por observações minuciosas no interior da mesma, observei a necessidade de restauro de alguns ornatos dos púlpitos, reparcimentos da cantaria das vergas e ombreiras das portas de acesso aos referidos púlpitos, que foram pintados, como o sr. já me fizera notar, retirada do debrum de ouro nas ornamentações em pedra-sabão e reconstituição de algumas decorações no altar-mor.

Estou providenciando o transporte de alguns matacões de itacolomito para recomposição das peças ornamentais e complementares dos chafarizes.

É oportuno comunicar que o volume das pretensões aguardando sua chegada é bem maior do que a cópia de serviços do plano que o Museu terá de executar.

Saudações. *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 24 de Novembro de 1935.

Igreja de N. S. do Carmo

Limpeza com escôva de aço da cruz do acrotério e das duas agulhas que a ladeiam, da cruz final do primeiro corpo e das agulhas que o limitam, peças tôdas de cantaria do Itacolomi. O resplendor da primeira cruz e os cubos que sustentam as esferas das duas primeiras agulhas são de pedra-sabão. O soco da cruz estava interiormente estragado, o corpo bojudo da agulha final do lado direito se achava mutilado e seu coroa-mento mal firmado por se haver quebrado a cunha que se encaixava nêle. A cruz final também estava mutilada em pequeno filete no ápice do pé.

Observações feitas na cimalha e na faixa que corre por baixo permitiram concluir que, nos serviços executados há anos, foi o seu rebôco coberto com uma delgada camada de cimento, depois caiada. Declarou-me velho operário que trabalhou na igreja em 1900 que se fizera essa fita de cimento para proteção daquelas partes da igreja, as quais antes eram sômente rebocadas. Mandei retirar a fita de cimento e reapareceu o rebôco primitivo.

O telhado final do primeiro corpo foi, nas duas águas, todo consertado, as telhas emboçadas em argamassa de cal preta e areia branca; retirou-se o mato que ali crescia e calafetaram-se os buracos das raízes com cimento. Também se limpou tudo da praga dos ninhos de andorinha. Terminou o consêrto da cimalha que fecha êste corpo da igreja.

Fizeram-se ainda 20 x 20 m. de andaimes.



Chafariz dos Cavalos, Ouro Preto, Estado de ruína.



Chafariz dos Cavalos, sendo restaurado.



Chafariz dos Cavalos, em plena restauração.

Iniciados os serviços de recomposição das bacias de madeira das sacadas, retirando-se as imprestáveis. Serão recompostas com a mais fiel observância das primitivas.

Chafariz dos Contos

Aberta a parede do lado esquerdo para pesquisar o paredão em esquadro a que se referem os documentos da época. Se bem que seja real ter existido, nada se poderá fazer, porque do lado presumido se acha o prédio do Banco do Comércio, construído em 1889. O chafariz foi levantado em 1765. Há vestígios da antiga casa de Manuel Rodrigues no fundo do Banco.

Descobriu-se o antigo encanamento de água, em telhas, através do paredão de frente, bem como a pia de distribuição para as bicas, que se desentupiram, lavando-se a pia, de modo que agora a água está jorrando como outrora!

Procede-se ao rejuntamento da caiação e à retirada da vegetação que desagrega a cantaria.

Examinada a massa branca que ligava as paredes do tanque, viu-se que se compõe de cal preta magra. A análise foi feita pela Escola de Minas.

Em procura da cantaria necessária aos serviços, estive na aba do Itacolomi, no local em que foi explorada a pedreira para as obras que se fizeram antigamente em Ouro Preto e ali encontrei dispersos cêrca de 20 m² de lajes de itacolomito, devidamente aparelhadas. Essa cantaria será em breve transportada para a cidade. O achado nos deu material idêntico ao dos monumentos em via de restauração e preparado pelos seus próprios construtores.

Chafariz dos Cavalos

Desenterrada a frente à procura da base do antigo tanque, que, segundo me informam, foi retirado pelo então Presidente da Câmara, Otávio de Brito, e removido para local ignorado.

Fiscalização

Percorri várias partes da cidade em companhia do Dr. Gustavo Barroso, do Prefeito Municipal e do Dr. Albino Sartori, tomando nota de tôdas as instruções que foram dadas.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 30 de novembro de 1935.

Igreja de N. S. do Carmo.

Concluídos os serviços da fita de cimento e caiação do entablamento, do lado direito, numa área de 86,44 m².

Refeito todo o rebôco do fundo do frontão, usando-se para isso argamassa de cal branca e areia branca. Iniciada a limpeza da cantaria.

Concluído o embôço do telhado com retirada da vegetação e seu aniquilamento com H₂SO₄ e calafetamento do buraco com massa de cimento na transição do telhado do primeiro corpo para o segundo.

Foi refeito todo o rebôco interno da parede do arco-cruzeiro que se estava desagregando. No engradamento, como medida de proteção, foi retirada de sôbre o fôrro o entulho que pesava sôbre as abóbadas da Capela-mor, o teto das tribunas e da sala do Consistório. Os barrotes em que pregam as tábuas dêsse fôrro estavam com as cabeças jogando pela destruição das paredes externas. Tudo foi reconstruído. Retirou-se também a caiação de quatro janelas do primeiro corpo e quatro óculos, numa área total de 22 m².

Iniciaram-se os trabalhos de consêrto e nova confecção das sacadas e bacias das mesmas, tudo de madeira. Foram, assim, consertados seis peitoris e feitos outros seis, de baraúna, madeira igual à existente. Consertaram-se outras seis bacias de sacada e fizeram-se outros seis peitoris de candeia, madeira igual à existente. Fêz-se novo caixilho para a varanda do fundo do lado direito e novo envidraçamento.

No mesmo lado direito, picaram-se três pilastras de cantaria para retirada da caiação numa área de 25,65 m². Resta uma de canto e outra da extremidade.

Iniciou-se o transporte da cantaria do Itacolomi para o restauro dos chafarizes e pontes.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório semanal de 2 a 7 de dezembro de 1935.

Igreja de N. S. do Carmo.

Em virtude dos serviços executados no frontão, o telhado, nas duas águas do corpo da igreja, ficou sacrificado numa área de 18 m², de cada água, sendo por isso todo emboçado e consertado. No segundo corpo da igreja, a cornija, ao ser picada, despregou-se num comprimento de 5 mts. Foi tôda recomposta com argamassa de 1 de areia, 1/4 de cal branca, 1/4 de cal preta e embôço de cimento.

Por se achar todo desagregado o rebôco do arco-cruzeiro, achando-se a pintura em adiantado estado de destruição, caindo diversas das suas estrêlas, foi tudo retirado e deixou-se secar alguns dias para fazer o restauro. A mesma coisa se fará na parede do fundo do côro.

Iniciou-se o restauro da cornija do primeiro corpo, executando-se tudo com absoluta fidelidade à fatura do primitivo trabalho da igreja. Tôda a fachada lateral foi despida de sua caiação, retirando-se o rebôco apodrecido. As pilastras também foram postas a descoberto da caiação.

Foi começado o rebôco novo do pano de parede do primeiro corpo, usando-se para isso argamassa de cal branca e areia (1/3).

Ficou concluída a retirada de todo o rebôco antigo dos panos de parede das pilastras.

Estão sendo efetuados serviços de consertos, com aproveitamento máximo, das portas, janelas e sacadas do sobrado

da igreja. Apesar de rigorosa economia, são bem onerosos devido à necessidade de sua perfeição numa semelhança completa com o que ainda existe.

Já se iniciaram os serviços internos na igreja de N. S. da Conceição de Antônio Dias. Continua a retirada e transporte de lajes do Itacolomi (*). Apesar das chuvas incessantes, tudo prossegue com certa urgência.

Para financiamento dos bancos da igreja do Rosário, entreguei a 6 do corrente ao sr. João Firmino da Costa um cheque de Rs. 600\$000, n.º 1429104 contra o Banco do Comércio e indústria de Minas Gerais aqui.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório semanal de 9 a 14 de dezembro de 1935.

Igreja de N. S. do Carmo.

Concluído o rebôco do pano de parede do primeiro corpo de igreja. Consertadas e restauradas as janelas em número de quatro do primeiro corpo e do entablamento. Rebocado todo o segundo corpo.

Retiradas as ferragens e lixadas de quatro sacadas, cujos caixilhos foram limpos da pintura estragada. Picada a caiação dos quatro óculos. Retirada a caiação nuns e a pintura noutros dos caixilhos de pedra dos óculos e janelas. Lavadas as ombreiras e vergas de seis janelas.

Área rebocada:

Primeiro corpo — 139,47 m².

Segundo corpo (incompleto) — 135,87 m².

Área restaurada:

Arquitrave e cornija do entablamento — 41 m².

Janelas — 17,38 m².

(*) Descobriu-se no sopé do Itacolomi a pedreira de onde retiravam lajes os construtores coloniais, com grande quantidade delas já devidamente aparelhadas, que foram aproveitadas sobretudo no restauro da ponte dos Contos.

Área de caiação das janelas e óculos, picada:

Exterior — 24,17 m².

Interior — 8,20 m².

Área de cantaria lavada:

Janelas e sacadas — 2,12 m²

Chafariz dos Cântos

Reiniciados todos os serviços de restauro.

Chafariz do Passo de Antônio Dias.

Os serviços começaram pela retirada do moledo que há tempos desceu, cobrindo todo o antigo muro de arrimo ali existente.

Igreja de N. S. da Conceição de Antônio Dias

Começou-se a retirada do soalho da Sala do Consistório numa área de 16,40 x 7,70 = 126,28 m². Esse soalho, como é do vosso conhecimento, pois já o inspecionou comigo, acha-se todo selado e balança ao menor movimento.

Estão sendo executados os bancos para a igreja do Rosário, conforme o risco e planta apresentados. Iniciei o estudo do orçamento para a capela da Piedade. Dei conhecimento a tôdas as associações e autoridades dos têrmos da vossa portaria nomeando-me representante nesta cidade da Inspeção de Monumentos Nacionais.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 22 de dezembro de 1935.

Igreja de N. S. do Carmo

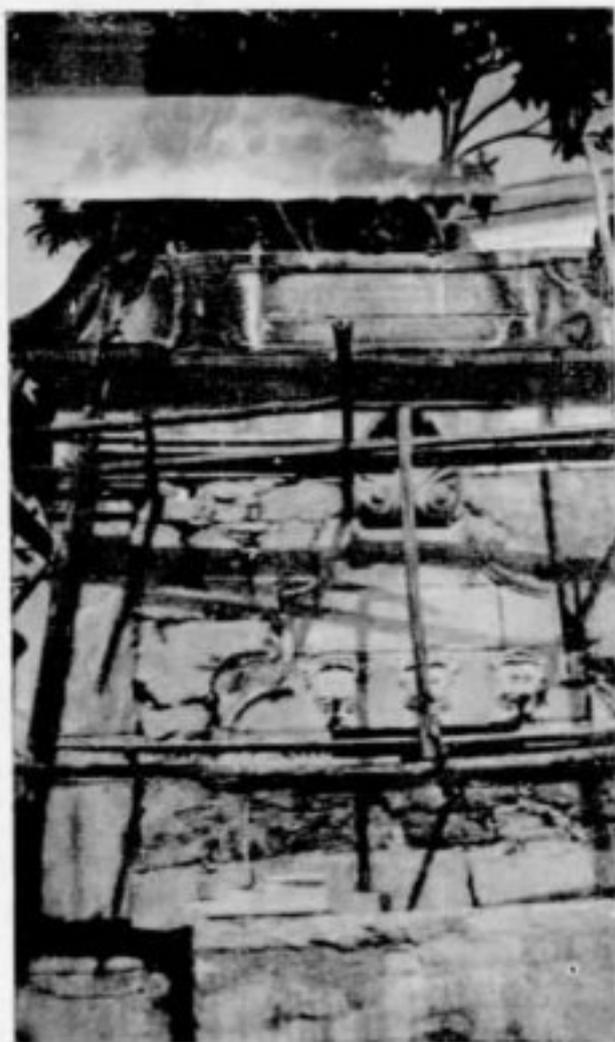
Concluído o rebôco do pano de parede do segundo corpo. Restaurado o entablamento de todo o corpo e da parede do fundo até as pilastras dos cantos. Lavadas as cantarias das pilastras do primeiro corpo e da fiada de lajes que corre em



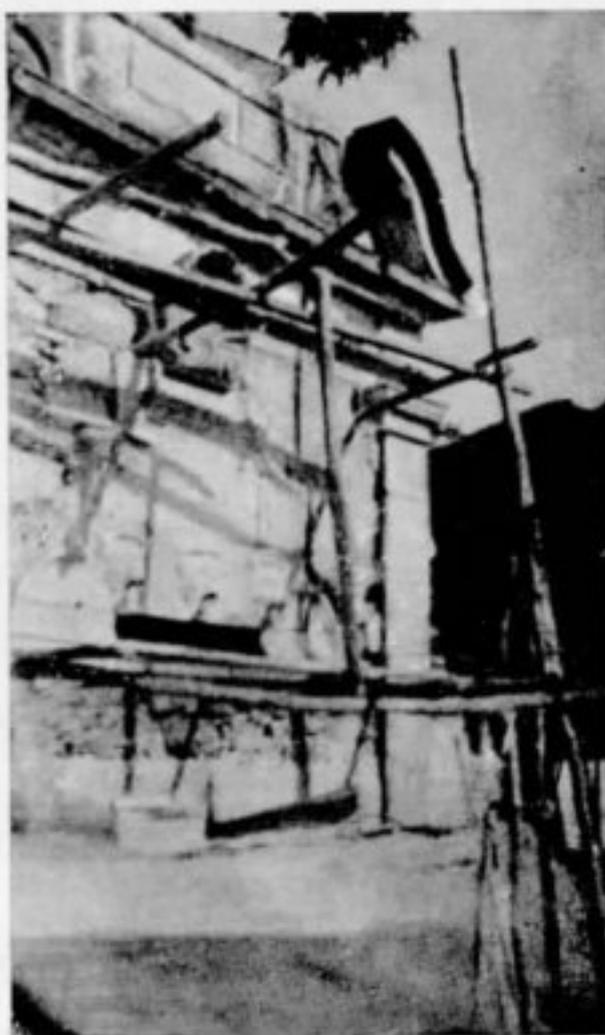
Chafariz do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto, quase em ruína.



Chafariz do Passo de Antônio Dias em restauro.



Trabalho de recomposição do Chafariz do Passo de Antônio Dias.



O Chafariz do Passo de Antônio Dias em recomposição definitiva.

tôda a periferia e da horta traseira. Começou o restauro da cimalha do beiral de passagem dos dois corpos e a secagem dos beirais do lado esquerdo, retirando-se as telhas e fazendo o entelhamento em declive. Picou-se tôda a parede do fundo. Restauraram-se as pilastras com rebôco igual ao existente.

Área rebocada — 11 m².

Área lavada — 41 m².

Área picada — 35 m².

Pano de parede — 39 m².

Friso — 6,30 m².

Chafariz dos Contos

Prosseguem os trabalhos de restauro. Em vista do estado de ruína da voluta do pé direito do gigante, foi necessário o desbaste de todos os elementos. Estudo o que deverá ser feito com outras peças existentes.

Seguem junto os desenhos das molduras novas que devem substituir as imprestáveis que correm abaixo do gigante e a que coroa as paredes do tanque.

Chafariz do Passo de Antônio Dias.

Continuam os trabalhos de desmonte do moledo. O muro que, segundo o orçamento, teria de ser construído para compor o ambiente e arrimar a massa de xisto que se estende por tôda essa zona da cidade numa inclinação de 25%, a qual na época das chuvas corre comprometendo as construções superiores e adjacentes, não poderá ser um simples muro de arrimo. As condições locais exigem trabalho mais sério e que definitivamente proteja o chafariz.

Matriz de Antônio Dias

Executa-se o assoalhamento da Sala do Consistório.

Igreja do Rosário

Paguei ao sr. Firmino a feitura de vinte bancos. Iniciei a das portas laterais.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 29 de dezembro de 1935.

Concluído o serviço no entablamento da parede do fundo e iniciado o rebôco do pano dessa parede. Recomposição da pilastra do canto. Entelhamento dos beirais. Embôço do telhado no segundo corpo.

Prosseguem os trabalhos de raspagem das portas, arcos e vergas de madeira das janelas em sacada. Recomposto o coroamento das agulhas externas de cantaria. Iniciada a picação do rebôco do lado esquerdo.

Área rebocada — 37,50 m².

Chafariz dos Contos

Prossegue o restauro. Lavradas as testas do tanque. Confeccionadas molduras e fechos. Nivelado o solo. Até o fim da semana vindoura, o tanque será montado e iniciado o calçamento a pé de moleque para recomposição do ambiente do monumento.

Chafariz do Passo de Antônio Dias

Continua o desmonte para construção do muro de arrimo.

Igreja do Rosário

Executam-se as portas laterais e os bancos para a nave central.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório semanal de 30 de dezembro de 1935 a 5 de janeiro de 1936.

Igreja de N. S. do Carmo.

Concluídos o rebôco da parede do fundo e a recomposição da pilastra de canto, bem como a recomposição da cornija do fundo do primeiro corpo da igreja. Iniciado o embôço do telhado do segundo corpo com o serviço na água do lado direito. Lavados o pedestal da cornija do canto e as janelas com sacada do fundo. Concluída a raspagem da pintura de cinco portas das janelas de sacada, restando uma para tôdas ficarem prontas. Confeccionado o peitoril de cantaria para a última janela com grade, usando-se itacolomito.

Como trabalho de interêsse histórico, se iniciou a descoberta do antigo serviço de abastecimento de água para a igreja, restabelecido na medida do possível.

Iniciada a picação do rebôco da parede do lado esquerdo.

Área do telhado emboçada: 120 m².

Área de cantaria lavada: 17 m².

Área de raspagem da pintura: 54 m².

Chafariz dos Contos

Devido ao mau tempo que não tem permitido o transporte de cantaria do Itacolomi, ainda não se pôde começar a fatura da parede de frente do tanque, que deve ser duma só peça.

Chafariz do Passo de Antônio Dias

Prossegue a construção do muro para depois se iniciar a aprumação.

Chafariz dos Cavalos (Rua das Flores)

Já iniciados os trabalhos de restauro com picação da cantaria do coroamento. Recomposição de elementos nêle e na

cornija. Fatura de nova cruz de itacolomito e picação do rebôco para aparecimento das lajes que compõem a construção.

Estudo presentemente o transporte da água para abastecimento dêsses dois chafarizes. A única solução é a canalização duma nascente situada a 300 metros mais ou menos com bastante diferença de nível. Espero, assim, dar aos dois últimos chafarizes a sua antiga função.

Igreja do Rosário

Continuam os trabalhos de confecção das portas travêssas e bancos.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Dr. Gustavo Barroso.

Ouro Preto, 31 de dezembro de 1935.

Escrevo-lhe depois de regressar de Mariana, aonde fui levar sua carta a D. Helvécio.

Confirmando o que o Sr. já me havia dito aqui, no hotel, êle me recebeu bem aborrecido contra a falta de conhecimento sôbre os trabalhos de restauração das igrejas. Expliquei-lhe que me não competia dar-lhe ciência dos trabalhos e sim ao Inspetor e ao Ministro, citando-lhe os têrmos do decreto. Entretanto, de minha parte sempre dei conhecimento aos vigários com antecipação. Pelo que noto, seus subordinados e amigos não lhe dizem muito.

Para encurtar conversa, saí de lá depois de duas horas de agradável convívio, com autorização para iniciar qualquer trabalho. Pedi-me que lhe encareça a necessidade de me apresentar como seu delegado e executor nas obras de restauro de Ouro Preto.

Dei parecer sôbre diversos trabalhos que êle tem em vista. Ficou satisfeito. Dêste modo poderei começar logo os serviços de restauro da igreja de S. Francisco de Assis.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional

Relatório semanal até 19 de janeiro de 1936.

Por motivo do mau tempo reinante durante os três dias de 6 a 11 do corrente e os de 13 a 18, os serviços tiveram parca progressão. Prosseguiram, no entanto, com a mesma intensidade os que se processam dentro da igreja do Carmo, da Matriz de Antônio Dias e de N. S. do Rosário.

Diante dessa situação, procurei tudo fazer para remover da serra do Itacolomi cantaria destinada aos chafarizes e pontes. Era de meu desejo iniciar os trabalhos da ponte dos Contos no comêço do mês corrente, a fim de, durante os dias de Carnaval, estar ela franqueada ao público. Parece, contudo, que tal se não dará devido à falta de cantaria.

Já me entendi com o Prefeito sôbre o aproveitamento da água da mina, ao pé da Santa Casa, estando êle de acôrdo. Será, pois, de lá trazida a necessária aos chafarizes dos Contos e dos Cavalos.

Na próxima semana, seguirão as fôlhas de pagamento. Na semana vindoura, embarcarei para aí, a fim de coordenar a prestação de contas a ser apresentada em dias próximos do mês vindouro.

Ao se iniciarem os trabalhos no chafariz do Passo de Antônio Dias, com a construção do muro ao lado, que deverá ser construído em colaboração com o proprietário da casa a cavaleiro, devido às chuvas, o atêrro adjacente correu ameaçando uma das pilastras daquela residência. Tomaram-se logo as providências necessárias. Essa ocorrência veio encarecer as obras, mas não afetará o orçamento total, pois o acréscimo ficou a cargo do referido proprietário. Êste serviço é o que mais me tem preocupado.

Os trabalhos externos da igreja do Carmo já estariam concluídos, se não fôsse a paralisação forçada durante 15 dias da caiação devido às chuvas.

A presença aqui do arquiteto paulista Pujol Júnior, que reprovou essa caiação, fêz com que eu rebuscasse os documentos da construção da antiga capela de Santa Quitéria, em que se

menciona a quantidade de cal requerida para a mesma caiação. A sugestão desse arquiteto para imitar cantaria no rebôco dos panos da parede seria uma deturpação da obra do século XVIII, cuja caiação era a ornamentação apropriada e generalizada em todos os edifícios religiosos da época.

Êsses imprevistos atrasaram um pouco os serviços.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório de 20 a 25 de janeiro de 1936.

Igreja do Carmo

Concluído o douramento das varandas do lado direito. Iniciada a raspagem dos peitoris. Prossegue o embôco do telhado na água do segundo corpo do lado esquerdo.

Matriz de Antônio Dias

Retirado todo o soalho da nave principal e das laterais. Procede-se à escolha do madeiramento aproveitável e ao rejuntamento das tábuas que formam as tampas das campas.

Igreja do Rosário

Concluídas as duas portas laterais, que estão sendo pintadas. Colocados na nave principal vinte (20) bancos estilizados.

Chafariz dos Contos

Está sendo executado o rebôco da parede. Já se acham rejuntados os fechos aí colocados. Ainda não chegaram as pedras para o calçamento. O serviço de água está em curso.

Chafariz do Passo de Antônio Dias

Está sendo rematado em obediência completa ao que era originalmente, todo aprumado com retirada do atêrro que o

empuxava. O muro ao lado acha-se quase concluído, Espero que esteja provido de água até meados de fevereiro.

Cantaria

Em todos os trabalhos, a obtenção da cantaria tem causado retardamento e certo prejuízo material, pois o primeiro carreiro que se comprometera a transportá-la abandonou de repente o serviço, deixando-me em situação difícil. O segundo carreiro também se comprometeu e não apareceu até hoje. Estou em entendimentos com um terceiro, na esperança de tudo resolver.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório a 26 de janeiro de 1936.

Igreja de N. S. do Carmo

Concluídos os trabalhos de caiação do lado direito com envernizamento das seis portas das janelas com sacadas e recomposição da cantaria. Continua o douramento das grades. Do lado externo se fêz o mesmo trabalho. Iniciou-se a caiação com envernizamento do lado esquerdo.

Matriz de Antônio Dias

Terminado o assoalho da Sala do Consistório e a recomposição da escada que lhe dá acesso, substituindo-se doze (12) degraus. Começaram os trabalhos no altar-mor e na nave principal. Para não perturbarem os ofícios religiosos, durante a semana se realizarão na Sala do Consistório e aos domingos na igreja de São Francisco de Assis, conforme se combinou com o vigário, Padre Epifânio.

Igreja de N. S. do Rosário

Em andamento final as portas laterais. Concluídos os (20) bancos, que serão armados e lustrados nesta próxima semana, conforme prometeu o carpinteiro.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional. ,

Relatório de 27 de janeiro a 8 de fevereiro de 1936.

Igreja de N. S. do Carmo

Prossegue a raspagem das janelas gradeadas do fundo e lado esquerdo. Terminado o embôço do telhado da água do lado esquerdo. Concluído todo o rebôco do mesmo lado. Levantam-se os andaimes para as tôrres e fachada.

Igreja de N. S. do Rosário

Terminada a pintura em verde das portas. Assentados vinte (20) dos quarenta (40) bancos encomendados, cuja metade já está paga.

Matriz de Antônio Dias

Continua o aproveitamento das tábuas do soalho. Ainda esta semana começará a substituição dos barrotes apodrecidos para assentamento das campas.

Chafariz dos Contos

Concluído o tanque. Assentam-se as hastes que saem do poial e os gatos de ferro chumbados.

Chafariz do Passo de Antônio Dias

Terminado o remonte do atêrro. Recomposto todo o maço de alvenaria de pedra. Procede-se à limpeza da cantaria. Fimdo o serviço de encanamento de água.

Ponte de S. José

Continua a chegar à cidade, duma distância de 5 léguas a cantaria necessária aos trabalhos da ponte, que espero começar segunda-feira.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional

Relatório de 9 a 15 de fevereiro de 1936.

Igreja de N. S. do Carmo

Continuam os serviços de pedreiro com rebôco e rateação das pilastras e entablamento do lado esquerdo. Dentro, consertam-se os caixilhos e se emassam as janelas da varanda para receberem extrato de noqueira e, em seguida, óleo de linhaça fervido. As varandas foram pintadas, com exceção das rosas e botões que serão dourados.

Matriz de Antônio Dias

Aplainam-se as tábuas das campas e se aparelham convenientemente os barrotes.

Chafariz dos Contos

Concluídos os serviços de cantaria. Falta ultimar o rebôco da frente e o calçamento a pé de moleque, estando já no local o material necessário. Trabalha-se no abastecimento de água.

Chafariz do Passo de Antônio Dias

Remontado. Prossegue a limpeza da cantaria.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional

Relatório de 16 de fevereiro a 7 de março de 1936.

Igreja de N. S. do Carmo

Concluído o embôco do telhado das águas do segundo corpo numa área de 240 m². Restabelecido o antigo serviço de água da igreja com o escoamento primitivo e vazão pelo ori-

fício superior da pia da sacristia, da qual se retiraram as torneiras. Inicia-se o levantamento dos andaimes das tôrres, que em breve estarão prontos. Em seguida, se atacará a picação do rebôco, desde o entablamento até a base. Logo depois, à medida que êste serviço fôr terminado, começarão o embôço e o rebôco. Isto ficará terminado em breve. Rebo-cam-se, assim, 108 m² de parede, 49 de entablamento e 36 de pilastras.

Iniciou-se a picação das tôrres, serviço que levará alguns dias. É um trabalho perigoso numa altura de 28 mts. Como complemento dos serviços de cantaria, foram restauradas três janelas do lado direito e uma do lado esquerdo, nas padieiras, ombreiras e peitoris. Também se começou o restauro dos ornatos do pórtico e se atacou a limpeza da pedra-sabão, trazendo bastantes surpresas, pois a todo instante se encontram deturpações que têm de ser retiradas e substituídas por peças apropriadas quanto à feitura e ao material.

Prossegue a retirada da pintura das janelas de baixo.

Do lado direito, só na quarta-feira próxima se poderá iniciar o douramento dos gradis de ferro das escadas.

Chafariz dos Contos

Executa-se o serviço de água. Até a Semana Santa deve estar funcionando.

Chafariz do Passo de Antônio Dias

Concluídos os trabalhos, com abastecimento de água. O muro ao lado foi repostado. Executam-se placas de pedra-sabão, de acôrdo com seu desejo, com uma legenda da restauração. Consulto se deve ser posta agora ou quando se inaugurarem as obras do chafariz e da ponte dos Contos.

Ponte dos Contos

Iniciado no sábadado último o serviço de restauração com a retirada do gradil. Provada a pouca resistênciã dos cachorros que o sustentavam e devem receber o peitoril de pedra,

de acôrdo com seu estudo, tornou-se necessário, como solução, colocar, invisivelmente, uma laje de concreto em todo o comprimento do vão, engastada no maciço do estrado, sôbre a qual repousará o peitoril. Para que não haja modificação no aspecto exterior, meter-se-ão os cachorros. Mando um projeto com perspectiva para que o estude e aprove ou não.

Matriz de Antônio Dias

Concluído o assoalho da fábrica numa área de 70 m². Iniciado o do corpo principal e das naves.

Já dei comêço aos trabalhos de orçamento da igreja das Mercês e da matriz do Pilar. Dentro de 15 dias os levarei ao Rio.

Sendo preciso resolver o caso do cemitério que se quer encostar na igreja de S. Francisco de Assis e que o Sr. impugnou, promovi uma reunião dos irmãos e mesários, que se deverá realizar amanhã.

Estão sendo executados os ornatos da ponte do fundo do Ouro Preto, a cruz para o chafariz do Rosário e o tanque do mesmo.

Submeto ao seu juízo a seguinte sugestão: gradear os chafarizes dos Contos e do Passo de Antônio Dias com as grades da nave central, da varanda do côro e das tribunas da igreja das Mercês, que serão substituídas por balaústres de madeira do mesmo desenho dos que lá existem nas naves laterais (*).

Segue inclusa a documentação fotográfica dos serviços realizados e em realização.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório de 9 a 29 de março de 1936.

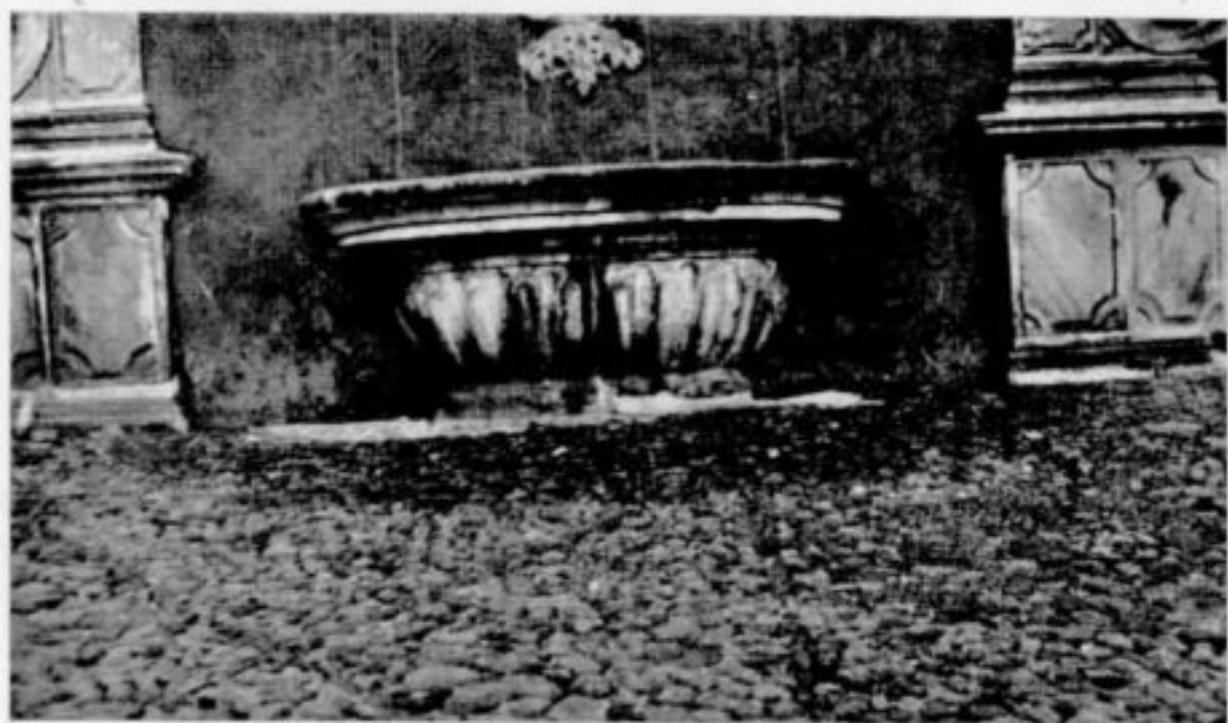
Igreja de N. S. do Carmo

Concluídos os serviços da tôrre e sub-tôrre esquerda, sendo caiadas, a cantaria recomposta, vidros colocados nos

(*) Essa sugestão não foi aprovada.



Chafariz de Marília. Estado em que se achava o tanque.



Chafariz de Marília. O tanque devidamente restaurado.

óculos e o sino consertado. Imediatamente se iniciaram os do frontispício, terminando-se a picação de todo o rebôco, em embôço, o novo rebôco, a caiação e a recomposição da cantaria no acrotério. Limpam-se as cruces e o resplendor. Refêz-se tôda a argamassa de pedra e restauraram-se os ornatos de tôda a decoração de pedra-sabão que encaixilha a luz central. Foi tudo lixado depois de colocado. Raspa-se a pintura da parte principal e se recompõe a sub-tôrre criteriosamente. A igreja acha-se, pois, na última fase de sua restauração.

Chafariz dos Contos

Interrompido o serviço de água por falta de canos de ferro no mercado local. Continua o calçamento a pé de moleque.

Chafariz do Passo de Antônio Dias

Aguardo a sua resolução sôbre a colocação do gradil que o defenda dos maus hábitos da população.

Chafariz de Marília

Bem adiantadas as obras de restauro. Encontrou-se a pia de distribuição de água. Desentupiram-se as bicas. Iniciei a busca do encanamento antigo.

Ponte dos Contos

Fazendo-se necessária a laje de concreto com engaste no meio fio, conforme o primeiro projeto, afastou-se essa solução pela não existência de cantaria sob o maciço. Devendo a laje firmar-se sôbre os cachorros que sustentavam o gradil, aos mesmos faltava a resistência precisa. Falta o ferro para a laje, porque a Siderúrgica de Minas não o mandou em condições e tive de devolvê-lo. Até o fim da semana deve vir novo ferro e se fundirá a laje, assentando-se, então, sôbre ela a cantaria. Esse trabalho tem de ser executado com a maior



Chafariz de Marília, Ouro Preto. Trabalhos de restauro.



Chafariz de Marília, em plena restauração.



Obras de restauração do Chafariz de Marília.

rapidez e grande cuidado, sendo preciso constante assistência, sobretudo porque o acanhado espaço dificulta a tarefa.

Matriz de Antônio Dias

Bem adiantados os trabalhos de assoalho na nave central. Devido a não se poderem aproveitar as tábuas do soalho das naves laterais e à necessidade de restabelecer integralmente a forma primitiva, alterada profundamente nos últimos concertos, êsses soalhos serão completamente restaurados, o que acarretará acréscimos nos orçamentos.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional

Relatório a 14 de março de 1936.

Concluídas as obras externas e internas que se não podiam deixar de executar na igreja do Carmo e na matriz de Antônio Dias, iniciei os trabalhos preparatórios para as da matriz do Pilar, conforme as ordens que me deu.

Terminadas as dos chafarizes dos Contos, dos Cavalos, do Passo de Antônio Dias e de Marília, comecei a fatura das peças para os da Glória e do Rosário.

Efetuei o assentamento do lado direito da ponte dos Contos e comecei o do esquerdo. Estão sendo confeccionadas as peças principais.

Seguem fotografias.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em abril de 1936.

Em cumprimento de vossa determinação para serem elaborados os orçamentos das obras de arte e históricas desta cidade que necessitam, com urgência, dos serviços de restauração que deverão ser financiados pela dotação orçamentária do corrente ano, junto a êstes orçamentos (1), (2) e (3), referentes às igrejas de Nossa Senhora das Mercês dos Perdões, São Francisco de Assis e Capela do Padre Faria.



Chafariz de Marília. Restos duma das 4 carrancas.



Chafariz de Marília. Estado de ruína duma das carrancas.



Chafariz de Marília, recomposto. As 4 carrancas restauradas e lançando água.

Deveriam ser custeadas pela verba do corrente ano as obras de sustentação do fôrro do corpo principal da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, conforme determinastes em vossa última inspeção a esta cidade.

Pela observação detalhada a que procedi há dias passados no fôrro da referida igreja, pude constatar a necessidade de ser o mesmo protegido contra o abatimento que vem sofrendo desde algum tempo, em consequência de uma distensão das pernas das tesouras que sustentam a cobertura. A desaprumação das paredes que formam os pés direitos das arcadas que se estendem em todo o comprimento da nave, agravada pelo peso do telhado, foram dois fatores importantes que provocaram o fenômeno que observamos; por efeito da distensão, as linhas das tesouras que sustentam as cambotas do fôrro, mantendo-o erguido, estabelecendo assim perfeita união entre as tábuas dos caixões que formam os diversos painéis, trabalharam por flexão e, em consequência, as cambotas cederam e com elas os caixões, resultando daí a separação das tábuas que compõem os painéis e seu abatimento. Para impedir a progressão desse fenômeno que trará dentro em breve a destruição de um dos mais belos ornamentos desta cidade, motivo de encantamento de quantos aqui chegam e que uma vez destruído nunca mais será recomposto com fidelidade, a solução única e definitiva seria a instalação de vigas de concreto do mesmo vão das linhas com esquadria de 0,25 x 0,15, trabalhando a flexão, entre as tesouras antigas, mantendo, assim, o fôrro em sua posição de origem e a retirada de duas tesouras antigas que trará o alívio do referido fôrro.

— A execução de semelhante obra implicaria na instalação de robustos andaimes em todo o corpo da igreja, sobre os quais descansaria toda a estrutura do fôrro e éle próprio: nesta situação seriam fundidas as vigas de resistência retificadas as linhas, levantado todo o fôrro que em sua verdadeira posição passaria a se sustentar nas referidas vigas por meio de espigões de ferro.

Como serviço indispensável, seriam recompostos todos os painéis que se mostram hoje avariados pelos espigões impiedosamente lá colocados e avivadas as tintas.

Em consequência dêstes trabalhos, seria descoberto todo o telhado do corpo da igreja e de novo recoberto com embôço de tôdas as telhas. As obras deveriam, pois, em consequência desta necessidade, ser atacadas com urgência para serem concluídas no regime da sêca, isto é, até fins de agôsto.

Um orçamento rigorosamente econômico para a presente obra exigiria quase tôda a dotação orçamentária do corrente ano.

Junto a êste o referido orçamento, pondo ao vosso critério a execução dos serviços que julgardes de mais imperiosa necessidade.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Dr. Gustavo Barroso.

Abrços. Ouro Preto, 9 de agôsto de 1936.

Estou atacando a ponte dos Contos, que espero dar pronta no dia 25 do corrente, se o tempo se mantiver como está, muito frio e nublado, porém, sem chuva.

Já iniciei o levantamento dos andaimes na matriz do Pilar, logo depois de recebida a sua ordem por telegrama.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional

Relatório em 10 de setembro de 1936.

Concluí na data de hoje a restauração da ponte dos Contos e do chafariz ao pé da mesma. Ficam assim executados os trabalhos de restauração das pontes dos Contos e da Barra, dos chafarizes dos Contos, do Passo de Antônio Dias, dos Cavalos e de Marília, faltando neste sòmente o serviço de água. Prosseguem os reparos na cantaria da matriz de Antônio Dias e o assoalhamento. Todos os trabalhos do Carmo estão executados. Iniciei os das capelas do Padre Faria e da Piedade.

Quanto à matriz do Pilar, não sendo possível executar o serviço no período da sêca, resolvi adiá-lo para o próximo frio, ficando, todavia, atento ao que necessitar, evitando maiores estragos no fôrro.

Estou providenciando a fim de que possa ainda por conta da verba do ano passado ser executado o restauro da ponte do Ouro Preto, ante a sonegação do auxílio que deviam prestar as Irmandades para as obras do Carmo e Antônio Dias.

Quanto à igreja de S. Francisco de Assis, aguardo a saída do ministro da Irmandade Marco Túlio Gramiglia, autor do cemitério ao lado da igreja, que o Sr. embargou e mandou retirar, o qual se obstina em dificultar a ação da Inspeção.

Já comecei o trabalho da ponte do Caquende.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 12 de novembro de 1936.

Capela do Padre Faria

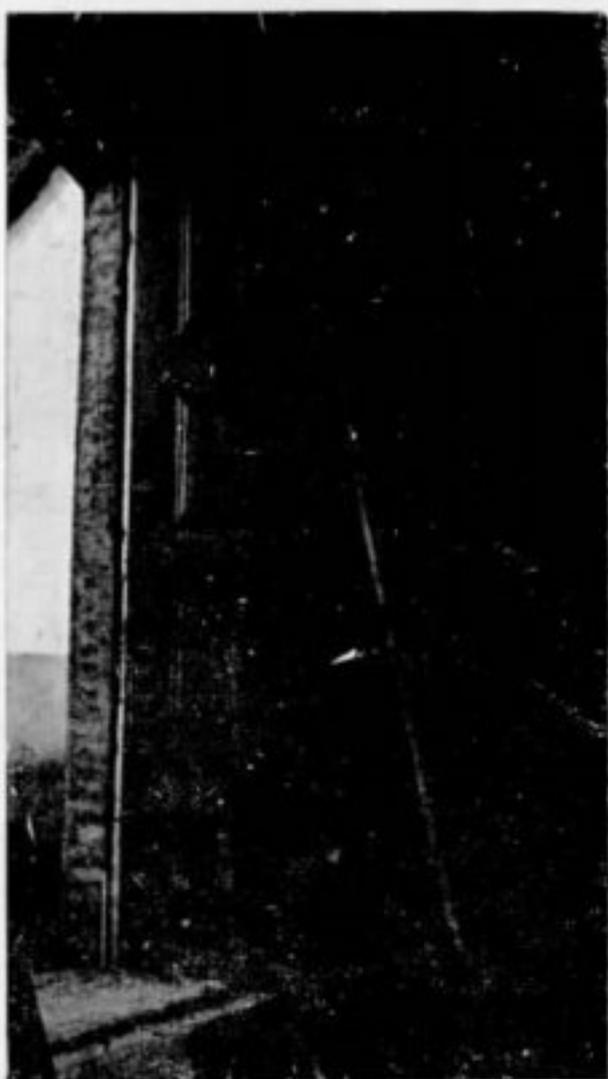
Vão bem adiantados os serviços dessa capela. Já se executou o assentamento de novo engradamento no corpo e sacristia, e emboçado o telhado. O fôrro da capela-mor foi inteiramente desmontado e novamente instalado. Executa-se a colocação de duas portas travessas, inteiramente restauradas. Restaurado todo o assoalho da capela, substituído por outro igual, em campas. Retira-se a pintura de diversas peças, reaparecendo a primitiva. No adro, fêz-se reaparecer o muro de canga que o contorna, com as entradas guarnecidas de mata-burros de cantaria. Dentro de alguns dias, estarão concluídos os serviços de restauração da parte ao pé da capela, cujo leito foi restabelecido como era. Refeito o calçamento e restabelecida a cortina de cantaria como nas pontes da cidade. Encontrou-se a cruz central enterrada dentro da capela e está sendo preparada para ser reposta.

Ponte do Rosário

Concluídos os trabalhos, voltando todos os elementos da ponte a desempenhar sua função. Fui obrigado a retirar a escôpro a pintura que tinham pôsto na cruz de pedra.



Estado em que se encontrava a porta lateral da Capela do Padre Faria, Ouro Preto.



A mesma porta restaurada pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.



Capela do Padre Faria. Recomposição do telhado pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

Matriz de Antônio Dias

Restauram-se as pias de água-benta, que tinham sido pintadas. Retira-se a pintura da cantaria da escadaria da capela-mor. Vão ser tratados os retábulos de madeira.

O soalho de tôda a igreja acha-se concluído.

Chafariz de Marília

Executa-se o serviço de água com lentidão, pois é preciso captá-la em fonte distante.

Ponte dos Contos

Resolvi assentar uma placa na Ponte dos Contos comemorando sua restauração (*).

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Dr. Barroso. Ouro Preto, 12 de janeiro de 1937.

Solicito resposta sôbre o coroamento do chafariz de Marília, de acôrdo com o que mostra a fotografia ampliada que remeti.

Seu mt.^o obr.^o (a) *Epaminondas de Macedo.*”

(Tratava-se dum coroamento falso que tinha sido no decurso do tempo pôsto no chafariz. A Inspetoria autorizou o encarregado da obra a tirá-lo. Hoje fizeram outro, tão falso quanto o anterior).

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 28 de fevereiro de 1937:

Capela do Padre Faria

Para concluir as obras falta:

Picação do rebôco da área total caiada.

Embôço e rebôco de 392 m².

Recomposição das cimalthas de perímetro.

Caição geral, inclusive o campanário.

Fatura e assentamento da porta principal.

Restauração da pintura a ouro dos altares.

(*) Esta placa que assinalava o serviço realizado pela Inspetoria de Monumentos Nacionais foi misteriosamente retirada...



Cruzeiro da Capela do Padre Faria, Ouro Preto, depois da restauração pela
Inspetoria de Monumentos Nacionais.

Serviços já executados:

Entelhamento com embôço de 22 m².

Encaibramento e ripamento do telhado do corpo e da sacristia.

Substituição das tesouras.

Cobertura da sacristia e anexo.

Raspagem da caiação anterior e da pintura que escondia o ouro.

Repregagem do fôrro da nave e da capela-mor.

Fatura e assentamento das portas laterais.

Assoalho de campas em tôda a capela.

Serviços fora do orçamento:

Proteção de todo o adro com muro de canga.

Descoberta dos antigos mata-burros de cantaria.

Desatêrro da ponte.

Recomposição do soalho do côro.

Diante da observação que fiz no arraial de Lavras Novas, na igreja de N. S. dos Prazeres, verifiquei um pormenor da construção que também existe na capela do Padre Faria, que se acha escondido por uma coberta entelhada: o acesso do púlpito por uma escada de cantaria exposta. Diante dessa verificação, procedi à demolição dêsse puxado e pús em relêvo um elemento de grande efeito da capela.

Os serviços da mesma estarão concluídos em fins de março.

Igreja de S. Francisco de Assis

Sòmente hoje (!!) consegui terminar a demolição do cemitério e mausoléu construídos recentemente entre a igreja e o cemitério velho. Dei ao tempo o encargo dessa medida que o Sr. determinou. Só mesmo grande dose de boa vontade poderia resolver tal situação sem grave conflito. Iniciei a construção do muro em todo o fundo, para, unido ao existente, dar ao templo seu aspecto primitivo. Já se acham concluídos os trabalhos de retirada da tinta moderna em três retábulos da capela-mor. A êste propósito, lembro um possível entendimento com o pintor Washt Rodrigues para a restauração da pintura dessas peças. Já foram restaurados os ornatos do pórtico.

Altar-mor da Capela do Padre Faria, restaurado pela inspetoria de Monumentos Nacionais.



Capela do Padre Faria, Ouro Preto, restaurada pela Inspeção de Monumentos Nacionais. O lindo frontispício barroco existia antes da restauração e foi mantido. Mais tarde, o Serviço do Patrimônio o deitou abaixo, de maneira que a fachada atual é coroada pelas duas abas do telhado.

Chafariz da Rua da Glória

As obras de restauração são de grande vulto, bem diferente do que supús, pois o abastecimento de água está sendo executado a 1.200 m. da cidade, por não haver local mais perto. Os trabalhos de canteiro estão concluídos, restando o calçamento da área e o assentamento do tanque.

Chafariz da praça Tiradentes

Concluídos os serviços de restauração dos outros chafarizes, dei comêço ao dêste, que deverá ficar pronto até o princípio do mês vindouro. Se bem que reconheça ser o seu abastecimento de água assunto de importância, pretendo tê-lo terminado, com os outros, na Semana Santa.

Capela de N. S. da Piedade

Já dei início à proteção do corpo da capela.

Obras nos chafarizes

A parte do plano de obras referente aos chafarizes que resta a executar é a seguinte:

Águas Férreas	—	1:951\$000
Rua das Lajes	—	1:414\$200
Alto do Padre Faria	—	1:959\$250
Rosário	—	1:277\$960
Jardim Botânico	—	2:092\$500
Alto das Cabeças	—	1:000\$000
Rua das Cabeças	—	1:141\$000
Descida das Cabeças	—	966\$500
Largo do Ginásio	—	1:227\$600
Total		<hr/> 12:810\$810



Aspecto atual da capela do Padre Faria. O frontispício barroco existente na mesma, que a Inspetoria de Monumentos Nacionais encontrou e conservou, foi retirado pelo Serviço de Patrimônio Artístico e Histórico, posteriormente.

Os orçamentos estão feitos com largueza por isso que é difícil identificar *a priori* o estado anterior, pode surgir a necessidade de emprêgo de material igual ao que neles existe, o abastecimento de água às vêzes sai bastante caro pela distância das canalizações e se deve quase sempre ambientar as construções, o que obriga a obras anexas. Daí as diferenças que já houve nos orçamentos anteriores:

<i>Chafariz</i>	<i>Orçamento</i>	<i>Execução</i>	<i>Diferença</i>
Contos	3:128\$550	5:200\$000	2:071\$450
Cavalos	1:513\$200	1:513\$200	—
Passo de Ant. ^o Dias	2:430\$000	4:600\$000	2:170\$000
Marília	3:147\$704	3:200\$000	652\$296
Rua do Barão	2:052\$500	2:052\$500	—
Praça Tiradentes ..	647\$700	1:647\$700	1:000\$000
Rua da Glória	1:578\$075	3:300\$000	1:721\$925
Totais	14:497\$729	22:113\$400	7:615\$671

Sôbre as pontes, das oito orçadas e relacionadas no plano, restauraram-se completamente quatro, as de maior valor e que mais pediam salvamento. Esse o critério para cuidar delas. Também as despesas subiram por causa do material que se foi buscar a cinco léguas de distância, o que obrigou até a construir pequeno trecho de estrada de rodagem, a fim do camião alcançar o lugar onde os carros de bois depunham as lajes.

Pontes a serem restauradas:

Ouro Preto	3:738\$855
Antônio Dias	4:791\$250
Encardideira	1:736\$000
Henrique Lopes	1:999\$000
Total	12:265\$105

Destas as de Antônio Dias e Ouro Preto são as que devem ser logo atacadas. Nesta não pude começar o serviço já porque o proprietário do terreno ao lado construiu, entestando nela, um muro de tijolo, que é preciso demolir. A Prefeitura incumbiu-se disso. Estão sendo executadas as três *belas* para ornamentar-lhe as entradas.

Houve a seguinte diferença no orçamento das pontes concluídas pelas mesmas razões dos chafarizes:

<i>Pontes</i>	<i>Orçamento</i>	<i>Execução</i>	<i>Diferença</i>
Rosário	5:098\$500	5:098\$500	—
Barra	4:404\$500	4:404\$500	—
Contos	3:226\$000	17:200\$000	13:974\$000
Padre Faria	3:790\$340	3:790\$340	—
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Totais	16:519\$340	30:493\$340	13:974\$000

Com referência às igrejas e capelas, o plano consignava trabalhos de restauro no Carmo e Conceição de Antônio Dias. Em ambos êsses templos, a ação do Museu Histórico fez-se sentir de modo relevante, gastando-se mais do que fôra orçado, não só pelo estado de péssima conservação em que se achavam, como porque as Irmandades, à última hora, faltaram aos compromissos assumidos, alegando não terem dinheiro e deixando à Inspeção de Monumentos tôdas as despesas.

Serão custeadas pela dotação orçamentária do exercício corrente as obras da matriz do Pilar, orçadas em 15 contos, as das Mercês, os serviços prometidos à igreja do Rosário e a restauração em Mariana do chafariz ao lado do paço do Conde de Assumar, como determinastes.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 22 de março de 1937.

Recebi sua carta expressa confirmando nossa conversa pelo telefone.

Diante das chuvas que têm caído nestes dias o serviço de água para os chafarizes tem sido sacrificado. Tive de ir buscar manilhas em Mariana, pois aqui não existem. Irei buscar mais em Crockatt. A Semana Santa também fará demorar os trabalhos.

Pretendo ir depois ao Rio. Avisarei.

Saudações. (a) *Epaminondas de Macedo.*”

“Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional.

Relatório em 25 de julho de 1937.

Por conta da dotação dêste ano pouco teremos ainda que fazer: conclusão das obras nas capelas do Padre Faria e da Piedade; defesa dos tetos das de São João e Sant’Ana; compra de cerca de 20 contos de material para as obras da matriz do Pilar, de modo que para ultimá-las só se precisa de mão de obra.

Dentro de um mês irei ao Rio prestar-lhe contas minuciosas de tudo.

Saudações, (a) *Epaminondas de Macedo.*”

*

* *

Eis aí o que, em menos de três anos, pôde a Inspeção de Monumentos Nacionais fazer em prol da abandonada cidade de Ouro Preto. Fê-lo sem alarde, ratinando as despesas e procurando acertar. É possível que tenha cometido alguns êfros. Se assim foi, não os perpetrôu com má intenção.

Em 1937, já estava criado o órgão que a devia substituir com amplitude de quadros, de vencimentos e de verbas. A Inspeção continuou, no entanto, seu trabalho até o fim do ano, visto como êsse órgão ainda não estava em condições de começar a sua atuação. Em 1938, ela desapareceu e sòmente agora resolveu a Direção do Museu dar publicidade ao seu documentário.



Igreja das Mercês de Baixo de Ouro Preto, depois das obras realizadas pela
Inspetoria de Monumentos Nacionais.

O QUE DIZ O GUIA DE OURO PRETO

No “Guia de Ouro Preto”, organizado, publicado e distribuído pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que sucedeu à Inspetoria de Monumentos Nacionais dirigida pelo Museu Histórico Nacional, lêem-se as seguintes notícias sobre os monumentos ouropretanos:

Nossa Senhora da Piedade: “Em 1937, a Inspetoria de Monumentos Nacionais executou obras de conservação, as quais foram dirigidas pelo Engenheiro Epaminondas de Macedo.”

Capela do Padre Faria: “Restaurada em 1936-1937 pela Inspetoria de Monumentos Nacionais, sob a direção do Engenheiro Epaminondas de Macedo.”

Matriz de Antônio Dias: “De 1935 a 1936 foram executados novos trabalhos de reparação e restauração parcial, por conta da Inspetoria de Monumentos Nacionais e sob a direção de Epaminondas de Macedo.”

Nossa Senhora do Carmo: “Restaurada em 1935-1936 pela Inspetoria de Monumentos Nacionais, sob a direção do Engenheiro Epaminondas de Macedo.”

Nossa Senhora do Rosário: “Os bancos foram desenhados pelo pintor paulista J. Washt Rodrigues... Em 1936, foram executadas benfeitorias por conta da Inspetoria de Monumentos Nacionais, baseadas em projeto de J. Washt Rodrigues.”

São Francisco de Assis: “Restaurada em 1937 pelo Engenheiro Epaminondas de Macedo, por iniciativa da Inspetoria de Monumentos Nacionais.”

Casa dos Contos: “Restaurada em 1934-1935 pelo Departamento de Correios e Telégrafos, sob a direção do Engenheiro Epaminondas de Macedo.”

Chafariz da Glória: “Recomposto e restaurado em 1937 pela Inspetoria de Monumentos Nacionais sob a direção do Engenheiro Epaminondas de Macedo.”

Chafariz do Passo de Antônio Dias: “Em 1936, sob a direção de Epaminondas de Macedo e por conta da Inspetoria

de Monumentos Nacionais, foram executadas obras de restauração e restabelecimento do serviço primitivo de água.”

Chafariz de Ouro Branco: “Em 1936-1937, executaram-se obras idênticas à do anterior, dirigidas pelo mesmo Engenheiro.”

Chafariz dos Cavalos: “Restaurado em 1937 pela Inspeção de Monumentos Nacionais sob a direção do Engenheiro Epaminondas de Macedo.”

Chafariz do Largo de Marília: “Restaurado em 1935-1936, com restabelecimento do antigo serviço de abastecimento de água, pela Inspeção de Monumentos Nacionais sob a direção de Epaminondas de Macedo.”

Chafariz dos Contos: “Restaurado em 1935-1936, com restabelecimento do tanque para cavalos provido de poiais e do antigo calçamento em frente, pela Inspeção de Monumentos Nacionais, sob a direção do Engenheiro Epaminondas de Macedo.”

Ponte do Rosário: “Em 1936-1937, foi restaurada pela Inspeção de Monumentos Nacionais sob a direção do Engenheiro Epaminondas de Macedo.”

Ponte da Barra: “Em 1936, foram executados pela Inspeção de Monumentos Nacionais, sob a direção de Epaminondas de Macedo, trabalhos de recomposição e reparação.”
tradição. Seus pontos de vista foram expostos na seguinte

Ponte dos Contos: “Restaurada em sua feição primitiva pela Inspeção de Monumentos Nacionais, sob a direção do Engenheiro Epaminondas de Macedo, em 1935-1937.”

Essas notícias, apesar de incompletas e de atribuírem somente ao Engenheiro Epaminondas de Macedo, sem nenhuma referência a quem de fato planejara e dirigira as obras, confirmam o vulto dos trabalhos realizados pela Inspeção de Monumentos, dirigida pelo Dr. Gustavo Barroso e fruto unicamente dos seus esforços pessoais, o que esta exaustiva documentação comprova de modo cabal e definitivo.

DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA — ESCOLA MILITAR — BATALHÃO DE GUARDAS

Foi o Sr. Gustavo Barroso, Diretor do Museu Histórico Nacional, quem, quando Deputado Federal na legislatura de

1915-1918, lançou em artigos nos jornais e revistas, numa conferência realizada no Clube Militar e em discursos na Câmara a idéia do restabelecimento dos nossos uniformes tradicionais. Apresentou para isso um projeto de lei, dando a denominação de Dragões da Independência ao 1.º Regimento de Cavalaria do Exército e estabelecendo para o mesmo, com as necessárias modificações, o uniforme, da antiga Guarda de Honra do Imperador D. Pedro I. O assunto agitou a opinião pública através da imprensa, defendido por uns e atacado por outros. A Câmara dos Deputados aprovou o projeto depois de longas discussões a respeito; mas o Senado o deitou abaixo.

Em 1926, porém, no Governo do Presidente Artur Bernardes, o Ministro da Guerra, Marechal Setembrino de Carvalho, criou êsse uniforme tradicional e deu ao 1.º Regimento de Cavalaria o título de Dragões da Independência. Com êsse título e êsse uniforme, desfilou o secular Regimento na parada de 7 de Setembro daquele ano sob o comando do então coronel Euclides de Figueiredo, causando a melhor impressão.

Foi êsse o ponto de partida no Brasil republicano para a restauração de nossas tradições militares. Quando comandou a Escola Militar, o General José Pessoa conseguiu dotá-la de seu belo uniforme que relembra o da antiga e gloriosa infantaria do Segundo Reinado. Mais tarde, o Batalhão de Guardas recebeu também um uniforme tradicional que recorda o da época da Regência e do fim do Primeiro Reinado.

Para a confecção de todos êsses uniformes, forneceu o Museu Histórico os elementos indispensáveis existentes em suas coleções: planos, desenhos, sabres, capacetes, penachos, barretinas, fardas, emblemas, peças de correame e tudo quanto se fazia mister para reviver essas tradições.

COLABORAÇÃO COM OS MINISTÉRIOS DA GUERRA E DA EDUCAÇÃO

Tem sido sempre constante e proveitosa a colaboração do Museu Histórico com os Ministérios da Guerra e da Educação



Aspecto da pedreira do Itacolomi, de onde se tiraram pedras para as obras de Ouro Preto.



Pedreira do Itacolomi. Restos de pedras e cantos dos tempos coloniais.



Pedreira do Itacolomi. Vêem-se os cantos de pedra ali deixados nos tempos coloniais.

para as comemorações das grandes datas históricas e das grandes tradições do Brasil, bem como das festividades patrióticas.

Forneceu o Museu Histórico ao Ministério da Guerra os modelos das bandeiras históricas destinadas a figurar em nossas paradas militares, bem como os necessários à fundição de bustos e estátuas dos nossos grandes vultos militares: Andrade Neves, Pôrto Alegre, Floriano Peixoto, Deodoro da Fonseca e Marechal Hermes. Sob seus auspícios realizou uma exposição comemorativa de Caxias no centenário da Revolução Liberal de 1842 e outra a propósito do cinquentenário da Proclamação da República.

Sob a égide do Ministério da Educação, a Diretoria do Museu preparou e realizou a Exposição Histórica do Centenário da Abdicação de D. Pedro I, em 1931, e a Exposição Histórica do Brasil nas Comemorações Centenárias de Portugal, em 1940. Esta exposição se realizou em salões especiais do Pavilhão dos Portuguezes no Mundo, com um catálogo ilustrado e comentado, constando de móveis, quadros, moedas e armas.

Para o Ministério da Educação, por determinação do Ministro Gustavo Capanema, preparou ainda a Diretoria do Museu um projeto de Calendário Patriótico, de estandarte e de símbolos para a Juventude Brasileira.

MUSEU IMPERIAL

Por determinação do Presidente Getúlio Vargas, o Diretor do Museu Histórico fez o projeto de Decreto da criação do Museu Imperial, em Petrópolis, e o seu Regulamento, que foram devidamente aprovados e expedidos. O convite do Sr. Presidente da República ao Dr. Gustavo Barroso para efetuar êsses trabalhos foi dirigido por intermédio do Dr. Mário Cardoso de Miranda, que, em resposta a uma carta do Diretor do Museu, lhe escreveu a 13 de agosto de 1946 o seguinte:

“Meu caro Gustavo Barroso. Peço que me desculpe a demora desta resposta, pois ando às voltas com sérias preocupações. Lembro-me perfeitamente dos fatos rememorados

na carta do meu amigo, ocorridos em 1939, quando eu era Secretário do Interior e Justiça do Estado do Rio e o procurei, em nome do Presidente e do Interventor, solicitando os seus préstimos na orientação das providências a serem tomadas para a criação do Museu Imperial, e de como o meu amigo se prontificou a ir várias vezes a Petrópolis — como de fato o fez, em carro oficial pôsto à sua disposição — para entendimentos pessoais com aquelas autoridades, inspeção do Palácio Imperial e sugestões sôbre o seu aproveitamento. O meu amigo teve também, então, a gentileza de mostrar-me os projetos de Decreto e Regulamento que elaborara a pedido do Presidente. Com os protestos de cordial aprêço do seu amigo e admirador. Petrópolis, 13 de agosto de 1946. (a) *Mário Cardoso de Miranda.*”

EXPOSIÇÕES NO ESTRANGEIRO

Com outros Ministérios, especialmente o do Trabalho, Indústria e Comércio, colaborou a Diretoria do Museu Histórico para o êxito de exposições fora do país, sobretudo a da Feira Mundial de Nova Iorque, fornecendo elementos históricos elucidativos, sugestões e até objetos que nelas figuraram, como está definitivamente comprovado em inúmeros ofícios de solicitação e agradecimento existentes nos arquivos do Museu Histórico Nacional e que seria por demais enfadonho transcrever.

OS SÍMBOLOS NACIONAIS

Por portaria do Ministro Gustavo Capanema, de 30 de outubro de 1939, foi o Diretor do Museu Histórico designado para integrar, com o Major Barbosa Leite, a comissão interministerial, “incumbida de estudar e propôr o processo da feitura da Bandeira Nacional”. Essa comissão que incluía representantes de outros Ministérios refundiu e estatuiu a espécie e o uso de todos os símbolos da Nação Brasileira: bandeira, brasão e sinetes, sendo obra inteiramente sua a atual legislação sôbre o assunto.



Pedreira do Itacolomi. Cantos de pedra trabalhados nos tempos coloniais e ali abandonados.



Pedreira do Itacolomi. As pedras já postas em lugar acessível aos caminhões, para as restaurações de Ouro Preto.

O TOMBAMENTO DE DIAMANTINA

O Ministro de Estado da Educação e Saúde, em portaria de 23 de julho de 1942, designou o Dr. Gustavo Barroso para, com o Diretor do Museu Imperial, Dr. Alcindo Sodr e, e o Técnico de Educa o, Dr. Paulo de Assis Ribeiro, dando ao primeiro a Presidência dos trabalhos, apurarem tôdas as irregularidades denunciadas ao Ministério sôbre o "tombamento do conjunto arquitet nico e urbanístico da cidade de Diamantina", em Minas Gerais.

ORDEM DO MÉRITO CIVIL

Em 1942, por solicita o do Ministro Gustavo Capanema, o Diretor do Museu Histórico redigiu para ser entregue ao Sr. Presidente da República, o seguinte projeto de cria o duma Ordem do Mérito Civil:

DECRETO

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Considerando a necessidade e conveniência da institui o duma Ordem Nacional destinada a galardoar os brasileiros que se tenham tornado dignos, pelos seus atos, da gratidão do Govêrno da República;

Considerando que, tendo sido criadas para galardão de serviços militares as Ordens Nacionais do Mérito Militar e do Mérito Naval, e, para premiar serviços de estrangeiros, restabelecida a do Cruzeiro, não seria justo deixar sem recompensa o mérito dos civis;

Considerando o valor que, em tôdas as Na es cultas, se d  a êsse modo tradicional de distinguir e recompensar os serviços e virtudes eminentes dos cidadãos;

RESOLVE:

Art. 1.  — Fica criada a Ordem Nacional do Mérito Civil.

Art. 2.  — Esta Ordem será concedida aos cidadãos brasileiros que tenham prestado notáveis serviços ao país ou se distinguido no exercício de suas atividades e profissões.

Art. 3.  — A Ordem Nacional do Mérito Civil constará de cinco graus hierárquicos: Grã-Cruz, Grande Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro, sendo suas insígnias as dos

desenhos anexos ao Regulamento a ser baixado em virtude d'êste Decreto.

Art. 4.^o — As nomeações para a Ordem Nacional do Mérito Civil serão feitas por Decreto, mediante proposta do Ministro de Estado do Interior e Justiça ao respectivo Conselho, correndo por êsse Ministério o expediente e a entrega de diplomas e insígnias.

Art. 5.^o — Revogam-se as disposições em contrário.

REGULAMENTO DA ORDEM NACIONAL DO MÉRITO CIVIL

Art. 1.^o — A Ordem Nacional do Mérito Civil, criada pelo Decreto n.^o, com o fim de galardoar os serviços dos cidadãos brasileiros que se tenham tornado dignos do reconhecimento da Nação, constará dos seguintes graus:

- a) Grã-Cruz;
- b) Grande Oficial;
- c) Comendador;
- d) Oficial;
- e) Cavaleiro.

Art. 2.^o — A insígnia da Ordem será uma estrêla de cinco pontas, esmaltada de branco, encimada por uma grinalda de louro e assentada sôbre uma coroa de fôlhas de fumo e café. No centro, num círculo de ouro, filetado de azul, a cruz heráldica de Cristo, em verde, símbolo dado ao Brasil no século XVII, quando elevado a Principado. No reverso, a efígie da República em ouro, num círculo verde filetado de ouro. A fita da Ordem será verde, com um friso amarelo no centro e bordos azuis.

Art. 3.^o — Os Grã-Cruzes usarão faixa passada a tiracolo da direita para a esquerda, da qual penderá a insígnia da Ordem, e placa dourada da mesma, do lado esquerdo do peito. Os Grandes Officiais usarão a insígnia pendente da fita ao pescoço e placa prateada do lado direito do peito. Os Comendadores usarão a insígnia em fita pendente do pescoço. Os Officiais a usarão do lado esquerdo do peito, com uma roseta sôbre a fita, montada a insígnia em ouro. Os Cavalei-

ros usarão a mesma insígnia na mesma colocação, porém montada em prata e a fita sem roseta .

§ único. — Todos os agraciados poderão usar na lapela rosetas ou fitas da Ordem, segundo seus graus e os modelos anexos a êste Regulamento.

Art. 4.º — O Chefe do Estado e o Ministro do Interior e Justiça serão, respectivamente, o Grão Mestre e o Chanceler da Ordem.

Art. 5.º — As nomeações serão feitas por Decreto do Chefe do Estado, na qualidade de Grão Mestre, mediante proposta do Ministro do Interior e Justiça, aprovada pelo Conselho da Ordem.

Art. 6.º — Os Decretos de nomeação serão referendados pelo Ministro do Interior e Justiça, como Chanceler da Ordem, e os diplomas expedidos em virtude dos mesmos Decretos serão por êle assinados.

Art. 7.º — Os agraciados, quando forem Grã-Cruzes e Grandes Officiais, receberão as insígnias das mãos do Chefe do Estado, no Palácio da Presidência, em presença do Ministro do Interior e Justiça e da Casa Civil da Presidência da República; nos outros graus, recebê-las-ão no Ministério do Interior e Justiça, das mãos do titular da pasta e em presença dos membros de seu gabinete.

Art. 8.º — O Conselho da Ordem compôr-se-á do Chefe do Estado, Ministros do Interior e Justiça e Educação e Saúde, dois Grã-Cruzes dos mais antigos e dois altos funcionários da União, um dos quais desempenhará as funções de Secretário e outro de Oficial de Registo, os quatro últimos escolhidos e nomeados pelo Presidente da República.

Art. 9.º — Compete ao Conselho da Ordem

- a) estudar as propostas que lhe forem apresentadas;
- b) aprová-las ou recusá-las;
- c) velar pela fiel execução do presente Regulamento;
- d) manter o prestígio da Ordem;
- e) propor as medidas que se tornarem necessárias ao bom desempenho de suas funções;
- f) organizar o regimento interno dos seus trabalhos e propor as leis ou medidas que se tornarem imprescindíveis;



Pedreira do Itacolomi. Os bois arrastam as pedras abandonadas desde os tempos coloniais para as encostas da Inspeção de Monumentos Nacionais, em Ouro Preto. No 1.º plano, empunhando a vara de ferrão, o Engenheiro Epaminondas Maceda.



Pedreira do Itacolomi. Os bois arrastam as pedras na aba da serra.

g) suspender ou cancelar o direito ao uso das insígnias por qualquer ato incompatível com a dignidade da Ordem.

Art. 10 — Compete ao Secretário:

- a) convocar reuniões do Conselho mediante ordem do Ministro do Interior e Justiça;
- b) manter em dia a correspondência do mesmo;
- c) lavrar as atas das reuniões.

Art. 11 — Compete ao Oficial de Registo:

- a) auxiliar o Secretário em seus trabalhos ou substituí-lo nos seus impedimentos;
- b) manter em dia o arquivo e o registo da Ordem.

Art. 12 — As propostas para a Ordem sòmente poderão ser apresentadas ao Conselho pelas seguintes pessoas:

- a) Membros do Conselho;
- b) Ministros de Estado;
- c) Presidentes dos Supremos Tribunais de Justiça;
- d) Presidentes dos Corpos Legislativos Federais.

Art. 13 — Das propostas deverão constar:

- a) nome do candidato;
- b) profissão e fé de ofício;
- c) dados biográficos;
- d) enumeração minuciosa dos serviços prestados;
- e) grau das condecorações nacionais ou estrangeiras que possuir;
- f) títulos e diplomas;
- g) nome do proponente ou dos proponentes.

Art. 14 — O Conselho da Ordem terá um livro de Registo, numerado e rubricado pelo Secretário, no qual serão inscritos, por ordem cronológica, os nomes de todos os agraciados, com a indicação do seu grau e de suas promoções, bem como todos os dados a seu respeito.

Art. 15 — O Conselho da Ordem terá sua sede no Ministério do Interior e Justiça.

REGULAMENTO DO MUSEU DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A pedido, feito em ofício pelo Exmo. Sr. Secretário da Educação do Distrito Federal, Coronel Jonas Correia, o Diretor do Museu Histórico organizou o seguinte projeto para o Museu da Cidade do Rio de Janeiro:

CAPÍTULO I

Da Finalidade

Art. 1.º — O Museu da Cidade do Rio de Janeiro, dependente do Departamento de História e Documentação, tem por finalidade:

a) Recolher, classificar, conservar, ordenar e expor objetos, relíquias, mapas e documentos de valor histórico, artístico e técnico relativos à história da cidade do Rio de Janeiro, suas grandes individualidades e acontecimentos notáveis.

b) Concorrer por meio de estudos, pesquisas, cursos, publicações e exposições comemorativas para o conhecimento da história da cidade, seus grandes vultos e fatos memoráveis.

c) Organizar, com cunho absolutamente didático, o Museu Central Escolar, a fim de auxiliar o público e especialmente os escolares na aquisição dos conhecimentos relativos às ciências naturais.

d) Funcionar nesses dois sentidos como elemento de ampla difusão cultural.

CAPÍTULO II

Da Organização

Art. 2.º — O Museu da Cidade compor-se-á de três Seções:

I — Histórica.

II — Escolar.

III — Técnica.

Art. 3.º — A Seção Histórica dividir-se-á da seguinte maneira:

- 1.^a parte — O Rio de Janeiro no século XVI.
- 2.^a parte — O Rio de Janeiro no século XVII.
- 3.^a parte — O Rio de Janeiro no século XVIII.
- 4.^a parte — O Rio de Janeiro no século XIX.
- 5.^a parte — O Rio de Janeiro no século XX.

§ único — Cada uma dessas partes constará dum diorama que mostre com exatidão como era a cidade na época e de tôdas as relíquias e documentos de qualquer natureza referentes aos fatos e vultos da mesma. A disposição cronológica dessas mostras permitirá aos visitantes acompanharem a evolução da capital do Brasil e aprenderem pela simples visão a sua história, com a maior facilidade.

§ único — Cada uma dessas partes constará dum diorama de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Etnografia.

§ único — As coleções dêsse museu montado obedecerão a um cunho inteiramente didático, devendo ser acompanhadas de mapas murais, gráficos, desenhos e etiquetas elucidativos. Far-se-ão ressaltar no mesmo os elementos relativos ao Distrito Federal.

Art. 5.^o — A Seção Técnica constituir-se-á de:

- 1 — Biblioteca especializada sôbre a história da cidade e as ciências naturais.
- 2 — Oficina de restauração de objetos.
- 3 — Laboratório de ciências naturais.
- 4 — Oficina de montagem e classificação de espécimes naturais.

CAPÍTULO III

Da Constituição do Pessoal

Art. 6.^o — O pessoal do Museu da Cidade terá a seguinte constituição:

- 1 Diretor.
- 1 Secretário.
- 1 Oficial Administrativo.
- 1 Arquivista.

- 1 Bibliotecário.
- 1 Desenhista.
- 2 Dactilógrafos.
- 3 Conservadores Chefes de Seção.
- 1 Naturalista Chefe de seção.
- 5 Conservadores da Seção Histórica.
- 5 Zeladores, idem.
- 4 Naturalistas da Seção Escolar.
- 4 Zeladores, idem.
- 1 Técnico em restauração.
- 1 Técnico em Laboratório.
- 1 Técnico em montagem.
- 1 Chefe de Portaria.
- 1 Ajudante da Portaria.

Os guardas e serventes necessários.

Art. 7.º — O Diretor será de livre escolha do Prefeito do Distrito Federal.

Art. 8.º — O Secretário, os Conservadores Chefes da Seção Histórica e Técnica e os Conservadores da Seção Histórica deverão ser diplomados pelo Curso de Museus do Museu Histórico Nacional.

Art. 9.º — O Naturalista Chefe e os Naturalistas da Seção Escolar deverão ser diplomados pelo Instituto de Educação.

Art. 10. — Os guardas e serventes deverão ser distribuídos de maneira que pelo menos dois sirvam a cada sala de exposição.

§ único — Haverá dois turnos de guardas para a fiscalização noturna.

CAPÍTULO IV

Da Secretaria.

Art. 11 — A Secretaria compete coordenar e executar todos os trabalhos do Museu da Cidade, assim agrupados:

- I — Administrativos.
- II — Técnicos.

Art. 12 — Os trabalhos administrativos compreendem:

- a) Escrituração contábil e dos livros necessários à administração.
- b) Fornecimento de certidões, documentos e cópias.
- c) Propaganda e preparo de publicações.
- d) Fiscalização do ponto dos funcionários e de tôdas as atividades do Museu.
- e) Reparação permanente do edifício e dos mostruários.
- f) Guarda, distribuição e conservação do material permanente e de consumo.
- g) Limpeza e conservação do edifício, mostruários e objetos.
- h) Serviços da portaria.
- i) Serviços de jardinagem.

Art. 13. — Os trabalhos técnicos compreendem:

- a) Recebimento de objetos adquiridos e doados.
- b) Distribuição dos mesmos pelas várias seções e partes do Museu.
- c) Determinação das restaurações e montagens.

CAPÍTULO V

Das Atribuições dos Funcionários

Art. 14 — Ao Diretor incumbe:

- a) Dirigir e coordenar as atividades do Museu, e representá-lo em suas relações externas;
- b) Conceder autorização para fotografar ou copiar por qualquer processo objetos e documentos do Museu, desde que disso não resulte dano ou inconveniente algum;
- c) Determinar a saída ou impedir o ingresso das pessoas suspeitas ou que se portarem de modo inconveniente;
- d) Autorizar permutas de duplicatas desnecessárias e de objetos ou documentos que não interessam diretamente ao Museu;
- e) permitir que objetos e documentos de reconhecida importância histórica ou artística, pertencentes a outras instituições ou a particulares, sejam expostos ou guardados no Museu.

f) Fazer a distribuição interna do pessoal.
g) Aprovar as escalas de plantões, folgas e férias;
h) Aplicar penalidades aos funcionários, inclusive a de suspensão até 30 dias, representando ao Diretor do Departamento de História e Documentação, quando a punição merecida fôr maior.

i) Apresentar ao Secretário da Educação anualmente, até o dia 15 de janeiro, o relatório dos serviços do Museu durante o ano anterior.

j) Resolver, dentro das normas e legislação em vigor, tôdas as questões e papéis que digam respeito às atividades do Museu.

Art. 15 — Ao Secretário incumbe:

a) Dirigir, examinar, fiscalizar e promover a execução dos trabalhos que couberem à Secretaria.

b) Atender às consultas e pedidos de informação.

c) Propor ao Diretor as medidas que julgar convenientes aos trabalhos da Secretaria.

d) Apresentar ao Diretor, até 15 de dezembro, o relatório anual dos serviços a seu cargo.

e) Organizar as escalas de plantações, folgas e férias.

f) Encerrar o ponto do pessoal.

g) Dirigir os serviços de contabilidade a cargo do Oficial Administrativo.

h) Receber e encaminhar os objetos e documentos adquiridos ou ofertados ao Museu.

Art. 16 — Aos Chefes de Seção incumbe:

a) Dirigir a execução dos trabalhos de inventário, arrumação, etiquetagem, catalogação e fichário dos objetos e documentação, cooperando nêles de acôrdo com os preceitos técnicos.

b) Superintender os trabalhos do laboratório e das oficinas.

c) Atender às consultas dos visitantes, prestando os esclarecimentos precisos sôbre os objetos e documentos expostos.

d) Dar serviço de plantão nos domingos e feriados, de acôrdo com a escala organizada pela Secretaria.

e) Apresentar ao Diretor um relatório anual das atividades da seção a seu cargo.

Art. 17 — Aos Conservadores incumbe:

a) Executar os trabalhos de inventário, arrumação, etiquetagem, catalogação e fichário dos objetos e documentos.

b) Dirigir e fiscalizar os serviços de limpeza, arejamento e conservação das salas de exposição a seu cargo.

c) Ministras explicações sobre os objetos expostos aos visitantes ou aos grupos de alunos dos estabelecimentos de ensino.

d) Velar pela boa ordem nas salas que lhes forem designadas.

Art. 18 — Ao Bibliotecário e ao Arquivista incumbe:

a) Organizar e manter a biblioteca e o arquivo, preparando os respectivos fichários e catálogos.

Art. 19 — Ao Chefe da Portaria incumbe:

a) Abrir e fechar o Museu.

b) Proibir aglomeração na Portaria, dela não se ausentando sem deixar quem o substitua.

c) Receber chapéus e quaisquer outros objetos dos visitantes e consulentes, fornecendo-lhes à entrada fichas numeradas, que permitirão computar o número de visitas e verificar se saíram todos os que entraram.

d) Não consentir que saiam livros, embrulhos e quaisquer objetos sem ordem da Diretoria ou da Secretaria.

e) Dirigir os trabalhos de asseio das salas e dependências.

f) Propor mensalmente o quadro estatístico dos visitantes e consulentes.

g) Receber e encaminhar à Secretaria todo o material proveniente de fora do Museu.

Art. 20 — Ao Ajudante da Portaria incumbe:

a) Substituir o Chefe da Portaria em todos os impedimentos, ausências e folgas.

Art. 21 — Aos Zeladores incumbe:

a) Zelar pela limpeza, vigilância e conservação dos mostruários, objetos e mobiliário.

b) Auxiliar a arrumação.

Art. 22 — Aos Técnicos e ao Desenhista incumbe:

a) Realizar os trabalhos de sua especialidade que lhe forem distribuídos pelo Chefe da referida seção.

Art. 23 — Aos guardas incumbe:

a) Fazer a vigilância das salas de exposição e dos mostruários, no sentido de resguardá-las contra furtos, roubos e acidentes, de dia ou de noite, conforme os turnos de serviços.

Art. 24 — Aos Serventes incumbe:

a) Executar a limpeza das salas, dependências, mostruários e objetos.

b) Executar os trabalhos determinados pelo Chefe da Portaria.

c) Auxiliar a fiscalização dos Guardas, sendo preciso.

d) Auxiliar os técnicos nos laboratórios e oficinas em que forem lotados.

CAPÍTULO VI

Dos Trabalhos Técnicos

Art. 25 — Os trabalhos técnicos do Museu devem ser classificados e executados dentro das seguintes normas:

A — Trabalhos de arrumação, obedecendo a:

1) — Aumento de espaço sempre que fôr possível.

2) — Aumento das coleções somente com peças de alto valor, indispensáveis ao complemento de séries já existentes.

3) — Guarda à parte dos objetos de menor valor, dignos de estudo.

4) — Obtenção do máximo efeito estético na exposição dos objetos.

5) — Facilidade de visão e exame pelo público dos objetos e das etiquetas com indicações sucintas e claras.

6) — Proteção dos objetos contra a ação destruidora dos elementos naturais e do tempo.

7) — Evitar a monotonia e a impropriedade e acumulação.

8) — Valorização dos objetos pela escolha conveniente de sua colocação.

9) — Observação dos efeitos de luz, de realce e perspectiva.

10) — Executar reformas lentas e graduais para melhorar a arrumação, de preferência a reformas bruscas e violentas.

B — Trabalhos de catalogação, obedecendo a:

1) — Numeração de inventário e de catálogo em números seguidos e séries.

2) — Etiquetagem com tôdas as indicações resumidas imprescindíveis, inclusive a menção dos doadores.

3) — Descrição e caracterização minuciosa de todos os objetos e documentos em fichas de fácil consulta.

4) — Comentário histórico, artístico e ou biográfico sobre todos os objetos e documentos.

C — Trabalhos de restauração, obedecendo a:

1) — Respeito a tudo quanto se revestir de caráter artístico e histórico.

2) — Utilização de materiais absolutamente adequados.

3) — Indicação clara do que se tiver de ajuntar ao conjunto por necessidade ou disfarce do mesmo, conforme a natureza do caso.

4) — Habilidade e probidade.

5) — Documentação fotográfica do estado do documento ou objetos anterior e posterior à restauração.

CAPÍTULO VII

Do Horário

Art. 26 — Nos dias úteis, o expediente administrativo começará às 11 horas e terminará às 17, exceto aos sábados que terminará 1 hora mais cedo.

Art. 27 — O Chefe de Portaria, os Zeladores, os Guardas e os Serventes ficarão sujeitos ao regime de 8 horas diárias de trabalho, com um dia semanal para descanso.

Art. 28 — O Museu da Cidade estará aberto à visita do público nos domingos e feriados, de 12 às 17 horas.

Art. 29 — Todos os Conservadores estarão sujeitos ao regime de plantões nos domingos e feriados.

Art. 30 — A Secretaria encerrará o expediente nos sábados às 14 horas e não funcionará nos domingos e feriados.

Art. 31 — O funcionário de plantão será responsável pelo que ocorrer no Museu durante o seu horário de serviço.

Art. 32 — Os funcionários a que couber trabalho aos domingos e feriados terão um dia de folga, em compensação, durante a semana.

CAPÍTULO VIII

Das Substituições

Art. 33 — Serão substituídos automaticamente em suas faltas eventuais:

- a) O Diretor pelo Secretário.
- b) O Secretário por funcionário previamente designado pelo Diretor para êsse fim.
- c) O Chefe de Seção pelo Conservador mais antigo da mesma.

CAPÍTULO IX

Das Disposições Gerais

Art. 34 — O Museu da Cidade permanecerá aberto às visitas todos os dias, inclusive domingos e feriados dentro dos horários anteriormente prefixados; salvo nas segundas-feiras, reservadas à limpeza geral e nas grandes datas tradicionais como 25 de Dezembro, 2 de novembro, 1.º de janeiro, carnaval.

Art. 35 — Será permitida a entrada no Museu a tôdas as pessoas convenientemente trajadas, salvo crianças menores de 10 anos de idade, não acompanhadas por um responsável.

Art. 36 — Nenhuma pessoa poderá entrar no Museu sob qualquer pretexto, sem receber a ficha de fiscalização que deverá restituir à saída.

Art. 37 — Os colégios e corporações que visitarem o Museu coletivamente receberão uma única ficha, que será dada ao seu responsável ou guia, anotando-se na estatística o número de seus componentes.

Art. 38 — O Museu da Cidade fornecerá ao público tôdas as facilidades e informações possíveis, despertando nos visitantes e consulentes o interêsse pela história, tradições e evolução do Rio de Janeiro.

Art. 39 — A consulta às obras da biblioteca especializada, aos documentos do arquivo e dos fichários só será facultada nos dias úteis, de 12 às 17 horas, mediante permissão do Diretor.

Art. 40 — O Museu da Cidade promoverá e realizará anualmente conferências e cursos sôbre a história e as tradições do Rio de Janeiro, as quais poderão ficar a cargo dos seus funcionários ou de pessoas estranhas a convite do Diretor.

Art. 41 — O Museu da Cidade permutará informações, publicações e duplicatas com os outros Museus do país, estabelecendo com êles estreitas relações de cooperação cultural.

Art. 42 — Os objetos expostos só poderão ser retirados dos mostruários e examinados com permissão do Diretor, do Secretário e dos Chefes de Seção.

§ 1.º — Não se mostrarão objetos retirados dos mostruários a grupos de pessoas.

§ 2.º — A comparação de objetos estranhos com similares do Museu, por parte de visitantes ou consulentes, só poderá ser feita com licença do Diretor, com sua presença, na do Secretário e dos Chefes de Seção.

§ 3.º — O fichário, os documentos e livros só poderão ser consultados em presença dos funcionários responsáveis por sua guarda.

Art. 43 — Nas fotografias feitas no Museu é absolutamente proibido o uso de substâncias químicas destinadas a produzir luz artificial.

Art. 44 — A cópia de trechos das obras impressas e dos documentos expostos à consulta independe de autorização.

Art. 45 — Os catálogos do Museu serão ilustrados a fotografias e de duas espécies:

I — Descritivo ou guia de visitantes, prático, explícito, com indicações topográficas para a circulação e descrições sucintas dos objetos e salas.

II — Comentado, contendo a documentação completa, técnica e científica, de cada objeto, os fatos e vultos a que esteja ligado, seus característicos e valor.

Art. 46 — Em tôdas as reproduções de objetos e documentos do Museu da Cidade, feitas em livros, revistas e jornais, deve constar a indicação de sua procedência.

Art. 47 — A estatística de visitas, consultas e doações deve ser publicada mensalmente.

Art. 48 — O Museu dará a mais ampla divulgação a todos os atos de sua vida.

Art. 49 — As grandes datas da cidade serão sempre comemoradas pelo Museu.

Art. 50 — Em hipótese alguma, poderão ser cedidos por empréstimo os objetos e documentos do Museu.

Art. 51 — Sendo necessário, os trabalhos de restauração poderão ser confiados a pessoas habilitadas a juízo do Diretor e sob sua imediata vigilância e responsabilidade.

Art. 52 — Será proibido fumar nas salas de exposição.

CAPÍTULO X

Das Disposições Transitórias

Art. 53 — O quadro de funcionários do Museu e a respectiva tabela de vencimentos serão fixados oportunamente em ato especial pelo Prefeito do Distrito Federal.

Art. 54 — Os objetos que fazem parte do atual Museu da Cidade e não correspondem à sua finalidade serão trocados com instituições públicas ou com particulares por outros que se refiram ou liguem à história e à tradição do Rio de Janeiro.

Art. 55 — O Governo Municipal poderá contratar técnicos de reconhecido valor para organizarem o Museu da Cidade até sua instalação e constituição definitivas.

MUSEU DA AERONÁUTICA

A pedido do Ministro da Aeronáutica, a Diretoria do Museu Histórico também organizou um projeto de organização e regulamento do Museu da Aeronáutica.

O CURSO DE MUSEUS

Em 1942, a Diretoria do Museu Histórico bateu-se pela reforma do Curso de Museus, de acôrdo com a experiência e a tradição. Seus pontos de vista foram expostos na seguinte carta, dirigida ao Sr. Diretor da Divisão de Aperfeiçoamento do D. A. S. P.:

Em 22 de março de 1942

Sr. Diretor da Divisão de Aperfeiçoamento

Acuso o recebimento de vossa carta de 16 do corrente acompanhada de uma cópia do projeto de organização do Curso de Museus, para dar meu parecer. Examinei-o detidamente. Acho que a nova organização atenderá na parte administrativa às finalidades do Curso de Museus, que vem funcionando sob a minha direção durante mais de dez anos, com a cooperação dos funcionários que são professôres, sem nenhum provento material a lhes recompensar o esforço durante todo êsse tempo.

Não atenderá *in totum* à parte técnico-didática, em que peço vênha para comentar três pontos. O 1.º é a substituição da palavra *arquitetura* pela *edifícios* no currículo das matérias. *Arquitetura* é uma coisa, *edificação* outra e *edifícios* outra. O que se ensina, em técnica de Museu é o conhecimento dos *estilos arquiteturas* para efeito de classificação técnica de documentos iconográficos em que apareçam formas dos mesmos ou de relíquias provenientes de velhos edifícios. Não é absolutamente a arquitetura no sentido de formar arquitetos. *Arquitetura* é uma generalidade; *edifícios*, uma particularidade. Ensinar *edifícios* não compreendo o que seja. E pergunto: como estabelecer o esquema básico do conhecimento dos estilos arquiteturas — Arquitetura civil, religiosa, militar; Arquitetura grega, romana, românica, bizantina, gótica, barôca, etc. — sob a rubrica *edifícios*? A pessoa que substituiu o termo técnico arquitetura por edifícios não entende patavina do assunto.

Não sei a razão por que se insiste em modificar os têrmos e a disposição do currículo das matérias, que é a parte técnica do regulamento, quando a proposta a respeito foi feita por quem

estuda a matéria e a ensina há mais de dez anos. Solicito, pois, o restabelecimento do item — *arquitetura*, noções de arquitetura.

Em segundo lugar, sou também contrário à colocação da parte técnica de *Classificação de Objetos*, sob o título de Elementos do Patrimônio Histórico e Artístico, antes da parte geral e da básica da mesma Técnica, que está sob o nome, absolutamente impróprio, de *Inscrições e Documentos*. Peço desculpas, mas isso é tènicamente errado. E' ensinar o difícil antes do fácil. E' como dar álgebra antes de aritmética.

Técnica de Museus é uma cadeira criada por mim depois de longos, meticulosos e pacientes estudos, visando o serviço dos museus nacionais, tôda ela relacionada com o Brasil e de acôrdo com as finalidades e possibilidades dos seus museus.

A *parte geral*, que se estuda de início — Organização, Arrumação, etc. dá ao aluno o sentido do que seja o serviço de museus na sua generalidade. A *parte básica* — noções (veja-se bem: *noções*) de Cronologia, Epigrafia, etc. é ensinada de maneira especial, destinada aos museus e não como se ensina clàssicamente: noções para conhecer as matérias, o sistema e os meios de *classificação* dos documentos epigráficos, bibliográficos, diplomáticos, etc.

A Cronologia é básica. Sem ela, não é possível a classificação dos elementos dessa natureza e menos ainda a classificação dos objetos de heráldica, armaria, etc. Estudar êsses como elementos do patrimônio histórico e artístico, antes dos conhecimentos que lhes servem de base é um contrassenso. A *parte especializada* é a *classificação dos objetos*, o conhecimento técnico dos mesmos e o conhecimento prático. Não é possível classificar senão o que se conhece. Daí as noções de heráldica, armaria, arte naval, viaturas, móveis, etc. O ensino desta parte não é nem pode ser feito como luxo de erudição e sim como coroamento dos conhecimentos dum conservador de museus, a quem se possa apresentar um objeto e êle possa dizer o que é. Por isso, as lições constam do conhecimento geral dos objetos, das fichas de classificação com os pormenores e informes necessários. Insisto que isso é *classificação de objetos* e não *ele-*

mentos de patrimônios ou a *civilização através dos objetos*. Estas designações são simplesmente pretensiosas e aliferatadas, não correspondendo à finalidade técnica do curso.

O ensino das matérias que compõem a *parte básica* e a *parte especializada* da Técnica dos Museus é feito de acôrdo com êstes exemplos.

Noções de Cronologia: a) noções gerais de cronologia; b) noções de cronologia brasileira; c) aplicação das noções à classificação de objetos.

Noções de Epigrafia: a) noções gerais de epigrafia; b) noções de epigrafia brasileira; c) organização duma ficha de classificação de documento epigráfico em pedra, metal, madeira, etc. para um museu brasileiro.

Noções de Heráldica: a) noções gerais de heráldica brasileira; b) organização duma ficha de classificação de documento heráldico.

Noções de armaria: a) noções gerais de armaria (classificação geral das armas); b) noções de armaria brasileira (classificação particular ou especial relativa ao Brasil); c) organização duma ficha de classificação de armas.

E assim por diante.

Como se vê claramente é um estudo *sui-generis* e aplicado a uma finalidade determinada das matérias em consideração. Não é o estudo dessas matérias a fundo em si próprias. Se assim fôsse, seria o caso de criar para cada uma delas uma cadeira pois para estudá-las nessas condições um ano seria pouco.

Sinto dizer que é de lamentar não prevaleça no caso a opinião do professor da cadeira durante dez anos e seu criador, dum técnico no assunto que pode provar de público os seus conhecimentos, que é, graças a Deus, reconhecido como tal até pelas autoridades do país que lhe cometem a honrosa tarefa de dar parecer sobre uniformes e de ministrar conhecimentos sobre armas aos alunos das Escolas Militares, que tem obras publicadas a respeito, que há vinte anos classifica coleções de particulares a pedido dêstes e que já classificou mais de 12 mil objetos no Museu Histórico, para que prevaleça a opinião de

quem nunca versou, ensinou ou deu qualquer outra prova de conhecimento da matéria.

Já me esfalfei pessoalmente, nas conferências havidas em vosso gabinete, para demonstrar que não é possível modificar o esquema da Técnica de Museus apresentado por mim. Meus esforços têm sido vãos. Insiste-se em inventar novidades e em confundir a matéria com outras, de maneira que será esta a derradeira vez em que voltarei ao assunto, pois me parece estar perdendo tempo em demonstrar lógicamente aquilo que por êste ou aquêle motivo há firme propósito em rejeitar.

E' impossível tècnicamente ensinar Técnica de Museus com as modificações feitas no projeto. As noções que a compõem se encadeiam e enlaçam. Separá-las em cadeiras distintas é um desastre.

Peço perdão de manifestar-me assim no caso em aprêço; mas é que continuo a defender a verdade e não quero, quando surjam críticas dos verdadeiros conhecedores de técnica de museus, que a modificação do ensino, defeituosamente feita, corra por minha conta.

Vou exemplificar minuciosamente:

Segundo a orientação traçada no ensino da matéria por mim e a proposta de currículo que fiz, a Técnica de Museus está compreendida desta sorte:

1.º ano: Técnica de Museu, *parte geral* ou *noções gerais*, isto é, parte ou noções servindo a qualquer museu: Organização de *Museus*, Arrumação de *Museus*, Classificação de objetos (princípios gerais para qualquer museu), Catalogação de objetos (*idem*), Restauração de objetos e monumentos (princípios gerais).

2.º ano: Técnica de Museu, *parte básica*, ou *noções básicas*, servindo de preparo técnico do conservador para poder entrar na parte especializada, diferente para os Museus de caráter histórico e os de Belas-Artes: noções de Cronologia, Epigrafia, Paleografia, Diplomática, Bibliografia e Iconografia.

3.º ano: Técnica de Museus, parte especializada com aplicação da teoria à prática, para a classificação pormenorizada

dos objetos em relação aos Museus de caráter histórico tão somente, pois o ensino do 3.º ano em relação aos Museus de Belas Artes é outro. Assim, *classificação* de documentos, relíquias, objetos de Heráldica, Bandeiras, Condecorações, Armaria, Arte Naval, Viaturas, Arquitetura, Mobiliário, Indumentária, Cerâmica, e cristais, Ourivesaria, Prataria e bronzes de arte, Instrumentos de suplício, e Mecanismos.

E' justamente esta parte que se quer denominar *elementos do patrimônio histórico e artístico* e passar para ser ensinada em primeiro lugar, quando ela depende em absoluto do conhecimento das outras que se estudarão *depois*. E' o que se chama ficar de pernas para o ar ou andar o carro adiante dos bois...

Suponhamos o aluno ou o conservador classificando um objeto entrado no Museu. E' uma arma e tem inscrições ou punções de armeiro. Os que conhecem o assunto sabem que estes elementos podem decuplicar o valor do objeto. O classificador como poderá caracterizar a escrita dessa inscrição ou a forma das letras do punção, se não tiver as noções básicas de Epigrafia e Diplomática que lhe ensinaram a distinguir alfabetos e escritas? O mesmo se dará quanto aos *contrastes* de prata e ouro. Como saber se as chamadas *letras ânuas*, que indicam a data da relíquia examinada, são unciais, góticas, cirílicas, monásticas, etc., sem aquelas noções diplomáticas e epigráficas?

Argumentemos ainda: o aluno ou conservador vai classificar um livro de missa que pertenceu à Imperatriz ou um livro raro que foi do Imperador. Se êle não possuir certas noções de bibliografia e iconografia, não o poderá fazer. Como descrever a encadernação com seus cantos, nervuras, mosaicos, fôlhas de rosto, ferros e rendas: como declarar a espécie das gravuras — no texto, em vinheta, em remate, ou fora do texto, sem tais noções? Como indicar o formato: in 4.º, in 8.º, in-fólio? Como distinguir se é um cimélio ou um incunábulo?

E como situar no tempo, nas épocas, qualquer objeto se ainda não aprendeu o que seja cronologia?

Não quero alongar-me mais sôbre o assunto e penso que o que aí está basta para demonstrar o êrro do currículo tal como

se encontra no projeto de regulamentação. Compare-se o mesmo com o seu:

1.º ano: *Elementos do patrimônio histórico e artístico*, isto é: Classificação Especializada de objetos, parte especializada, especializadíssima.

2.º ano: *Inscrições e Documentos*, isto é, parte básica, noções básicas para aquela classificação.

3.º ano: *Técnica de Museus*, parte geral, organização, arrumação, etc.

E' claríssima e completa a inversão da matéria e do ensino. Começa-se pelo particular e acaba-se pelo geral. Nestas condições, não posso, como professor da cadeira, aceitar essa esquematização. Como funcionário, sou obrigado a aceitar e cumprir os regulamentos determinados pela autoridade superior. Como técnico, sou obrigado a discrepar daquilo que tenho a certeza de não estar certo. Como funcionário e como técnico, é meu dever dar uma opinião sincera sôbre assuntos submetidos à minha consideração e esclarecer os responsáveis pelo serviço público nas matérias que julgo de minha competência.

Proponho esta modificação do currículo:

1.º ano: *Técnica de Museus, parte geral*, organização, arrumação, etc., *parte básica*, noções de cronologia, epigrafia, etc.

2.º ano: *Técnica de Museus, parte especializada*, Classificação de objetos de Heráldica, Armaria, Arte Naval, Arquitetura, etc.

3.º ano: *Técnica de Museus, parte aplicada*, prática.

A cadeira é uma só e só uma direção única pode manter a sua unidade doutrinária, acompanhando a evolução do aluno desde seu início até se especializar na Classificação.

Em terceiro, afinal: não vejo razão para o dispositivo em que se permite a nomeação de técnico estrangeiro para dirigir o Curso de Museus. Um estrangeiro nunca poderá *sentir, compreender* e sobretudo *amar* as nossas tradições ao ponto de se tornar um professor delas. Sem amar o Brasil, não é possível fazer a obra que se tem feito no Museu Histórico. E é uma *capitis dimi-*

nutio antecipada dos técnicos e conservadores brasileiros admitir a lei que um estrangeiro os possa substituir com vantagem.

Devo ainda consignar por escrito, a fim de que fique documentada a opinião já exarada por mim pessoalmente nas conferências havidas sôbre outros pontos *ad hoc*:

a) Propus o estudo de História do Brasil e nunca o de História da Civilização Brasileira. Esta designação está hoje condenada pelos cultores da História Pátria. E, se se quiser entendê-la como uma generalização dessa história, é manifesto o êrro de colocá-la no 1.º ano, antes da História do Brasil, obrigando o aluno outra vez a estudar o mais difícil antes do mais fácil. Sem saber a história nos seus fastos, episódios, personagens e datas, vai filosofar sôbre os seus ciclos culturais ou econômicos, o que não tem cabimento.

b) Não vejo motivo técnico para a criação duma cadeira especial de Artes Menores. Essa parte está incluída na cadeira de História da Arte, como é natural que esteja. E' verdade que, enquanto o Curso teve professôres gratuitos e diretor gratuito, produziu ótimos resultados, até formou discípulos que hoje julgam saber mais que os antigos mestres e não provocou interêsse, a não ser dos que a êle se dedicavam por amor ao Museu. Tratando-se de remunerar êsses dedicados servidores, é natural, é humano que aquêle interêsse desperte modificações apressadas, divisões inconsistentes de cadeiras e exhibições de pseudos entendidos.

c) Até agora um professor do Curso podia declarar-se diante de qualquer pessoa *Professor de Técnica de Museus*; se o projeto fôr transformado em dispositivo legal, quero crer que quem se disser *Professor de Inscrições e Documentos* ou *Professor de Elementos do Patrimônio Histórico e Artístico* ou ainda *Professor da Civilização Através dos Objetos* cairá fatalmente no ridículo.

d) Como no caso não me move nenhum interêsse pessoal e sim o interêsse do serviço público, acho preferível continuar o Curso de Museus com seu velho regulamento, com seu currículo certo de disciplinas, com sua direção única, produzindo

os resultados que todos conhecem, embora seu diretor e professores não ganhem um vintém, o que já lhes acontece há dez anos, a ser modificado com proventos materiais para os mesmos e prejuízo para o ensino, conforme ficou demonstrado.

Esperando que compreendereis os intuitos patrióticos e a concepção técnica que ditam os meus comentários, apresento-vos os meus protestos de alta estima e distinta consideração.

Gustavo Barroso — Diretor.

Em consequência êste Projeto de Regulamento do Curso de Museus foi aprovado e decretado pelo Exmo. Chefe da Nação:

DECRETO-LEI n.º 6.689, de 13 de julho de 1944.

Dispõe sobre a organização do Curso de Museus, no Ministério da Educação e Saúde, e dá outras providências.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

Art. 1.º — O Curso de Museus, a que se refere o Decreto-Lei n.º 21.129, de 7 de Março de 1932, passará a ter a organização constante dêste Decreto-Lei e da legislação complementar que fôr expedida.

Art. 2.º — O Curso de Museus terá as seguintes finalidades:

a) preparar pessoal habilitado a exercer as funções de conservador de museus históricos e artísticos ou instituições com finalidades análogas;

b) transmitir conhecimentos especializados sobre assuntos históricos e artísticos, ligados às atividades dos museus mantidos pelo Governo Federal;

c) incentivar o interêsse pelo estudo da História do Brasil e da arte nacional.

Art. 3.º — Para preencher as suas finalidades o Curso de Museus promoverá, independentemente do ensino das disciplinas regulamentares, a realização de conferências e cursos avulsos, destinados a seus alunos ou ao público em geral, na forma estabelecida no respectivo regulamento.

Art. 4.º — Ficam criadas, no Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde, as funções gratificadas de Coordenador e Secretário do Curso de Museus.

§ 1.º — São respectivamente fixadas em Cr\$ 7.800,00 (sete mil e oitocentos cruzeiros) anuais para o Coordenador e... Cr\$ 4.200,00 (quatro mil e duzentos cruzeiros) anuais para o Secretário, as gratificações a que se refere o presente artigo.

§ 2.º — O Coordenador do Curso de Museus será designado pelo Ministro da Educação e Saúde, dentre especialistas em museologia, mediante indicação do Diretor do Museu Histórico Nacional.

§ 3.º — O Secretário do Curso de Museus será designado pelo Diretor do Museu Histórico Nacional dentre funcionários do M. E. S., mediante indicação do Coordenador do Curso e prévia autorização do Ministro de Estado, quando noutro serviço ou repartição estiver lotado o funcionário indicado.

§ 4.º — Os serviços administrativos serão executados, sob a supervisão do Coordenador, pelo Secretário, por funcionários lotados no Curso ou por extranumerários admitidos na forma da lei.

Art. 5.º — O ensino será ministrado por professôres designados pelo Diretor do Museu Histórico Nacional mediante proposta do Coordenador do Curso, dentre especialistas em museologia, nacionais e estrangeiros, servidores do Estado ou não.

§ 1.º — Os professôres também poderão ser admitidos como extranumerários, na forma da lei.

§ 2.º — Os funcionários designados na forma dêste artigo, poderão, em casos especiais e mediante autorização do Presidente da República, ser dispensados dos trabalhos da repartição ou serviço em que estiverem lotados, mas ficarão obrigados, nesta hipótese, a dezoito horas semanais de aulas ou trabalhos escolares, sem direito aos honorários previstos no parágrafo seguinte.

§ 3.º — Os professôres não compreendidos nos casos de que tratam os §§ 1.º e 2.º dêste artigo perceberão, nos têrmos

da legislação vigente, honorários de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros), por hora de aula dada ou de trabalho executado, até o limite máximo de seis horas por semana.

Art. 6.º — Sempre que solicitados, os Museus oficiais cooperarão com o Curso, fornecendo elementos para a realização de estudos e pesquisas e facilitando aos alunos a execução de trabalhos práticos.

Art. 7.º — Poderão ser concedidas, anualmente, bolsas de estudo destinadas a candidatos residentes fora do Distrito Federal e da Capital do Estado do Rio de Janeiro e escolhidos de preferência entre servidores estaduais e municipais, com exercício em museus históricos ou de belas artes.

Parágrafo único. — De acôrdo com os recursos orçamentários, serão expedidas pelo Ministro da Educação e Saúde, por proposta do Diretor do Museu Histórico Nacional, instruções anuais que determinarão o valor e número total das bolsas, os cursos para os quais serão concedidas, sua distribuição pelos diferentes Estados, assim como deveres e obrigações dos beneficiários.

Art. 8.º — A organização do Curso, sua duração, o regime escolar, as condições de matrícula e demais disposições referentes ao seu funcionamento serão fixados em regulamento.

Art. 9.º — Fica aberta no Ministério da Educação e Saúde o crédito especial de Cr\$ 46.000,00 (quarenta e seis mil cruzeiros) para atender às despesas com as funções gratificadas, criadas neste Decreto-Lei, e com os honorários dos professôres a partir desta data.

Art. 10 — O presente Decreto-Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1944, 123.º da Independência e 56.º da República.

as.) *Getúlio Vargas.*
Gustavo Capanema.
Paulo Lira.

REGULAMENTO DO CURSO DE MUSEUS

TÍTULO I

Do Curso

CAPÍTULO I

Das Finalidades

Art. 1.º — O Curso de Museus a que refere o art. 8.º do Decreto-Lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1944, tem como finalidade.

a) preparar pessoal habilitado a exercer as funções de conservador de museus históricos e artísticos ou de instituições análogas;

b) transmitir conhecimentos especializados sobre assuntos históricos e artísticos, ligados às atividades dos museus mantidos pelo Govêrno Federal;

c) incentivar o interêsse pelo estudo da História do Brasil e da arte nacional.

CAPÍTULO II

Da Organização

Art. 2.º — Para preencher as suas finalidades, o Curso de Museus será ministrado em três séries, correspondentes a três anos letivos e divididas em duas partes:

1. Parte Geral.

2. Parte Especial.

Parágrafo único — A Parte Geral compreende duas séries, comuns a todos alunos, e a Parte Especial uma série para cada uma das seguintes seções:

a) Museu Histórico; e

b) Museu de Belas-Artes ou Artísticos.

Art. 3.º — As disciplinas do Curso de Museus serão assim distribuídas:

Parte Geral

1.^a Série

1. História do Brasil Colonial
2. História da Arte (Parte Geral)
3. Numismática (Parte Geral)
4. Etnografia
5. Técnica de Museus (Parte Geral).

2.^a Série

1. História do Brasil Independente
2. História da Arte Brasileira
3. Numismática Brasileira
4. Artes Menores
5. Técnica de Museus (Parte Especial).

Parte Especial

3.^a Série

Seção de Museus Históricos

1. História Militar e Naval do Brasil
2. Arqueologia Brasileira
3. Sigilografia e Filatelia
4. Técnica de Museus (Parte Aplicada).

Seção de Museus de Belas-Artes ou Artísticos

1. Arquitetura
2. Pintura e Gravura
3. Escultura
4. Arqueologia Brasileira, Arte Indígena e Arte Popular
5. Técnica de Museus (Parte Aplicada).

§ 1.º — A disciplina Técnica de Museus (Parte Geral) da 1.ª Série terá como introdução o estudo das finalidades sociais e educativas dos museus e compreenderá os seguintes tópicos: — organização, arrumação, classificação, catalogação, adaptação de edifícios e noções de restauração.

§ 2.º — A disciplina Técnica de Museus (Parte Básica) da 2.ª Série, terá como introdução o estudo da cronologia e compreenderá as noções básicas de epigrafia, paleografia, diplomática, iconografia e bibliografia.

§ 3.º — A disciplina Técnica de Museus (Parte Aplicada), da 3.ª Série, será especializada e constará da aplicação dos estudos feitos nas demais disciplinas aos problemas inerentes, respectivamente, aos museus históricos e de belas-artes.

CAPÍTULO III

Das Condições de Admissão

Art. 4.º — O candidato a matrícula no Curso de Museus deverá ter curso secundário completo (ginasial e colegial).

Art. 5.º — Além das matrículas comuns no curso regular, poderão ser concedidas matrículas em uma ou mais disciplinas avulsas, podendo também ser feita inscrição de alunos ouvintes.

§ 1.º — O aluno matriculado em disciplinas avulsas será submetido ao mesmo regime escolar dos outros alunos.

§ 2.º — O ouvinte poderá participar de todos os trabalhos escolares, não ficando, no entanto, sujeito a provas, nem tendo direito a certificado ou diploma.

§ 3.º — O aluno matriculado numa Seção poderá ser inscrito em quaisquer disciplinas pertencentes a outra Seção, caso não haja incompatibilidade de horário.

Art. 6.º — Os cursos avulsos, bem como as condições de matrícula nos mesmos, serão determinados pelo Diretor do Museu Histórico Nacional, mediante proposta do Coordenador do Curso.

Art. 7.º — O limite de matrícula no Curso será anualmente fixado pelo Diretor do Museu Histórico Nacional, de acordo com o Coordenador do Curso.

Parágrafo único. — Quando o número de candidatos à matrícula fôr superior ao das vagas será feito exame vestibular compreendendo: História Geral; História do Brasil; Geografia do Brasil; Línguas Estrangeiras, a escolher duas dentre as seguintes: Francês, Inglês, Alemão e Italiano.

Art. 8.º — A matrícula poderá ser cancelada a pedido do aluno ou por conveniência do regime disciplinar.

TÍTULO II

Do Ensino

CAPÍTULO I

Da Duração do Curso e do Ano Escolar

Art. 9.º — Cada série do Curso de Museus terá a duração de um ano e os Cursos Avulsos a que fôr necessária ao preenchimento de suas finalidades.

Art. 10 — O ano escolar do Curso de Museus compreenderá os seguintes períodos:

- a) período letivo; e
- b) período de férias.

Art. 11 — O período letivo, que se destinará a aulas, exercícios e exames, dividir-se-á em:

- a) período de exame vestibular: — 15 de fevereiro a 1 de março;
- b) período de matrículas: — 1 a 10 de março;
- c) primeiro período de aulas: — de 15 de março a 15 de julho;
- d) segundo período de aulas: — de 1 de agosto a 30 de novembro; e
- e) período de provas finais: — de 1 a 15 dezembro.

Art. 12 — O período de férias será 15 a 31 de julho.

CAPÍTULO II

Da Elaboração e Execução dos Programas

Art. 13 — O ensino das disciplinas obedecerá a programas, elaborados pelos professôres e submetidos à aprovação do Coordenador do Curso, que poderá revê-los, tendo em vista a finalidade do Curso e a conveniente correlação das disciplinas.

Art. 14 — Na execução dos programas, conforme o assunto, serão adotados como meios de ensino: — preleções, arguições, exercícios de aplicação, trabalhos práticos, debates e discussões em seminário, projeções luminosas sôbre coleções de museus ou particulares, excursões a pontos do país, onde haja preciosidades históricas e artísticas, visitas a museus, ou quaisquer outros meios próprios para ensino das respectivas disciplinas.

§ 1.º — O aluno exercitar-se-á individualmente na identificação, classificação e estudo de peças existentes nos museus, devendo apresentar relatórios e outros trabalhos, contendo observações pessoais sôbre temas dos programas das diversas disciplinas.

§ 2.º — As excursões e visitas serão precedidas duma exposição geral e terão caráter obrigatório.

§ 3.º — Tanto quanto possível, o assunto de cada disciplina deverá ter estreita relação com o tirocínio técnico indispensável ao exercício das funções para qual o curso se destina.

Art. 15 — Os trabalhos próprios dos currículos constarão de aulas, de exercícios e de exames escolares.

Parágrafo único. — Os professôres farão o julgamento dos exercícios e exames por meio de notas inteiras, graduadas de zero a cem.

Art. 16 — O plano de distribuição de tempo será elaborado pelo Coordenador do Curso.

Art. 17 — As matérias constantes dos programas deverão ser tratadas integralmente, pelo professor, sendo as infrações dêste dispositivo examinadas pelo Coordenador, que proporá às autoridades superiores as providências necessárias, quando estas forem de sua alçada.

Art. 18 — É obrigatória a freqüência às aulas; os exercícios escritos, orais ou práticos serão igualmente obrigatórios para os alunos regulares e para os inscritos em disciplinas avuisas.

Parágrafo único. — O aluno que em determinada disciplina faltar a mais de 25% de aulas, exercícios, visitas ou trabalhos obrigatórios, não poderá prestar prova final da mesma.

CAPÍTULO III

Dos Exames e da Habilitação

Art. 19 — Haverá no período letivo, para cada disciplina, prova parcial no fim de cada período de aulas e uma prova final, sendo esta na primeira quinzena de dezembro.

Parágrafo único. — Além das provas referidas neste artigo, poderão ser realizadas outras, para verificação do aproveitamento dos alunos, propostas pelo professor da disciplina e aprovadas pelo Coordenador do Curso.

Art. 20 — Terminados os exames finais, será considerado habilitado o aluno que obtiver nota igual ou superior a 60 pontos no conjunto das disciplinas do Curso e nota mínima final de 50 pontos em cada disciplina, desde que satisfeitas as exigências relativas à freqüência.

Art. 21 — A nota final de cada disciplina será a média das seguintes notas:

- a) média dos graus obtidos nos exercícios;
- b) média das provas parciais;
- c) nota da prova final.

Parágrafo único. — A média poderá ser ponderada, cabendo ao Coordenador do Curso, por proposta do professor, fixar, para cada disciplina, os pesos a serem adotados.

Art. 22 — A média geral do aluno será constituída pela média aritmética das notas finais obtidas em cada uma das disciplinas do curso.

Art. 23 — O aluno rematriculado em uma série, por não haver satisfeito as exigências do art. 20, poderá ficar dispen-

sado de cursar novamente as disciplinas em que haja obtido nota final não inferior a 60 pontos.

Parágrafo único. — No caso de ter sido a inabilitação decorrente do disposto sôbre a freqüência no art. 18, parágrafo único, apurar-se-á a nota final, para efeito do presente artigo, atribuindo-se nota zero à prova final.

CAPÍTULO IV

Dos Diplomas e Certificados

Art. 24 — Ao aluno que concluir o Curso de Museus será conferido diploma.

Art. 25 — Ao aluno matriculado em disciplina avulsa, nos termos do art. 5.º dêste Regulamento e que preencher as condições de habilitação, será expedido certificado de freqüência, com aproveitamento, no qual constará a nota final obtida.

Art. 26 — A conclusão de curso avulso dará direito a certificado.

CAPÍTULO V

Do Coordenador

Art. 27 — A administração escolar será concentrada na autoridade do Coordenador e orientar-se-á no sentido de eliminar tôda a tendência para a artificialidade e a rotina, promovendo a execução de medidas que dêem ao Curso atividade, realismo e eficiência.

Art. 28 — O Coordenador do Curso será designado pelo Ministro da Educação e Saúde, mediante indicação do Diretor do Museu Histórico Nacional, ao qual ficará diretamente subordinado.

Art. 29 — Os serviços técnicos e administrativos serão executados, sob a orientação do Coordenador do Curso, por um Secretário, designado nos termos do Art. 4.º § 3.º do Decreto-Lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1944, pelos funcio-

nários lotados no Curso e por extranumerários admitidos na forma da lei.

Art. 30 — Nas suas faltas ou impedimentos eventuais, o Coordenador do Curso será substituído pelo Secretário ou por um professor por êle indicado.

Art. 31 — Ao Coordenador do Curso compete:

a) entender-se com as autoridades superiores sôbre todos os assuntos de interêsse do Curso e dependentes de decisão daquelas;

b) promover entendimentos com diretores de museus ou chefes de repartições semelhantes, relativamente aos assuntos que interessam ao funcionamento e aos objetivos do Curso;

c) superintender os serviços técnicos e administrativos, de acôrdo com as disposições da lei e dêste Regulamento;

d) fiscalizar a fiel execução dos regimes escolar e didático, especialmente quanto à observância de horários, programas, realização de provas e demais atividades de professôres e alunos;

e) sugerir ao Diretor do Museu Histórico Nacional a organização de cursos avulsos e propor, a realização de conferências;

f) fornecer ao Diretor do Museu Histórico Nacional as indicações necessárias às propostas de designação de professôres e examinadores;

g) rever e aprovar os programas de ensino elaborados pelos professôres;

h) organizar horários do curso e submetê-los à aprovação do Diretor do Museu Histórico Nacional;

i) convocar o corpo docente e a êle submeter o estudo de questões referentes ao ensino ou designar comissões para o mesmo fim;

j) expedir instruções que se fizerem necessárias ao eficiente funcionamento do Curso;

l) assinar certificados e diplomas, juntamente com o Diretor do Museu Histórico Nacional;

m) indicar ao Diretor do Museu Histórico Nacional um funcionário do M. E. S. para servir como Secretário do Curso;

n) conceder férias regulamentares;

o) rubricar livros de aulas e escrituração; autorizar despesas, visar contas e assinar expediente relativo a despesas, fôlhas de pagamento e pedidos de material;

p) aplicar penalidades;

q) apresentar o relatório anual dos trabalhos e o projeto de orçamento do Curso;

r) exercer as demais atribuições que lhe competem, nos termos da legislação em vigor e dêste regulamento.

CAPÍTULO VI

Do Corpo Docente

Art. 32 — O Curso será ministrado por professôres, designados pelo Diretor do Museu Histórico Nacional mediante proposta do Coordenador do Curso, dentre especialistas em museologia, nacionais ou estrangeiros, servidores do Estado ou não.

§ 1.º — Os professôres também poderão ser admitidos como extranumerários, na forma da lei.

§ 2.º — Os funcionários designados nos termos dêste artigo poderão, em casos especiais e mediante autorização do Presidente da República, ser dispensados dos trabalhos da repartição ou serviço em que estiverem lotados, mas ficarão obrigados, nesta hipótese, a dezoito horas semanais de aulas ou trabalhos escolares, sem direito aos honorários previstos no parágrafo seguinte.

§ 3.º — Os professôres não compreendidos nos casos dos §§ 1.º e 2.º dêste artigo perceberão, nos termos da legislação vigente, honorários de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) por hora de aula dada ou de trabalho executado, até o limite máximo de seis horas por semana.

Art. 33 — Aos professôres compete:

a) elaborar o programa da disciplina respectiva e submetê-lo à aprovação do Coordenador do Curso;

b) dirigir e orientar o ensino da respectiva disciplina, executando, integralmente, de acôrdo com o melhor critério didático, o programa elaborado;

c) conferir notas de julgamento aos exercícios e às provas parciais ou finais;

d) tomar parte em reuniões do corpo docente e em comissões de exames ou de estudos, quando para isso designados;

e) sugerir ao Coordenador do Curso as medidas necessárias ao desempenho de suas atribuições e providenciar para que o ensino sob sua responsabilidade seja o mais eficiente possível;

f) apresentar ao Coordenador do Curso relatório anual, sobre as atividades relativas ao ensino da disciplina a seu cargo;

g) exercer as demais atribuições, conferidas pela lei, pelo regulamento e pelas instruções especiais baixadas pela autoridade competente.

CAPÍTULO VII

Do Intercâmbio

Art. 34 — Poderão ser concedidas, anualmente, bolsas de estudo para o Curso, destinadas a candidatos residentes fora do Distrito Federal e da Capital do Estado do Rio de Janeiro e escolhidos de preferência entre servidores estaduais e municipais com exercício em museus.

Parágrafo único. — De acôrdo com os recursos orçamentários, serão expedidas, pelo Ministro de Estado, por proposta do Diretor do Museu Histórico Nacional, instruções anuais que determinarão o valor, número total das bolsas, os cursos para os quais serão concedidas, sua distribuição pelos diferentes Estados, assim como os deveres e obrigações dos beneficiários.

CAPÍTULO VIII

Das Disposições Gerais e Transitórias

Art. 35 — O aluno regularmente matriculado no Curso de Museus cursará a série correntemente do Curso de Museus a que se refere êsse Regulamento.

Art. 36 — As adaptações necessárias para regularizar a situação dos alunos matriculados no Curso de Museus serão estudadas individualmente pelo Coordenador do Curso e submetidas à consideração do Diretor do Museu Histórico Nacional.

Art. 37 — No decorrer do ano de 1944 não funcionará a 3.^a Série do Curso de Museus.

Art. 38 — Os servidores públicos ocupantes de cargos ou funções específicos de serviços técnicos de museus poderão ser matriculados no Curso de Museus, independentemente de exibição do certificado de conclusão do curso secundário.

Art. 39 — Sempre que solicitados, os museus oficiais cooperarão com o Curso de Museus, fornecendo elementos para realização de estudos e pesquisas e facilitando aos alunos a execução de trabalhos práticos.

Art. 40 — Os casos omissos no presente regulamento serão resolvidos pelo Ministro de Estado, por proposta do Diretor do Museu Histórico Nacional, ouvido o Coordenador do Curso.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1944.

(a) *Gustavo Capanema.*



★ Impresso na ★
EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA
★ São Paulo ★